

2ª Série, Ano 4 - Nº 7

Solstício de Verão de 2024

Semestral

ADFRATRES



Revista do
SUPREMO
CONSELHO
PARA PORTUGAL

7

A photograph of the Stonehenge monument in England at sunset. The sky is a mix of blue and orange, with the sun low on the horizon. The large grey stone structures are silhouetted against the bright light. One of the central stones has a red circular mark on its face.

Ficha Técnica

Revista Digital Semestral

Propriedade: Associação Cultural Albert Pike

Direcção Editorial: António M. Balcão Vicente

Sede: Rua João Saraiva, 34, 1º

1700-250 Lisboa

adfratres@scg33.pt

2ª Série, Ano 4, Nº 67

(Solstício de Verão)

20 de Junho de 2024

O conteúdo dos textos é da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

INDICE

Editorial	4
Mensagem do Soberano	6
A Complexa teia entre a fé e a razão	7
Amizade fraternal	10
Amor fraternal	12
Para uma renovada leitura heráldica do “Painel do Acampamento” do Grau 32º, Sublimes Príncipes do Real Segredo	16
Um caminho para despertar	38
Spes mea in Deo est	40
A Construção do espaço... ou um espaço em construção	47
As três Luzes do estoicismo	60
Organizações humanas e as organizações do futuro	65
Curto Ensaio sobre a Igualdade e a Liberdade	71
A Lenda do Grau 15	74
Leituras	78
Eventos	85

Editorial

“Vemos ouvimos e lemos, não podemos ignorar” era o grito que, na sua voz suave, Sophia de Mello Breyner Andresen, entoava durante uma vigília na Capela do Rato, em Lisboa, contra a guerra colonial e a favor da liberdade.

Também, nós, hoje, vemos, ouvimos e lemos. Estaremos a ignorar?

Tempos de desafio, são os que vivemos. De desafio e desespero, mas também de heroísmo e de esperança.

É quando as nuvens mais negras se agigantam no horizonte que descobrimos a força que nunca imaginámos possuir. Como homens e maçons devemos saber empregá-la. Com a coragem de quem sabe que a Luz sempre acabará por brilhar.

Vários são os perigos que, hoje, se colocam ao Homem e ao planeta que partilhamos.

“Estamos numa autoestrada para o inferno com o pé no acelerador”, alertava, há pouco tempo, o secretário-geral da ONU, António Guterres.

Só os tolos não acreditam nas alterações climáticas e nos perigos delas decorrentes, avisou recentemente o papa Francisco.

Em 2015, na Conferência Mundial de Supremos Conselhos que o Supremo Conselho para Portugal organizou em Lisboa, alertámos para o facto de este modelo de desenvolvimento ser “socialmente injusto e ecologicamente destruidor”, lembrando que à “Maçonaria e ao REAA incumbe um papel fundamental no processo de implantação das mudanças necessárias ao novo modelo” assente nos princípios da **Carta da Terra**.

Mais uma vez é tempo de recordar as palavras de Leonardo Boff:

*A **Carta da Terra** parte de uma visão integradora e holística. Considera a pobreza, a degradação ambiental, a injustiça social, os conflitos étnicos, a paz, a democracia, a ética e a crise espiritual como problemas interdependentes que demandam soluções inclusivas. Ela representa um grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e o projecto planetário humano. Significa também um libelo em favor da esperança de um futuro comum da Terra e Humanidade.*

O empenhamento do R.:E.:A.:A.: neste processo corresponde à universalização do Templo, à intervenção da Ordem na sociedade, assente na Solidariedade maçónica edificada sobre a iluminação que irradia do Templo interior.

“Vemos ouvimos e lemos, não podemos ignorar”



MENSAGEM DO SOBERANO

Meus Queridos Irmãos

A maçonaria enfrenta nos dias de hoje novos desafios devido às mudanças sociais, políticas e culturais que têm impacto na organização e na forma como ela é percebida pela sociedade. A maçonaria precisa de se adaptar às novas realidades e garantir que continue relevante para as gerações mais novas. Isso envolve rever e atualizar as suas práticas e tradições, bem como comunicar de forma eficaz os seus valores e princípios para a sociedade.

A maçonaria precisa de garantir que as suas atividades sejam realizadas de forma ética e em conformidade com as leis e regulamentos.

A maçonaria historicamente tem sido uma organização masculina. No entanto, há uma crescente demanda por uma maior diversidade e inclusão dentro da organização.

A organização precisa trabalhar activamente para melhorar a sua imagem e esclarecer equívocos, demonstrando o seu compromisso com valores como a fraternidade, a igualdade e a solidariedade. Como uma organização com estruturas complexas e hierárquicas, a maçonaria enfrenta desafios relacionados com a gestão eficaz e transparente. É importante garantir que as lideranças sejam responsáveis e competentes, e que haja mecanismos de prestação de contas e tomada de decisões transparentes.

Em resumo, a maçonaria enfrenta, nos dias de hoje, diversos desafios que exigem uma abordagem proactiva e adaptativa para garantir a sua sobrevivência e relevância no mundo contemporâneo. A organização precisa de se reinventar e evoluir para responder às demandas e expectativas da sociedade actual, ao mesmo tempo que preserva as suas tradições e valores fundamentais.

A Conferencia Mundial a realizar em Bucareste, na Roménia, em 2025, elegeu como tema “ O Rito Escocês: Desafios, Oportunidades e Possíveis Soluções!”.

O Rito Escocês, com a sua história rica e profundamente enraizada, oferece uma ampla gama de desafios, oportunidades e possíveis soluções que devem ser consideradas pelos maçons que seguem essa tradição.

Um dos principais desafios enfrentados pelos adeptos do Rito Escocês é manter a relevância e a vitalidade da tradição num mundo em constante mudança. Com a evolução da sociedade e das instituições, é fundamental que os maçons do Rito Escocês estejam abertos a adaptações e inovações que possam garantir a continuidade e o crescimento da tradição.

Além disso, o Rito Escocês enfrenta, também, o desafio de atrair e reter novos membros. Com a diminuição do interesse nas organizações fraternais e na espiritualidade em geral, é essencial que os maçons do Rito Escocês desenvolvam estratégias eficazes de recrutamento e garantam a sustentabilidade da tradição a longo prazo. Com a colaboração e o comprometimento dos membros, é possível superar os obstáculos e construir um futuro brilhante para o Rito Escocês e para a tradição maçônica como um todo.



Grand Lodge of the United Kingdom



ORDO AB CHAO
DEUS MEUMQUE IUS

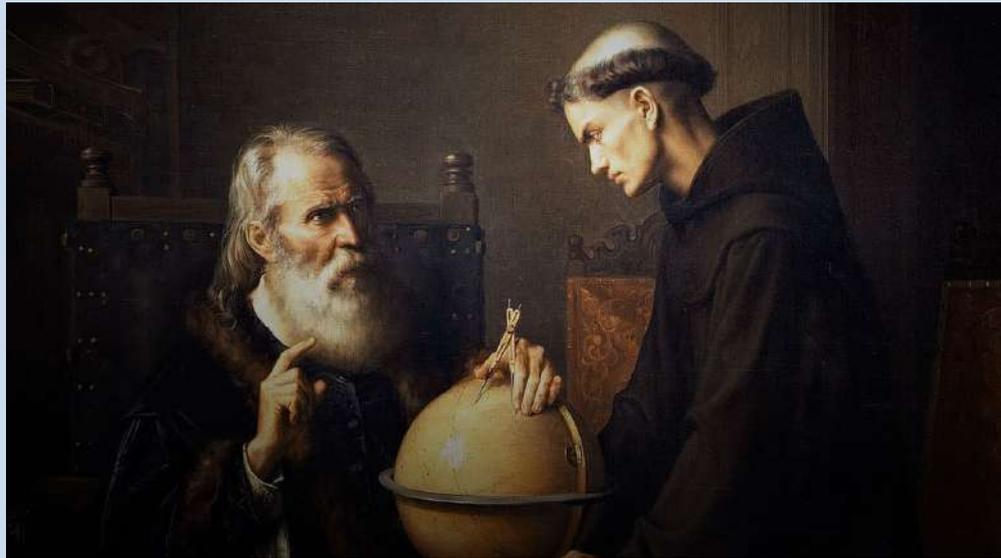
A Complexa Teia Entre Fé e Razão

A interação entre fé e razão é uma narrativa que atravessa os anais da história humana, uma dança complexa entre o transcendental e o lógico. Estas duas dimensões da compreensão humana, frequentemente percebidas como divergentes ou até mesmo conflitantes, são essenciais para a nossa percepção do mundo e do nosso papel nele. A relação entre fé e razão é uma jornada sutil, uma dança intelectual e espiritual que se desdobrou ao longo dos séculos, moldando os contornos da filosofia, teologia e da experiência humana.

No seu âmago, a fé encarna uma dimensão profundamente pessoal, e muitas vezes transcendental, da existência humana. Ela é o alicerce das crenças religiosas, fornecendo um quadro para entender os mistérios do universo e o propósito da vida humana. A fé frequentemente repousa sobre uma base de confiança, abraçando verdades que podem transcender a evidência empírica. É uma força que une comunidades, oferecendo consolo, orientação e um sentido de significado diante das incertezas da vida.

Por outro lado, a razão surge como a tocha da Ilustração, iluminando o caminho da investigação e compreensão empíri-

cas. Enraizada na lógica, na evidência e no método científico, a razão busca desvendar os mistérios do mundo natural por meio da observação e análise. Ela é o motor do progresso, impulsionando



avanços tecnológicos, descobertas médicas e a busca incessante do conhecimento.

Na aparentemente paradoxal relação entre fé e razão, é necessário navegar por um terreno repleto de tensões e harmonias. Em alguns momentos, elas parecem colidir com dogmas religiosos, aparentemente em desacordo com descobertas científicas. Exemplos como o episódio de Galileu ou o debate em torno da teoria da evolução destacam os momentos em que essas duas forças parecem divergir.

No entanto, em outros momentos, fé e razão convergem, complementando-se de maneiras que enriquecem a experi-

ência humana.

A fé, muitas vezes, oferece respostas para questões que a razão ainda não pode abordar plenamente. Ela preenche lacunas deixadas pela ciência, proporcionando um conforto espiritual e um senso de propósito que transcende os limites do conhecimento empírico. Por outro lado, a razão proporciona um meio de compreensão do mundo tangível, desvendando os mistérios da natureza e proporcionando avanços que melhoram a qualidade de vida.

Essa interação dinâmica entre fé e razão é evidente em pensadores ao longo da história, desde os Padres da Igreja até filósofos iluministas e cientistas contemporâneos. São muitos os que argumentam que essas duas forças não são mutuamente exclusivas, mas sim complementares, oferecendo perspectivas distintas sobre a complexidade da existência humana.

Num mundo cada vez mais secularizado, a interação entre fé e razão continua a ser uma questão premente. Como conciliamos os ensinamentos religiosos com as descobertas científicas? Como equilibramos a necessidade de transcendência espiritual com a busca pela verdade objetiva? Essas são questões que ecoam através das eras e que cada indivíduo é chamado a enfrentar.

maçonaria, uma sociedade discreta e secular, tem sido frequentemente associada a discussões sobre a interação entre fé e razão. Para compreender essa

relação dentro do contexto da maçonaria, é necessário explorar tanto os princípios filosóficos quanto os aspectos históricos dessa organização.

A maçonaria é conhecida por promover valores como liberdade, igualdade, fraternidade e tolerância. Estes princípios fundamentais têm raízes na Iluminação e na tradição ocidental, onde a razão é celebrada como uma ferramenta essencial para a compreensão do mundo. No entanto, a maçonaria não é uma organização religiosa e a sua estrutura acolhe membros de diversas crenças religiosas ou mesmo sem alguma delas.

Dentro da maçonaria, a fé e a razão coexistem, não como elementos conflitantes, mas como complementares. A busca pela verdade, pelo conhecimento e pelo aprimoramento pessoal é encorajada, promovendo uma abordagem racional para a compreensão do universo e da existência humana. Ao mesmo tempo, a maçonaria reconhece a importância da dimensão espiritual na vida dos seus membros.

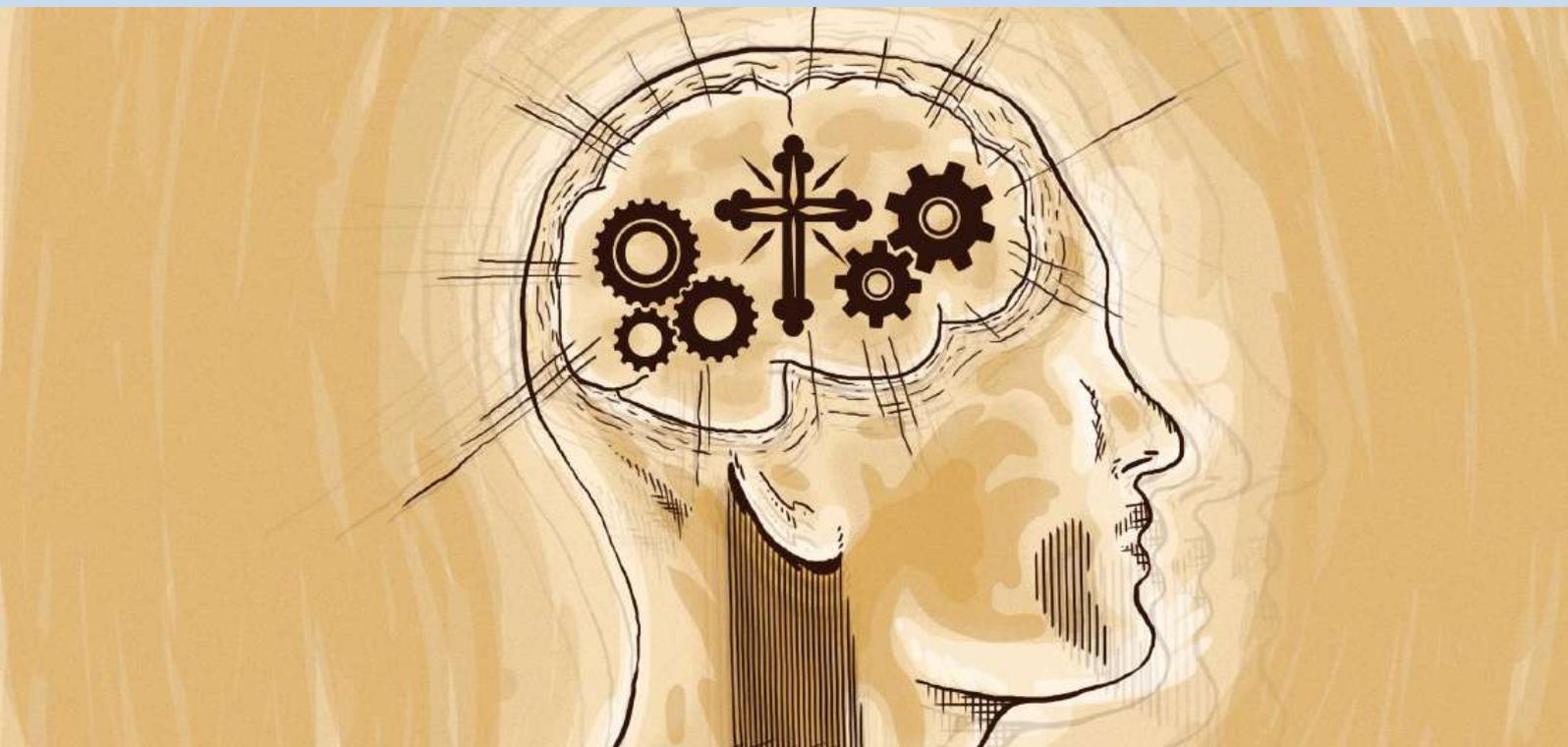
A fé na maçonaria muitas vezes não se refere a dogmas religiosos específicos, mas sim a uma fé mais ampla na humanidade, na fraternidade entre os seres humanos e na busca constante pela evolução moral e intelectual. Os rituais maçônicos e símbolos são frequentemente interpretados como meios de transmitir lições morais e éticas, utilizando uma linguagem simbólica que ressoa com a experiência humana e transcende barreiras religiosas.

A maçonaria, pela sua natureza discreta, não prescreve uma visão específica sobre a relação entre fé e razão. Em vez disso, ela proporciona um espaço para a reflexão individual e o diálogo construtivo entre os irmãos, independentemente das suas convicções religiosas ou filosóficas. Essa abordagem inclusiva contribui para a convivência harmoniosa de diferentes perspectivas dentro da Augusta Ordem.

Na busca de uma compreensão mais profunda da relação entre fé e razão, é fundamental cultivar um diálogo aberto e respeitoso entre as diversas opiniões. Reconhecer a riqueza da diversidade de experiências e crenças é essencial para

tante e a busca de um entendimento mais abrangente. À medida que continuamos a explorar os mistérios do universo e os significados mais profundos da vida, a dança entre fé e razão permanece como uma parte integral da jornada humana em direção à compreensão e transcendência.

Pedro Melo, 18º



construir pontes em vez de muros, promovendo uma coexistência pacífica entre fé e razão.

Em última análise, a relação entre fé e razão é um convite para a reflexão cons-

Amizade Fraternal

A Maçonaria é uma fraternidade. Os Maçons consideram-se unidos entre si por laços afectivos similares aos que se verificam entre irmãos de sangue.

Mas, na realidade, o suporte da Fraternidade é o reconhecimento de que nenhum de nós é perfeito, pelo que temos que nos responsabilizar e assumir o compromisso, conosco e para com os outros, de estar disponíveis para desbastar a pedra bruta e efectuar a introspecção relativamente às nossas imperfeições. E, quando se comete algum erro, não devemos persistir nessa anomalia e tirar as lições e lições que permitam proceder melhor no futuro.

Mesmo em grupos fortes em Fraternidade, e porque somos humanos, verificam-se certas conflitualidades. Contudo, os grupos mais coesos e fraternos aprendem e sabem como melhor fazer a gestão desses conflitos.

Deste modo, no seio dos Maçons deverá existir uma amizade verdadeira e uma permanente ajuda e protecção fraternais. Veja-se, como exemplo, o Tronco da Viúva, o qual tem como principal objectivo praticar acções de solidariedade e fraternidade.

De realçar, também, que, com base em princípios que se verificam na Maçonaria, as relações de Amizade entre Maçons são diferentes das que existem no mundo profano.

Na verdade, a Amizade e a Fraternidade

colocam os Maçons numa situação de igualdade no seio de uma comunhão de espíritos, o que lhes confere uma supremacia moral sobre o mundo profano, onde o exercício dessas Amizade e Fraternidade é meramente opcional.

Com base na experiência e conhecimento obtidos ao longo do tempo como Maçon, posso afirmar que existe uma preocupação constante em auxiliar quem precisa, em colaborar com quem mais necessita de ajuda, baseada numa forte vertente social e humana, onde a Amizade e a Fraternidade se revestem duma condição essencial, não apenas entre Irmãos, mas também para quem vive somente no mundo profano.

Na verdade, já tive a oportunidade de confirmar essa preocupação quando tive problemas de saúde, que, claramente, é o principal bem da nossa vida.

Nessa altura, senti um forte apoio dos MQII que tiveram conhecimento da situação em que me encontrava, nomeadamente para me proporcionarem, com a rapidez requerida, os meios clínicos necessários a uma recuperação tão rápida, quanto possível.

De facto, estamos na Maçonaria porque queremos com o grande objectivo de sermos verdadeiros Maçons, de acordo com os requisitos já referidos e tendo em consideração que os benefícios que devemos estar disponíveis para obter são, fundamentalmente, os provenientes da Amizade

e da Fraternidade.

Assim, é de realçar que, ao longo dos anos, devido a uma maior consciencialização da nossa condição de Maçon e das caracterís-



ticas mais importantes para sermos considerados como tal, tem-se verificado uma evolução muito positiva do conceito de Amizade Fraternal.

Carlos Lisboa Nunes, 18º

Amor fraternal

A união de homens livres e de bons costumes tem difundido entre as sociedades espalhadas por todos os cantos da Terra a necessidade da união de todos em prol do bem comum e do bem-estar da humanidade.

A maçonaria universal estrutura-se sobre três pilares indissolúveis e que não se separam: liberdade, igualdade e fraternidade.

Quando nos reunimos em fraternas assembleias invocamos a protecção do Grande Arquitecto Do Universo, como denominamos Deus, ou o Espírito Criador que tudo rege no universo, e propomo-nos a caminhar numa senda de verdadeira luz.

Se buscamos conceitos tão plenos de bondade e justiça como estes, o nosso caminho não pode ser senão o da união, o da paz e da irmandade que reúne homens e mulheres em perfeita harmonia e concórdia. Deste modo propomos a todos os que se aproximam de nós e levamos onde seja possível a nossa voz a ser ouvida, numa mensagem de edificação e evolução espiritual baseada na paz e no bem.

Nós, Maçons comprometidos com a construção de um mundo melhor, mais justo e fraterno, precisamos de ter no nosso discurso a clara definição do nosso compromisso com esses valores. Além do discurso precisamos ter na *praxis*, que é a Acção concreta ba-

seada nestas ideias, o exemplo vivo de que a responsabilidade pela edificação deste mundo que sonhamos começa em cada acto nosso, em cada gesto, em cada desejo de agregar e não repelir, em cada sonho de fraternidade e viva comunhão de ideais.

O acto concreto, as acções em prol da construção desta humanidade sonhada, passam obrigatoriamente pela aliança entre o discurso e os gestos. A maçonaria prega nas suas Lojas a edificação desta humanidade fraterna e exorta os seus irmãos a trabalharem incessantemente nesse sentido. O nosso compromisso precisa ser de luta diária para unir homens, grupos, comunidades, nações e povos num único sentido que seja o do bem e da paz para todos. Os maçons precisam de ser exemplos vivos do compromisso, do discurso e das acções nesse sentido.

A divisa utilizada pela maçonaria de língua inglesa (Brotherly Love - Relief - Truth; Amor Fraternal - Auxílio - Verdade) elenca as características indispensáveis à Instituição Maçónica.

O Amor Fraternal leva à corrente referência de que a Maçonaria é uma Fraternidade. O amor fraternal de alguma forma tem características distintas dos outros tipos de afeição, incluindo uma natural componente de emulação entre irmãos que, bem vistas as coisas, é

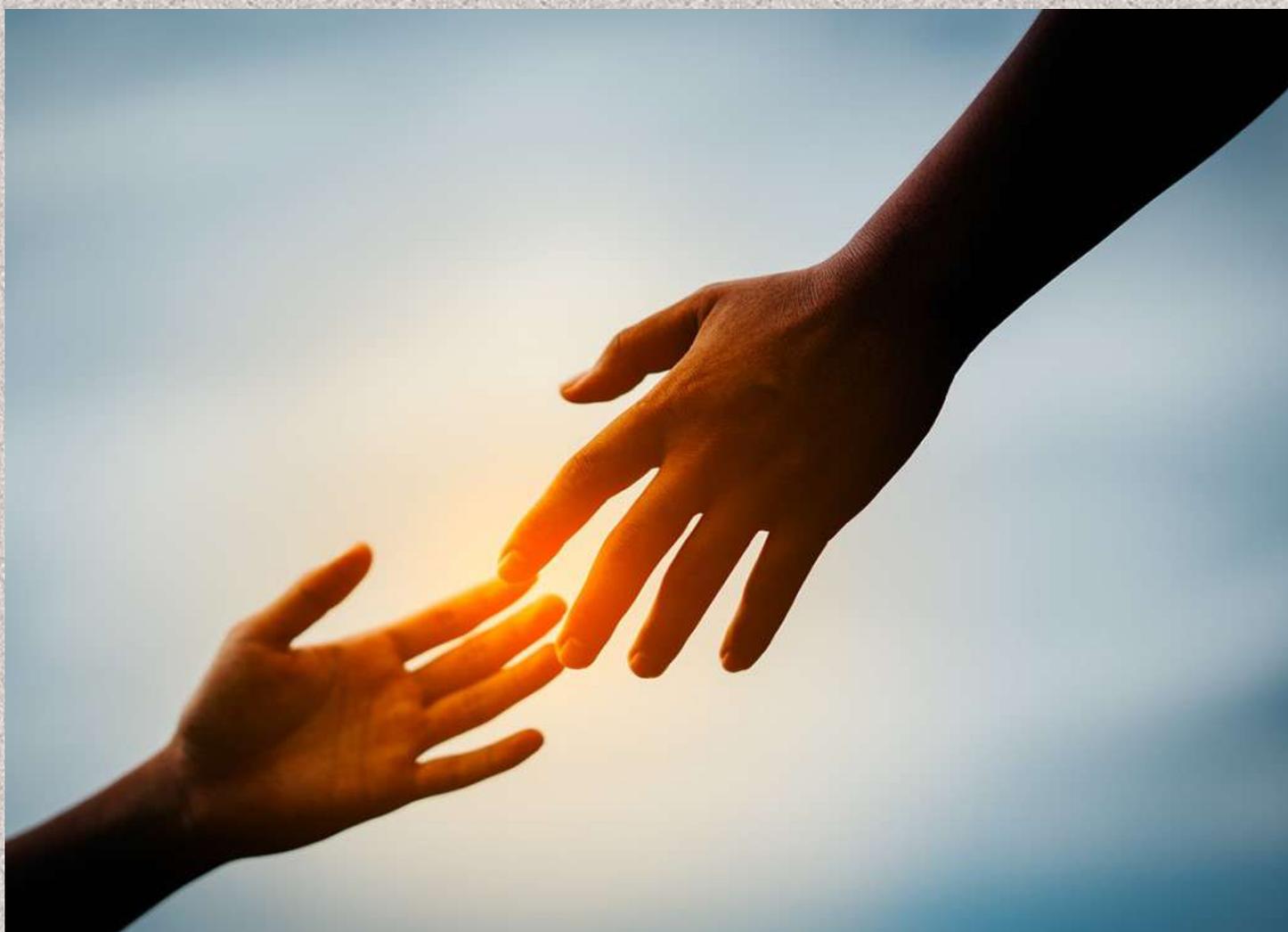
essencial para o desenvolvimento dos jovens seres e consolidação da espécie.

Os fortes laços afectivos entre irmãos coexistem com brigas, desacordos, marcações de território e de posições. O irmão mais velho tem que aprender a partilhar com o mais novo a atenção, cuidados, carinho e amor dos pais. Onde antes era rei e senhor vê depois um imberbe e indefeso ser, com a sua simples presença, a intrometer-se no seu espaço e - pior! - a usurpar a maior parte da atenção e cuidados que antes eram só seus. No entanto, essa constatação e a aprendizagem a ela inerente não impedem o nascimento e desenvolvimento do laço afectivo fraterno. E, a seu tempo, o irmão mais velho assegura a função de desbravador dos caminhos do mais novo e trans-

missor das experiências e descobertas por si vividas e incute esse espírito no mais novo.

Por sua vez, o irmão mais novo cresce lutando para se igualar ao mais velho, para ser capaz de fazer o que ele faz, de conseguir o que ele consegue e ir mais além. Menos alto, menos forte, menos ágil, porque mais novo, procura compensar a sua inferioridade determinando nichos onde consegue ser melhor ou ter mais habilidade que o seu parceiro/adversário, o seu irmão.

A relação afectiva fraterna inclui uma mescla de cooperação, auxílio e cumplicidade com confronto e desafio. É assim que a Natureza propicia que os jovens seres simultaneamente criem as suas identidades e aprendam a viver e a cooperar em sociedade.



O amor fraternal entre os maçons não é só - diria que nem sequer é principalmente - um conceito de origem religiosa, no sentido de que todos somos criados por uma entidade superior. O amor fraternal dos maçons - tal como o que une os irmãos de sangue - é tecido de amizade, de cooperação, de auxílio mútuo, de cumplicidade, mas também de emulação, cada um procurando mostrar aos demais a sua evolução, o que aprendeu, o que conseguiu melhorar, ao mesmo tempo que contribui para a melhoria dos demais. E cada um progride mais em conjunto e por causa do conjunto. E cada um aprende que, quanto mais contribuir para o progresso do seu Irmão, mais ele próprio avançará.

Nós maçons, nunca podemos cambalear, vacilar, duvidar: os valores são as nossas únicas grandes luzes, que permanentemente devem aclarar o nosso caminho.

No grau 9 temos esta passagem que demonstra isto mesmo quando o 2º VIG afirma:

- Prometemos a estes Irmãos, recentemente eleitos, nunca abandoná-los em qualquer trabalho empreendido de acordo com os preceitos maçônicos. Nada lhes devemos em interesse pessoal; devemos-lhes, sim, o socorro dos nossos braços, da nossa influência, do nosso trabalho e auxílio, quando agirem num interesse humanitário e social. Quando um Irmão for investido de uma função pública, nós nos empenharemos em sustentá-lo, apoiá-lo se proceder correctamente e, em adverti-lo, se se desviar do bom caminho.

Quando um Ir sofrer, no mundo profa-

no, por causa da sua fidelidade maçónica, devemos-lhe todas as nossas forças para defendê-lo.

A este propósito, no dia 27 de Fevereiro 2017, pela primeira vez na história, um Presidente francês, neste caso François Hollande, visitou o Museu da Franco-Maçonaria em Paris. O objectivo foi simples e claro: reconhecer e enaltecer a contribuição positiva e fundamental que teve a Maçonaria francesa para a história da França, para a história dos países latinos e de maneira universal para a história da Europa, do mundo livre, democrático e progressista.

No seu discurso, François Hollande referiu-se à Maçonaria como a grande impulsionadora do fim do colonialismo, da concessão da nacionalidade francesa aos judeus, da autorização dos sindicatos, do direito de associação, da liberdade de imprensa, da laicidade do Estado francês, do ideal de liberdade dos Estados Unidos e, ainda, da fundação da Sociedade das Nações como ponte entre os povos.

Disse ainda "No nosso tempo, a Maçonaria é uma bússola muito valiosa, uma luz que ajuda a compreender os problemas para lhes dar respostas. A Maçonaria não se baseia num dogma fechado, mas sim numa visão aberta, é um método e não apenas uma finalidade de propósito. Hoje não diria que as batalhas são as mesmas, mas ao fim de três séculos, são os mesmos valores que precisamos promover, que precisamos organizar, que precisamos defender até atingir o âmago das nossas sociedades que, entretanto, mudaram e evoluíram.



A Liberdade em primeiro lugar, a liberdade contra o obscurantismo, contra o fanatismo, contra o fundamentalismo, a liberdade absoluta de consciência, contra os dogmas, a liberdade de pensamento contra aqueles que procuram censurar. [...]

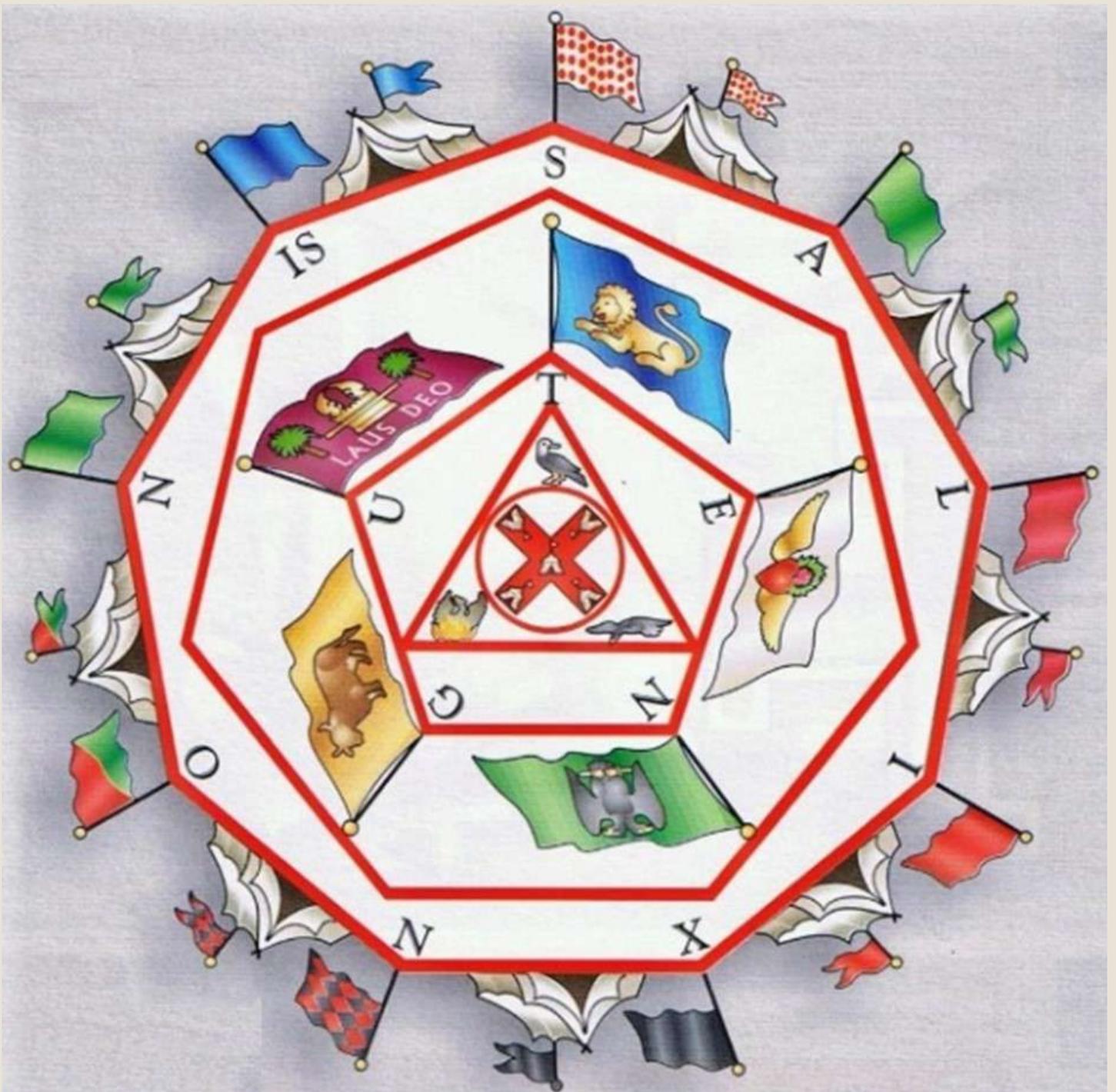
A Igualdade, que no passado serviu para garantir a igualdade política entre todos os cidadãos, independentemente da sua origem ou das suas condições; nos nossos dias, deve servir para impulsionar outras formas de igualdade. [...]

E a declaração da vontade de caminharmos juntos, de solidariedade anónima, um valor excepcional de fraternidade que implica caminhar com todos

os demais. [...] Não podemos defender a liberdade se contradizemos a igualdade; não podemos defender a igualdade, se mitigamos a fraternidade".

Fernando Caires, 18º

**Para uma renovada leitura
heráldica do “Painel do
Acampamento” do grau 32.º
Sublimes Príncipes do Real Segredo**



Godefroy de Bouillon et le comte Eustache avaient établi leurs quartiers au Nord-Ouest de la ville, entre la porte de Damas et la porte de Jaffa. Le duc de Lorraine fit planter son pavillon à l'endroit même où s'était élevée la tente de Titus. Le camp de Robert de Flandre et celui du duc de Normandie étaient assis au Nord, en face de l'ancien palais d'Hérode, et s'étendaient ainsi, entre la grotte de Jérémie et les sépulcres des rois, jusqu'à la tour d'angle qui donne sur la vallée de Josaphat. Le comte de Saint-Pol était avec eux. Tancrède s'était placé à la droite du camp de Godefroy, vers l'Ouest, et ses troupes étaient logées entre celles du duc de Lorraine et celles de Raymond, comte de Toulouse, qui faisaient face à la tour de David. Quelques jours après Raymond s'étendit plus à droite, vers le midi, sur un des plateaux de la Montagne de Sion, auprès de « cette église qui est très sainte et qui est dite du Cénacle ; car là Notre Seigneur soupa avec ses apôtres et leur lava les pieds; là descendit le Saint-Esprit sur les apôtres en langues de feu le jour de Pentecôte, et là trépassa de ce siècle la glorieuse Vierge qui porta Jésus dans son sein » Raymond, par suite de ces dispositions, se trouvait plus rapproché des murailles. Les assiégeants occupaient donc deux des côtés de la ville ; la partie du côté méridional et celle qui regarde vers l'Orient furent laissées libres : les vallées et les rochers escarpés en rendaient les abords trop difficiles.

G. Mailhard de la Couture¹

Introdução

A Heráldica estuda a ordenação e simbologia dos brasões-de-armas e a Vexilologia as bandeiras e seus derivados.

Se a origem da utilização das bandeiras se perde na História, havendo a certeza da sua existência logo nas primeiras civilizações históricas, nomeadamente no Egipto e na Mesopotâmia, a Heráldica, enquanto linguagem codificada, desenvolveu-se muito mais tarde, já na baixa Idade Média, sendo contemporânea da construção das primeiras catedrais românicas. Considera-se como primeira evidência da existência da heráldica a representação, nos bordados de Bayeux, vulgarmente conhecidos com *Tapeçarias da Rainha Matilde*, datados da segunda metade do século XI, de uma cena na qual o rei Guilherme da Normandia, despojado de escudo, levanta o elmo para poder ser reconhecido, apontando mesmo para a sua cara, no sentido de acabar com os rumores que havia falecido em combate, ao mesmo tempo que, na barra inferior, se representam vários escudos abandonados, com decorações diferenciadas, o que leva a acreditar que já neste tempo os cavaleiros já seriam reconhecidos pelos seus escudos.

Quer uma, quer outra, têm regras relativamente estritas, nem sempre compreendidas e nem sempre seguidas, mas que importa compreender para, quando se pretender infringir as mesmas, o que é efectivamente possível e até contemplado, tal

ser feito conscientemente e não por ignorância, algo que os maçons combatem.

Uma pesquisa rápida sobre as representações do painel do grau 32.^o permite verificar, desde logo, que há várias disparidades na forma como tem vindo a ser realizado plasticamente, como adiante se registará. Paralelamente, verifica-se também que as representações são, normalmente, muito mais incompletas que as descrições constantes dos rituais, nomeadamente não sendo muitas vezes representadas as divisas. Regista-se ainda que nos próprios rituais as descrições, muitas vezes, não correspondem às representações, havendo também, nestes, várias disparidades. Não obstante há, normalmente, alguma coerência relativa à leitura simbólica, embora mesmo aqui haja algumas divergências, sobretudo lacunas, eventualmente incongruências, algumas já registadas por investigadores maçónicos². Considera-se como a pesquisa mais completa e fundamentada relativa à interpretação do painel do grau 32.^o a obra de Irène Mainguy – *Symbolique des Ultimes Grades de Vaillance et de Sagesse*³. É, aliás esta investigadora que apresenta uma boa justificação para as disparidades que se registam ao referir que, de início, a explicação do acampamento não seria escrita, mas que faria parte de uma transmissão oral que iria variando e até sendo acrescentada⁴.

É importante registar, uma vez mais, que a ordenação precede a representação plástica, ou seja, o verbo precede a imagem, e que, por norma, salvo casos muito especiais, não há modelos obrigatórios de ilustração⁵, variando a represen-

tação de acordo com a liberdade artística do iluminador, mas sendo sempre este obrigado a representar o que está brasonado, atendo-se ao que está no texto, não podendo fazer variações a esse respeito, salvo relativamente os ornatos exteriores ao escudo.

Paralelamente, o painel do grau 32.º (fig. 1) não é nem uma ordenação heráldica, nem vexilológica, não correspondendo às regras destas duas áreas do Design Visual, quer em termos de composição, quer em termos cromáticos, sendo antes uma composição plástica muito própria. Não obstante considera-se que há um ganho na sua descrição em termos heráldicos, que permitirá uma muito maior acuidade.

Ensaia-se, assim, uma leitura do painel do grau 32.º do Rito Escocês Antigo e Aceite - Sublime Príncipe do Real Segredo, com a sua descrição o mais acurada possível em termos de brasonamento, acompanhada da sua leitura simbólica, o mais completa possível. Utilizou-se para tal, como ponto de partida *o Ritual do Grau 32 – Sublime Príncipe do Real Segredo* aprovado e adoptado pelo Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite⁶. Assim, à semelhança do que se passa na heráldica onde a ordenação precede a representação plástica e não o contrário, parte-se da descrição do painel constante do ritual, salvo se por lapso óbvio, como se verifica que acontece efectivamente e apenas depois se complementando nos pontos lacunares com a informação passível de ser retirada da ilustração que do mesmo consta.

Registe-se que as propostas de leitura aqui avançadas serão necessariamente modificadas de acordo com novas pesquisas que fixem de forma mais acurada os móveis constantes do painel, bem como os seus esmaltes, que se verifica carecerem de novas e muito mais aprofundadas pesquisas que os uniformizem e os dotem de uma maior coerência.

A Lenda

Como realça o Ritual «[...] toda a Iniciação Maçónica deve corresponder [...] a uma lenda posta em acção»⁷, mas, o mesmo ritual esclarece também que importa distinguir entre a lenda e a história, pertencendo a primeira ao ritual, enquanto que a segunda lhe serve de «[...] introdução histórica [...]»⁸.

A lenda referida no ritual remete para a fundação da Ordem dos Cónegos do Santo Sepulcro, mais tarde transformada em Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, por Godofredo de Bouillon (fig. 2), na sequência da primeira cruzada⁹, destinada à protecção dos Lugares Santos da Terra Santa em particular o Santo Sepulcro.

Nessa sequência a lenda remete, então, para a criação de uma força militar destinada a recuperar a Cidade de Jerusalém e aí reedificar o Templo de Salomão, com as diferentes forças a embarcar em Nápoles, com o agrupamento nas comendadorias de Malta, Rodes, Chipre. Daqui rumaram para Jaffa onde desembarcaram e reconquistaram a cidade de Jerusalém¹⁰.



Fig. 2—João do Cró—“Godofredo de Bulhão”¹¹

O Painel do acampamento

Uma rápida busca pelos painéis do grau publicados em rituais de diferentes obediências permite perceber que se utilizam painéis muito diversificados, por vezes até no mesmo país, e com diferenças por vezes significativas, não apenas em termos de interpretação, mas em termos de figuras, caso das palmeiras e dos castiçais que carregam a bandeira que marca a posição do acampamento dos Grandes Pontífices (19.º grau) e os Grão-Mestres de todas as Lojas Simbólicas (20.º grau)¹², sendo por vezes representados estes, outras aquelas, mais raramente existindo a representação de ambos; em termos de disposição dos móveis, também estes também podem variar, caso dos referidos castiçais que carregam esta mesma bandeira, tantas vezes

trocados por tochas, aqueles relacionados com a iluminação do templo de Salomão, estas sem qualquer significado simbólico, como adiante se registará, ou da águia bicéfala da bandeira que marca a posição dos Chefes do Tabernáculo (23.º grau), dos Príncipes do Tabernáculo (24.º grau) e dos Cavaleiros da Serpente de Bronze (25.º grau)¹³ que tanto pode segurar a espada com ambas as garras como com apenas numa, agarrando na outra um coração sangrante, sendo a posição destes móveis, à dextra ou à sinistra, “aleatória”.

Paralelamente, as bandeiras tanto podem adajar à dextra como à sinistra. Detectam-se também inúmeras variações em termos cromáticos, caso dos esmaltes das figuras geométricas, dos seus perfilados, chegando as figuras geométricas a ser mesmo representadas radiantes; o eneágono é representado de prata, de ouro e até de negro; registre-se ainda, ao nível cromático, a variação dos metais dos próprios móveis. Por exemplo, o touro que surge representado de negro e de sua cor, a cor da bandeira que muda, caso da bandeira que marca a posição do acampamento dos Príncipes das Mercês (26.º grau), os Comendadores do Templo (27.º grau) e os Cavaleiros do Sol (28.º grau) que chegou a ser representada de vermelho. A disposição das letras também varia, pelo que, em alguns casos, formam palavras no sentido *dextrorsum* e, noutros, no sentido *sinistrorsum*. As divisas tanto são colocadas no interior das bandeiras, como

são dispostas sotopostas às mesmas, sendo que num caso a divisa carrega mesmo a Arca da Aliança. As bandeiras são, por vezes, numeradas no topo do mastro, mas noutros casos não o são e a própria aspa por vezes pode mesmo não ser representada, etc. (figs. 3- 8).



Fig. 3—Panel do Acampamento dos Príncipes do Real Segredo existente na Grande Secretaria ¹⁴



Fig. 4—Panel do Acampamento dos Príncipes do Real Segredo, Consistório George Washington Consistório George

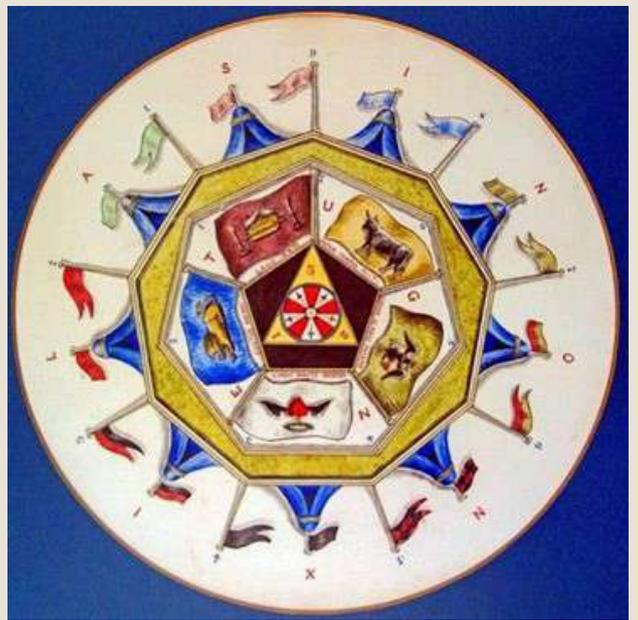


Fig. 5—Panel do Acampamento dos Príncipes do Real Segredo, ¹⁵



Fig. 6—Sandra Clerbois - Iluminura do Panel do Acampamento dos Príncipes do Real Segredo, s.d.

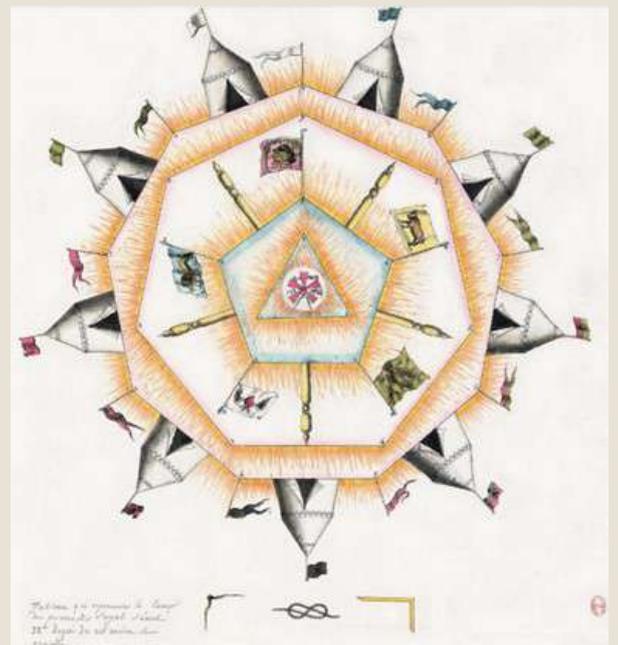


Fig. 7—“Tableau qui représente le camp des princes du Royal Secret 32°. degré du rite ancien et accepté” ¹⁶

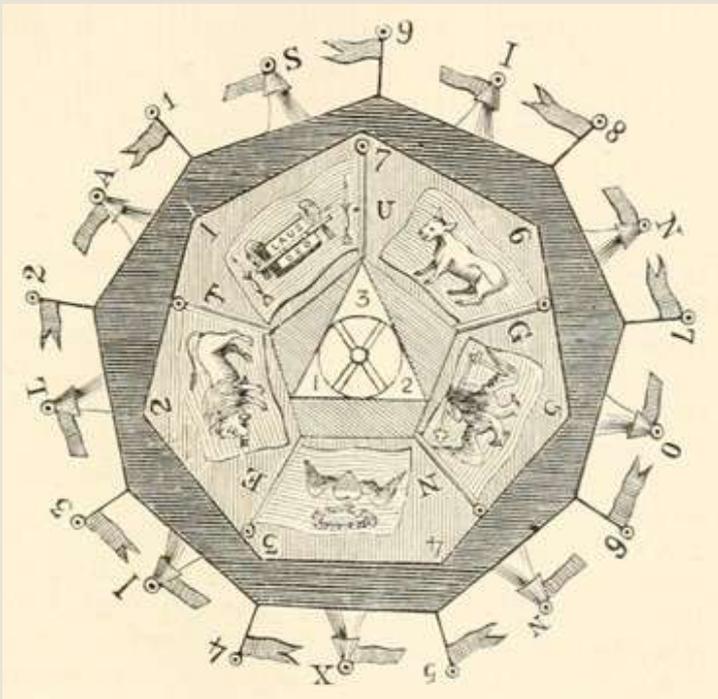


Fig. 8—Painel do Acampamento dos Príncipes do Real Segredo¹⁷

Mas o que diz o ritual em uso pelo Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite sobre o mesmo?

O “Painel do Acampamento” é várias vezes referido ao longo do *Ritual do Grau 32*. Desde logo na sua descrição¹⁸, é ainda publicada, como referência visual, uma imagem sob o título de “Painel do Acampamento dos Prínc.: do R.: S.:”¹⁹. Depois, na “Iniciação”, é este painel apresentado ao Neófito, sendo o mesmo levado a visitar as diferentes tendas, enquanto recebe as necessárias explicações por parte do Orador, sobretudo relativas aos que habitam as diferentes tendas, o que complementa a supramencionada descrição do painel.

É, neste percurso, apresentado ao neófito todo o sistema de graus do Rito Escocês Antigo e Aceite, desde os graus simbólicos aos administrativos. Efectivamente, verifica-se que no painel se inclui também, em

abismo, numa aspa de vermelho, carregada . de cinco tendas de prata, abertas de negro, onde «[...] Esses Grandes Inspectores Gerais acampam na circunferência do círculo inscrito no triângulo. No centro desse círculo, na intersecção dos braços da cruz de Santo André, levanta-se a tenda do Soberano Grande Comendador»²⁰, o que, de alguma forma, completa todo o ciclo de graus do Rito Escocês Antigo e Aceite, já que por tal se considera que este painel inclui e alude aos 33 Graus que constituem a hierarquia do Rito Escocês Antigo e Aceite, tendo ainda uma referência aos Cavaleiros Hospitalários, de São João de Jerusalém, também conhecidos como Cavaleiros de Malta.

Na abertura de cada sessão é feita uma leitura bíblica do livro *Números*, primeiro dos versículos 1 e 2 do segundo capítulo:

¹ *E falou o SENHOR a Moisés e a Arão, dizendo:*

² *Os filhos de Israel armarão as suas tendas, cada um debaixo da sua bandeira, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, defronte da tenda da congregação, armarão as suas tendas*²¹.

E depois dos versículos 33 e 34 do mesmo capítulo:

³³ *Mas os levitas não foram contados entre os filhos de Israel, como o Senhor ordenara a Moisés.*

³⁴ *E os filhos de Israel fizeram conforme a tudo o que o Senhor ordenara a Moisés; assim armaram o arraial segundo as suas bandeiras, e assim marcharam, cada qual segundo as suas gerações, segundo a casa de seus pais*²².

Esta, segundo o ritual do grau «[...] significa a numeração dos filhos de Israel, conforme a Ordem das Tribos no ACAMPAMENTO, determinada por DEUS A MOISÉS E A ARÃO, no deserto do Sinai, na tenda da revelação, no primeiro dia do segundo mês, do segundo ano depois da saída de Israel da terra do Egípto.»²³ (fig. 9),

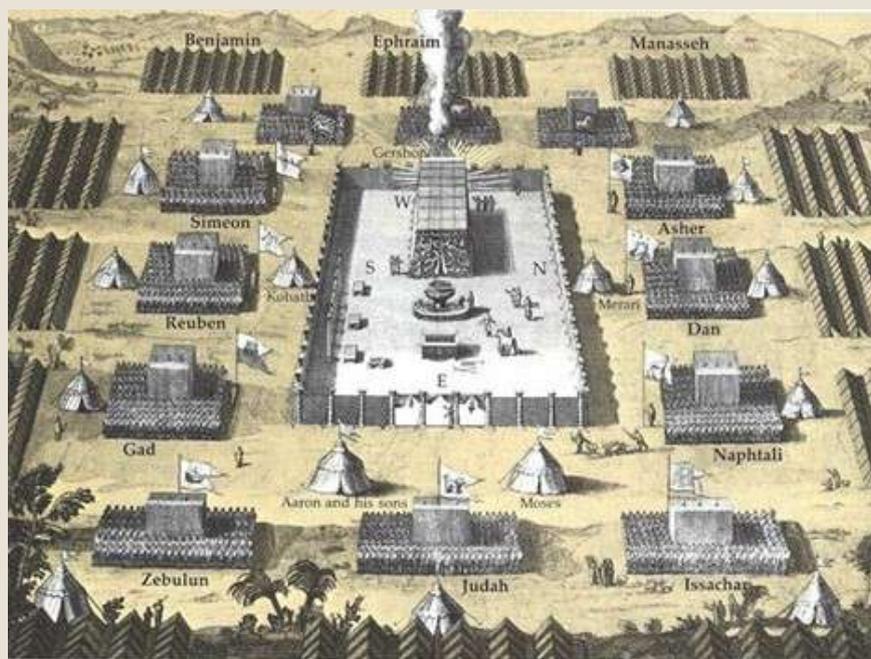


Fig. 9—Organização do acampamento de Israel

o que permite estabelecer uma clara filiação da organização e estruturação do acampamento do grau, no acampamento descrito do Livro da Lei Sagrada.

Por fim, o Ritual refere ainda as «[...] imagens de animais simbólicos que decoram certos pontos do Campo, não só o corvo como a pomba e a fénix, cuja significação já vos é familiar, mas ainda as figuras apocalípticas do Leão, do Touro, da Águia e do Coração Humano»²⁴.

Seja, a este respeito, permitido produzir algumas elucubrações, mas não exaustivas.

Importa, desde logo, referir que os animais representados no painel do grau 32.º surgem em lugares diversos e de diferente peso hierárquico e que os mesmos devem ser lidos, em termos simbólicos, no âmbito dos conjuntos que integram.

Assim, relativamente às três primeiras aves citadas – Corvo, Pomba e Fénix, os ritos de

graus anteriores apenas apontavam alguns elementos para a compreensão simbólica do Corvo e da Pomba, nomeadamente o ritual do grau 28.º - Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto, onde na parede a Ocidente do Santuário «No lado direito de quem en-

tra (N) fica uma pomba, e

do lado esquerdo um corvo (M), aquela sobre um pedestal branco e este sobre um pedestal preto.²⁵» É entre estes dois animais que se instala aquele que é iniciado nos mistérios do grau «[...] colocado entre as boas e más acções; entre as vossas obras de luz e de trevas, de vida e de morte.²⁶»

De qualquer das formas, não há, ao contrário de todo o resto do acampamento, uma coerência relativamente a um grau ou a um conjunto de graus, como se havia passado anteriormente, até porque basicamente já todos os graus estavam cobertos.

Verifica-se, também, que no painel que o presente artigo dissecou, não há qualquer referência a animais com uma carga simbólica importantíssima para o percurso maçónico como o pelicano, intrinsecamente ligada ao grau 18 – Cavaleiro Rosa Cruz ou Cavaleiro da Águia

Branca, o cordeiro associado ao grau 17 – Cavaleiro do Oriente e do Ocidente; a serpente do Grau 19: Grande Pontífice ou Sublime Escocês e que volta a estar presente no Grau 25: Cavaleiro da Serpente de Bronze. Registe-se ainda que a serpente de três cabeças do painel do grau 19.⁹ - Grande Pontífice ou Sublime Escocês²⁷ também não tem qualquer referência no ritual do grau 32.⁹. Já a Fénix, salvo neste mesmo painel, não tem qualquer outra representação, ou sequer ligação aos diversos rituais do Rito Escocês Antigo e Aceite.

Poder-se-ia ainda inferir que este animal mitológico se relacionaria antes com a Ordem de Malta já que é no interior do triângulo que acampam os cavaleiros desta Ordem, mas não há qualquer ligação conhecida entre a simbologia da Fénix e a iconografia desta mesma Ordem.

Por outro lado, atendendo ao papel fulcral que a *Ordo Equestris Sancti Sepulcri Hierosolymitani*, tem para a lenda do grau 32.⁹ poder-se-ia pensar que poderia haver alguma relação, mas, ainda assim, este importante símbolo da eternidade também não tem qualquer relação com esta última Ordem.

Mas, considera-se que, mesmo sem estas ligações imediatas, faz todo o sentido a representação da Fénix neste painel, já que o rito do grau 32.⁹ remete para o conceito de uma continua auto-iniciação, a que Angelo Sebastiani se refere como um ciclo contínuo de morte e ressurreição iniciática que levará «[...] alla fine della vita corpora, alla completa purificazione spirituale, simboleggiata dalla Fenice che risorge dal-

le sue ceneri.²⁸»

Voltando às figuras que no Ritual estão descritas como apocalípticas, atendendo a que não há qualquer representação do homem, que a águia é bicéfala e que o leão tem características iconográficas muito próprias, está agachado e tem uma chave de ouro na boca, permita-se a discordância, já que as ditas figuras apocalípticas, habitualmente designadas por tetramorfo²⁹, estão muito bem definidas no texto bíblico, mais concretamente no *Apocalipse*:

⁶E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.

⁷ E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando³⁰.

Mais tarde, serão associadas directamente aos Evangelistas por São Jerónimo com a seguinte relação: Homem – São Mateus, Leão – São Marcos; Touro – São Lucas; Águia – São João³¹.

O Leão agachado, e exactamente com uma chave de ouro na boca, surge no ritual do grau 13.⁹ - Cavaleiro do Real Arco, sendo aí claramente descrita a sua simbologia.

Ainda relativamente a este leão, por vezes surge representado coleirado de ouro com o número 515 gravado a negro na coleira. Sobre este número há estudiosos que remetem para o significado ex-

plicitado na *Divina Comédia* de Dante, mas, por exemplo, Angelo Sebastiani não avança com qualquer proposta de leitura reconhecendo a sua “derrota” ao referir que: «Il numero 515 ha dato adito alle piú disparate interpretazioni, che non riteneiamo utile riportare»³², embora a esta derrota se possa contrapor a obra de Lima de Freitas – *515 O Lugar do Espelho: Arte e Numerologia*³³. Mas, até relativamente a este número, há discrepâncias, já que no Painel do Acampamento dos Príncipes do Real Segredo usado pelo Consistório George Washington acha-se gravado na coleira o número 505, certamente por engano, já que não se encontrou qualquer significado que lhe correspondesse e, na obra Charles T. Mcclenachan - *The Book of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry: Containing Instructions in all the Degrees*, bem como em vários outros rituais norte-americanos, a descrição apresenta um número diferente, 525, não referindo, no entanto, o seu significado: «[...] a golden lion, holding in his mouth a key of gold, and a gold collar around his neck, with the figures 525 on the collar.»³⁴

A Águia bicéfala é fulcral para os últimos graus do Rito Escocês Antigo e Aceite, fazendo parte dos painéis dos graus 32.º – Sublimes Príncipes do Real Segredo e 33.º e último - Grandes Inspectores Gerais, bem como dos paramentos do 30.º grau Cavaleiro Kadosh ou Cavaleiro da Águia Branca ou Negra.

Por sua vez o Touro do estandarte onde acampam os Noaquitas ou Cavaleiros Prussianos (21.º grau) e dos Cavaleiros do Real

Machado (22.º grau) remete directamente para o estandarte da tribo de Efraim que tinha uma composição muito semelhante, embora possa ainda remeter para a decoração do Santuário do grau 28.º - Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto, que tem, a Oriente, um quadro alegórico representando a tauroctonia, ou seja, Mitra sacrificando o touro³⁵, que é seu atributo iconográfico. Por fim, ainda relativamente a este estandarte refira-se a possível ligação ao touro Ápis, da civilização egípcia, também relevante para os mistérios da Maçonaria.

Relativamente a outros móveis representados no painel do acampamento, registre-se que o coração aceso já havia aparecido anteriormente no 11.º grau - Sublime Cavaleiro Eleito ou Eleito dos Doze.

A Arca da Aliança está presente no 4.º grau – Mestre Secreto: «A ARCA DA ALIANÇA, coberta de carmesim (vermelho) fica no canto do lado direito do Trono do Oriente.»³⁶ Está ainda representada no painel do 15.º grau - Cavaleiro do Oriente³⁷ e, ainda que não seja referida ao longo de todo o ritual, pode-se considerar que a referência está subjacente quando se refere o saque de Jerusalém por parte de Nabucodonosor, Rei da Babilónia e «[...] os tesouros roubados [...]»³⁸ por este.

Relativamente aos móveis que acompanham a Arca da Aliança e que, como se viu anteriormente podem variar em termos de representação no painel do acampamento e sobre os quais as expli-

cações simbólicas são nos rituais absolutamente lacunares, considera-se que a sua explicação pode ser encontrada no Antigo Testamento, nomeadamente a partir das descrições do Templo de Salomão, mas também das vicissitudes sofridas pela própria Arca da Aliança.

Assim, considera-se, e é essa a proposta de leitura simbólica que se aventa, que os dois castiçais remetem para as luminárias existentes no Templo de Salomão e que simbolizam os dez castiçais de ouro, realizados por Hiram, que iluminavam o templo de Salomão descritos no *Primeiro Livro dos Reis* «E os castiçais, cinco à direita e cinco à esquerda, diante do oráculo, de ouro finíssimo³⁹» e também referidos no *Segundo Livro das Crónicas*, «Fez também dez castiçais de ouro, segundo a sua forma, e pô-los no templo, cinco à direita, e cinco à esquerda.⁴⁰»

Já relativamente às duas Palmeiras, pode-se considerar que simbolizam as colunas palmiformes que ornavam o templo de Salomão com a sua decoração com motivos de palmeiras: «E todas as paredes da casa, em redor, lavrou de esculturas e entalhes de querubins, e de palmas, e de flores abertas, por dentro e por fora⁴¹» o que corresponde ao que é referido no Livro de Ezequiel: «Havia também janelas estreitas nas câmaras, e nos seus pilares, dentro da porta ao redor, e da mesma sorte nos vestibulos; e as janelas estavam ao redor, na parte de dentro, e nos pilares havia palmeiras.⁴²»

Estas árvores remetem também para a cidade de Jericó «[...] a campina do vale de

Jericó, a cidade das palmeiras [...]»⁴³ onde se deu a batalha e onde a Arca da Aliança esteve perdida⁴⁴.

Importa por fim referir que a leitura simbólica dos esmaltes é lacunar no ritual do grau 32.º, mas há várias pistas ao longo dos diversos rituais do Rito Escocês Antigo e Aceite que podem dar pistas sobre o significado de uma determinada cor ou esmalte, sendo interessante verificar que neste painel do acampamento do grau 32.º estão representados ambos os metais: ouro e prata, bem como as cinco cores: vermelho, azul, negro, verde e púrpura, algo que aliás já havia sucedido no ritual do grau 28.º onde os malaquins se sentam ao lado de flâmulas que correspondem aos esmaltes heráldicos: Zaraquiel - flâmula de ouro, Tsafiel - flâmula de prata, Ouriel - flâmula de vermelho, Rafael - flâmula de azul, Gabriel - flâmula de púrpura, Hernaliel - flâmula de verde e Micael - flâmula de negro⁴⁵, sendo que estes esmaltes correspondem também às túnicas de que os neófitos são revestidos no seu percurso iniciático⁴⁶.

Assim, no ensaio de leitura simbólica que aqui se propõe, regista-se antes de mais o que está referido no ritual do grau 32.º, mas depois complementa-se, onde este é lacunar, com a informação que se encontrou nos rituais dos outros graus, bem como em bibliografia credível sobre o tema.

Proposta de descrição

Um eneágono equilátero de prata perfilado de vermelho, tendo no seu interior,

em cada ângulo, uma letra de negro, maiúscula em estilo elzevir, a que corresponde, do lado exterior, uma bandeira hasteada em mastro de negro, rematado por bola de ouro, adejando à sinistra, acompanhada, também à sinistra, por uma tenda de prata, aberta de negro, com um guião arvorado, adejando à sinistra, com a mesma composição da bandeira.

As bandeiras e pendões são brasonados da seguinte forma: 1.^a tenda: letra S - bandeira de prata salpicada de vermelho, pendão com idêntica composição⁴⁷; 2.^a tenda: letra A - bandeira de verde (claro), pendão com idêntica composição; 3.^a tenda: letra L - bandeira de vermelho, pendão com idêntica composição; 4.^a tenda: letra I - bandeira fendida de vermelho e de negro⁴⁸; 5.^a tenda: letra X - bandeira de negro, pendão com idêntica composição; 6.^a tenda: letra N - bandeira fuselada em faixa de vermelho e negro⁴⁹; 7.^a tenda: letra O - bandeira talhada de vermelho e verde⁵⁰; 8.^a tenda: letra N - bandeira de verde, pendão com idêntica composição; 9.^a tenda: letras IS - bandeira de azul, pendão com idêntica composição.

Contendo o eneágono no seu interior, um heptágono equilátero de prata perfilado de vermelho, sendo este, por sua vez, carregado de um pentágono equilátero de prata também perfilado de vermelho.

O pentágono tendo, no interior de cada ângulo, uma letra maiúscula em estilo elzevir, de negro, a que corresponde no lado exterior a uma bandeira hasteada em mastro de negro, rematado por bola de ouro. As bandeiras são respectivamente braso-

das da seguinte forma:

1.^a bandeira: letra T - em campo de azul, um leão agachado de ouro, tendo na boca uma chave do mesmo, coleirado de ouro com o número 515 gravado a negro; por divisa, num listel de ouro, ondulado, sotoposto à bandeira, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “AD MAJOREM DEI GLORIAM”.

2.^a bandeira: letra E - em campo de prata, um coração inflamado de vermelho, alado de negro e encimado por uma coroa de louro, de verde; por divisa, num listel de ouro, ondulado, sotoposto à bandeira, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “ARDENS GLORIA SVRGIT”.

3.^a bandeira: letra N - em campo de verde, uma águia bicéfala de prata, coroada por uma coroa fechada, imperial, de ouro, segurando na garra dextra uma espada flamejante de prata, empunhada e guarnecida de ouro e na sinistra um coração sangrando de vermelho; por divisa, num listel de ouro, ondulado, sotoposto à bandeira, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “CORDE GLADIOQVE POTENS”.

4.^a bandeira: letra G - em campo de ouro, um touro de negro; por divisa, num listel de ouro, ondulado, sotoposto à bandeira, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “OMNIA TEMPVS ALIT”. A

5.^a bandeira: letra U - em campo de púrpura, uma Arca da Aliança de ouro acompanhada à dextra e à sinistra por

dois castiçais de ouro, com velas de prata, inflamadas de vermelho, e por duas palmeiras de verde; por divisa: num listel de ouro, ondulado, sotoposto à bandeira, em letras de negro, maiúsculas, de estilo elzevir “LAVS DEO”. Inscrito no pentágono, um triângulo equilátero de prata perfilado de vermelho, carregado de um círculo de prata também perfilado de vermelho, acompanhado em chefe por um corvo de negro e em contrachefe, à dextra por uma fénix de prata, perfilada de negro em sua fogueira de ouro e, à sinistra, por uma pomba de prata, também perfilada de negro. O círculo está carregado de uma aspa, ou cruz de santo André, de vermelho perfilada de negro e esta é, por sua vez, carregada nos braços e em abismo com de cinco tendas de prata, abertas e forradas de negro, cada qual com uma bandeira arvorada de prata.

Proposta de leitura simbólica

Qualquer leitura simbólica do Painel do Acampamento do grau 32.º do Rito Escocês Antigo e Aceite deve ter, antes de mais, em conta que este grau, tal como registou Angelo Sebastiani, representa na prática a recordação, mas também a reordenação de toda a doutrina estudada nos graus anteriores⁵¹.

Nel Silenzio, nella Segretezza e con Perseveranza, l'Adepto deve, nel suo interiore, riordinare tutte le conoscenze sinora acquisite armonizzandole con Amore e Intelligenza, per formarne una sublime visione da cui intuire con l'intelletto spirituale il Segreto Reale, obiettivo della Grande Opera Ermetica (Rigenerazione dell'Uomo, Rinascita).

Obiettivo che si identifica con l'instaurazione del «Santo Impero Universale» della Giustizia e della Libertà, il cui símbolo e il Tempio e la cui meta la Rigenerazione totale dell'Umanità.

Para a compreensão da simbologia do grau importa ainda compreender a ligação deste ao mundo das cruzadas, sendo que Charles Thompson McClenachan considera ainda que o grau 32.º consuma o templarismo na Maçonaria, entendendo que este era um grau cristão de cavalaria⁵², o que pode ajudar a explicar grande parte do seu simbolismo.

As Figuras geométricas

O **eneágono equilátero** (fig. 10) representa simbolicamente uma muralha, destinada aos Maçons do 1.º grau ao 18.º grau, isto é, aos graus simbólicos, inefáveis e capitulares.

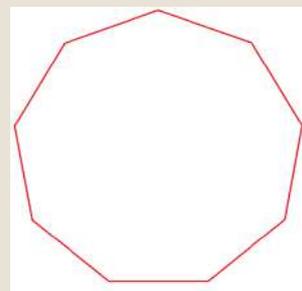


Fig. 10—Eneágono equilátero

O **heptágono equilátero** (fig. 11) representa a antiga muralha que protegia o acampamento dos Príncipes do Líbano, prontos para receber as diretrizes dos cinco Príncipes que comandam o pentágono.

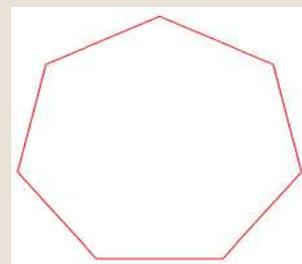


Fig. 11—Heptágono equilátero

O **pentágono equilátero** (fig. 12) representa a muralha que abriga o acampamento do Conselho de Kadosh, onde estão os maçons que atingiram os graus filosóficos ou místicos.

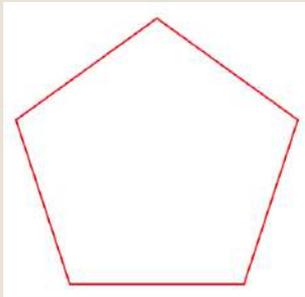


Fig. 12—Pentágono equilátero

O **Triângulo equilátero** (fig. 13) simboliza a muralha que protege os Inquisidores Comendadores (31.º grau), os Príncipes do Real Segredo (32.º grau), bem como os Cavaleiros de Malta, representando ainda o emblema da Divindade na sua mais alta expressão⁵³.

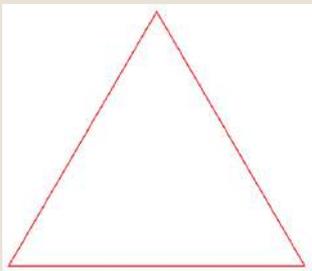


Fig. 13—Triângulo equilátero

O **Círculo** (fig. 14) representa o Universo Maçónico, simboliza também o infinito, a continuidade, a eternidade e a perfeição.

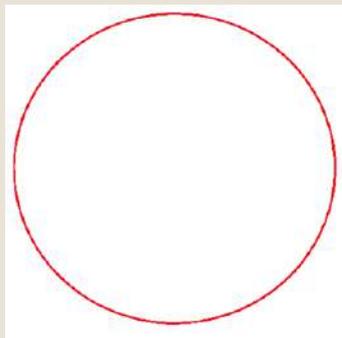


Fig. 14—Círculo de prata perfilado de vermelho

A **Aspa**, ou **Cruz de santo André** (fig. 15) simboliza o instrumento de martírio deste

santo, de quem é atributo iconográfico, que, em sinal de humildade, pediu para ser crucificado numa cruz em forma de aspa. Simboliza assim humildade, sofrimento e dor. Simboliza ainda o Homem universal que cumpre a sua função cósmica⁵⁵.

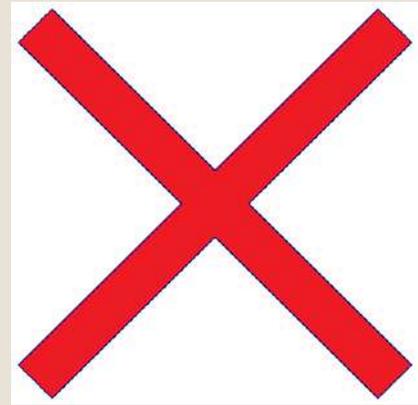


Fig. 15—Aspa

As Nove Tendas

As **Nove Tendas, Bandeiras e Pendões** (figs. 16 a 24) simbolizam o local do acampamento dos diversos contingentes. Cada tenda simboliza um acampamento completo, sendo ocupada pelos Maçons dos Graus 1.º ao 18.º, ou seja, as tendas representam os graus Simbólicos, Inefáveis e Capitulares⁵⁶.

Assim, a **1.ª tenda** (fig. 16) corresponde ao acampamento dos Cavaleiros do Oriente e do Ocidente (17.º grau) e dos Cavaleiros Rosa Cruzes (18.º grau);

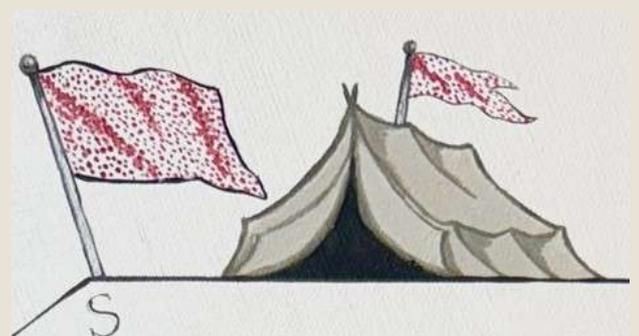


Fig. 16—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Cavaleiros do Oriente e do Ocidente (17.º grau) e dos Cavaleiros Rosa Cruzes (18.º grau).

A **2.ª tenda** (fig. 17) corresponde ao acampamento dos Príncipes do Oriente ou da Espada (15.º grau) e dos Príncipes de Jerusalém (16.º grau);

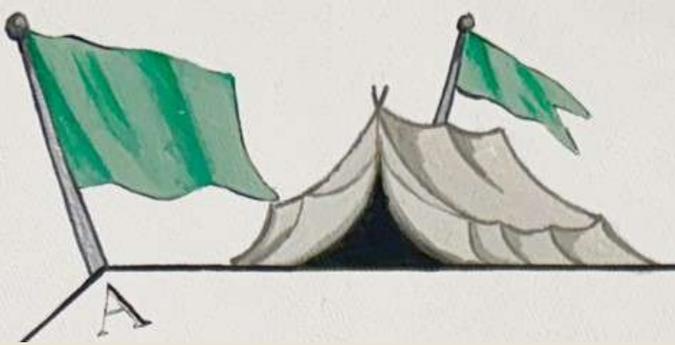


Fig. 17—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Príncipes do Oriente ou da Espada (15.º grau) e dos Príncipes de Jerusalém (16.º grau).

A **3.ª tenda** (fig. 18) corresponde ao acampamento dos Perfeitos e Sublimes Maçons Grandes Eleitos (14.º grau);



Fig. 18—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Perfeitos e Sublimes Maçons Grandes Eleitos (14.º grau)

A **4.ª tenda** (fig. 19) corresponde ao acampamento dos Mestres Arquitectos (12.º grau) e Cavaleiros do Arco Real (13.º grau);



Fig. 19—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Mestres Arquitectos (12.º grau) e Cavaleiros do Arco Real (13.º grau)

A **5.ª tenda** (fig. 20) corresponde ao acampamento dos Eleitos dos IX (9.º grau), os Eleitos dos XV (10.º grau) e os Cavaleiros do Arco Real (13.º grau); Eleitos dos XII (11.º grau);



Fig. 20—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Eleitos dos IX (9.º grau), os Eleitos dos XV (10.º grau) e os Eleitos dos XII (11.º grau) .

A **6.ª tenda** (fig. 21) corresponde ao acampamento dos Intendentes dos Edifícios (8.º grau);



Fig. 21—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Intendentes dos Edifícios (8.º grau) .



A **7.ª tenda** (fig. 22) corresponde ao acampamento dos Secretários Íntimos (6.º grau) e Prebostes e Juízes (7.º grau);

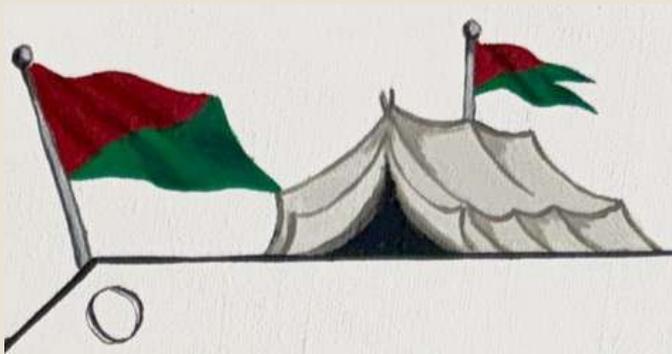


Fig. 22—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Secretários Íntimos (6.º grau) e Prebostes e Juízes (7.º grau) .

A **8.ª tenda** (fig. 23) corresponde ao acampamento dos Mestres Secretos (4.º grau) e dos Mestres Perfeitos (5.º grau);

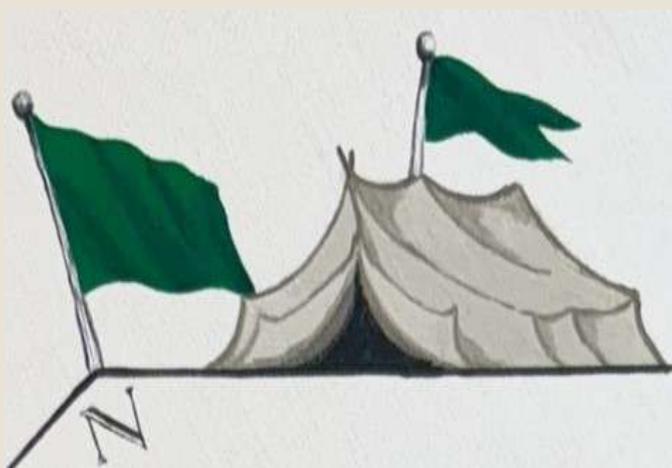


Fig. 23—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Mestres Secretos (4.º grau) e dos Mestres Perfeitos (5.º grau) .

A **9.ª tenda** (fig. 24) corresponde ao acampamento dos membros das lojas simbólicas, Aprendizes (1.º grau), Companheiros (2.º grau) e Mestres (3.º grau).



Fig. 24—Tenda que simboliza a posição do acampamento dos Aprendizes (1.º grau), Companheiros (2.º grau) e Mestres (3.º grau) .

As Cinco Bandeiras

As **Cinco Bandeiras** correspondem aos acampamentos do Conselho de Kadosh e cada **bandeira** é remetida simbolicamente para cada um dos acampamentos deste Conselho.

A **1.ª bandeira** (fig. 25), ao marcar a posição do acampamento dos Cavaleiros de Santo André (29.º grau) e dos Cavaleiros Kadosch (30.º grau), simboliza o acampamento deste contingente. O **Leão** agachado com a chave de ouro representa a fera que guardava a Arca da Aliança perdida na selva na sequência da batalha contra o rei da Síria e é emblemático do pensamento, que se revela contra a força, porém, permite a entrada da verdade⁵⁷. A **Chave** simbolizar ainda a inteligência⁵⁸ e pode também remeter para a chave que fecha a caixa de ébano onde Hiram guardava os planos de construção do Templo⁵⁹, bem como para a chave que encerra o segredo da Távola Redonda ou ainda a chave do túmulo de Jacques de Molay. O número **515** simboliza o Messias ou o Mensageiro de Deus, relacionando-se opor outro lado com a posição da alma entre o

mundo material e o mundo espiritual. A divisa “AD MAJOREM DEI GLORIAM” significa “Para maior glória de Deus”⁶⁰.



Fig. 25—Bandeira que simboliza a posição do acampamento dos Cavaleiros de Santo André (29.º grau) e dos Cavaleiros Kadosch (30.º grau) .

A **2.ª bandeira** (fig. 26) ao marcar a posição do acampamento dos Príncipes das Mercês (26.º grau), os Comendadores do Templo (27.º grau) e os Cavaleiros do Sol (28.º grau) simboliza o acampamento deste contingente. O **Coração alado ardente** simboliza as paixões que conferem asas ao ser humano, mas que, ao mesmo tempo, o vão elevando no caminho da Sabedoria, ascendendo para uma **Coroa de louros** que simboliza a glória, a vitória e o triunfo⁶¹, mas também o triunfo do espírito sobre a matéria⁶². Remete ainda para a lenda do 11.º grau na qual o rei Salomão recompensa doze mestres condecorando-os com uma cinta larga, de cor negra, na qual se via bordado um coração em chamas com a espada da Justiça dele pendente⁶³. A divisa “ARDENS GLORIA SVRGIT” significa “Ascende arrastado pela glória”.

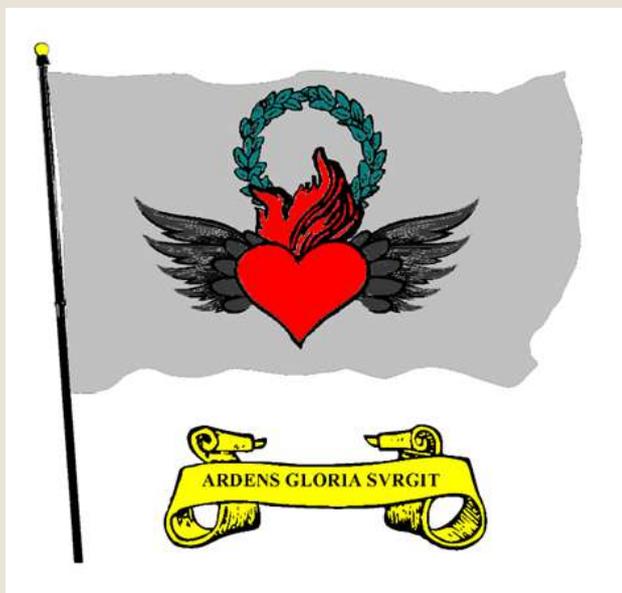


Fig. 26—Bandeira que simboliza a posição do acampamento dos Príncipes das Mercês (26.º grau), os Comendadores do Templo (27.º grau) e os Cavaleiros do Sol (28.º grau) .

A **3.ª bandeira** (fig. 27) ao marcar a posição do acampamento dos Chefes do Tabernáculo (23.º grau), dos Príncipes do Tabernáculo (24.º grau) e dos Cavaleiros da Serpente de Bronze (25.º grau) simboliza o acampamento deste contingente. A **Águia bicéfala coroada** simboliza o poder imperial, já que as duas cabeças ao olhar à dextra e à sinistra evidenciam a dimensão do poder imperial do Oriente ao Ocidente, simboliza ainda o equilíbrio entre contrários, remetendo também para o rei protetor da Maçonaria Frederico II da Prússia⁶⁴; a **Espada** flamejante simboliza a honra, mas também o poder e o **Coração** sangrando simboliza a piedade. A divisa “CORDE GLADIOQVE POTENS” significa “Poderoso de coração e espada”.

A **4.ª bandeira** (fig. 28) ao marcar a posição do acampamento dos Noaquitas ou Cavaleiros Prussianos (21.º grau) e dos Cavaleiros do Real Machado (22.º grau) simboliza o acampamento deste contin-

gente; remete ainda para o estandarte da tribo de Efraim. O **Touro** significa poder invencível, persistência e sacrifício; simboliza igualmente o animal sacrificado por Mitra e, também, Ápis. A divisa “OMNIA TEMPVS ALIT” significa “Alimenta o tempo todo”.



Fig. 27—Bandeira que simboliza a posição do acampamento dos Chefes do Tabernáculo (23.º grau), dos Príncipes do Tabernáculo (24.º grau) e dos Cavaleiros da Serpente de Bronze .

A **5.ª bandeira** (fig. 29) ao marcar a posição do acampamento dos Grandes Pontífices (19.º grau) e os Grão-Mestres de todas as Lojas Simbólicas (20.º grau) simboliza o acampamento deste contingente. A **Arca da Aliança** cuja feitura e características são definidas por Deus no *Livro do Êxodo*⁶⁵ simboliza antes de tudo a presença e a aliança de Deus, mas simboliza também o Ovo Cósmico ou Matriz Universal encerrando os germes da Mónada⁶⁶. Os dois **Castiçais** simbolizam os dez castiçais de ouro que iluminavam o templo de Salomão e significam a luz; as duas **Palmeiras** simbolizam as colunas palmiformes que ornavam o templo de Salomão, a sua decoração com motivos de palmeiras, mas

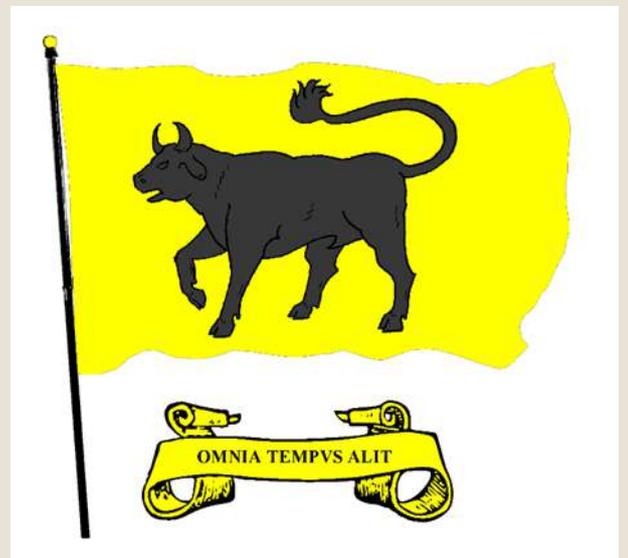


Fig. 28—Bandeira que simboliza a posição do acampamento dos Noaquitas ou Cavaleiros Prussianos (21.º grau) e dos Cavaleiros do Real Machado (22.º grau) .

para a cidade de Jericó, onde se deu a batalha onde a Arca da Aliança esteve perdida. A divisa “LAUS DEO” significa “Louvado seja Deus”.

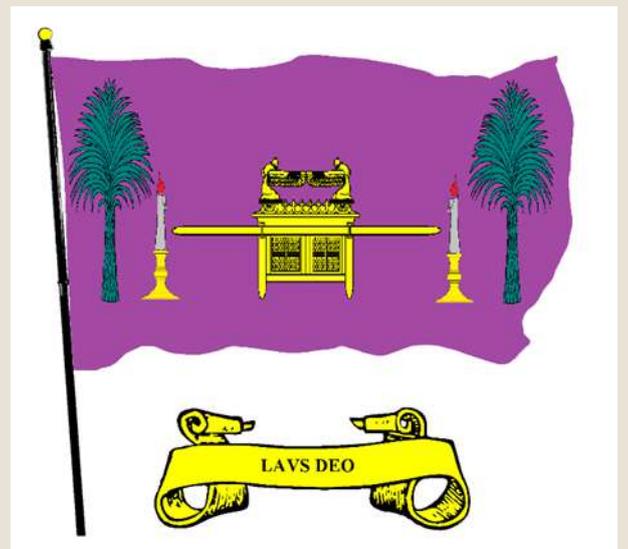


Fig. 29—Bandeira que simboliza a posição do acampamento dos Grandes Pontífices (19.º grau) e dos Grão-Mestres de todas as Lojas Simbólicas (20.º grau).

As Três Aves

As **Três Aves** que povoam o triângulo, um **Corvo** (fig. 30), uma **Fénix** (fig. 31) e uma **Pomba** (fig. 32) em termos de leitura simbólica representam os Príncipes do Real Segredo (32.º grau) e os Inspectores e Inquisidores (31.º grau), bem como os cavaleiros de Malta que experi-

mentados, fiéis e sinceros podem estar entre eles. Ainda como significado simbólico a **Fénix** alude à imortalidade, ao renascimento, às formas de renovação e, também, à vitória sobre a destruição, o **Corvo** alude à inteligência e à memória, mas também à morte e a **Pomba** alude à pureza, à paz, à felicidade e ao espírito.



Fig. 30—Corvo



Fig. 31—Fénix



Fig. 32—Pomba

As Quatro Tendas

As **Quatro Tendas** (fig. 33) que carregam os braços da cruz de Santo André correspondem ao acampamento dos Grandes Inspectores Gerais (33.º grau).



Fig. 33—Tendas que simbolizam o acampamento dos Grandes Inspectores Gerais (33.º grau)

A Tenda do Soberano Grande Comendador

A **Tenda** (fig. 34) que carrega a aspa em abismo, na interseção dos braços da cruz de Santo André, simboliza a tenda do Soberano Grande Comendador.



Fig. 33—Tenda do Soberano Grande Comendador

As Letras

As **letras** associadas às nove tendas simbolizam os diversos comandantes dos

contingentes, respectivamente⁶⁷:

S - Malachi

A - Zerubbabel

L - Nehemiah

I - Joabert

X - Paleg

N - Jehoiada

O - Aholiab

N - Joshua

IS - Ezra

As letras associadas às cinco bandeiras simbolizam os diversos comandantes dos contingentes, respectivamente:

T - Bezaleel

E - Aholiab

N – Mah-Shim

G - Garimont

U - Amariah

As Palavras

As letras associadas às nove tendas, lidas no sentido *dextrorsum*, formam as palavras **SALIX** e **NONIS** e as letras associadas às cinco bandeiras, lidas no mesmo sentido, formam a palavra **TENGU**. As **palavras** simbolizam o tesouro sagrado da Maçonaria.

Os Esmaltes

Metais:

Ouro / Amarelo – Sol, Nobreza, Constância, simboliza ainda a Fé⁶⁸ e a Erudição⁶⁹.

Prata / Branco – Lua, Riqueza, Eloquência, Humildade, Entrega, Lealdade, simboliza ainda a alvura e a pureza dos Mestres⁷⁰, bem como a Paz que deve reinar entre os povos⁷¹.

Cores:

Vermelho – Marte, Fogo, Força, Energia Criadora, Determinação, Razão⁷², representa também o Sol no Oriente e recorda o sangue derramado na luta pela Liberdade⁷³, simbolizando ainda o sangue de Hiram⁷⁴.

Azul – Mercúrio, representa ainda a luta intensa das paixões que cercam o mortal que não alcançou a luz da iniciação⁷⁵, representa ainda a espiritualidade⁷⁶ e a natureza terrestre⁷⁷.

Negro – Saturno, Firmeza, Sabedoria, Honestidade, representa ainda a materialidade⁷⁸.

Verde – Vénus, Perfeição Infinita, recorda que o Maçon morre para o vício e renasce para a virtude, e por esse sólido princípio e pela esperança do progresso na sublime ciência⁷⁹. Representa ainda a revigoração da Humanidade, bem como a esperança espiritual do seu desenvolvimento ao mesmo tempo que mostra que a alma é imortal⁸⁰.

Púrpura – Júpiter, Majestade, Poder⁸¹ e Mistério, mas também Perfeição, Unidade com Deus e Sabedoria Divina.

O Painel do Acampamento

No seu conjunto e riqueza de signos o **Painel do Acampamento**, ao representar todos os trinta e três graus do Rito Escocês Antigo e Aceite, bem como a sua cabeça o Soberano Grande Comendador e ao sintetizar através das diferentes figuras geométricas, bandeiras, pendões, animais, demais móveis e divisas, todos os ensinamentos recebidos

pelo maçom ao longo do seu percurso na Arte Real, simboliza o conhecimento e também a Maçonaria Universal.

Conclusão

Fica ensaiada uma proposta de leitura heráldica do que será talvez o mais interessante e rico painel de toda a simbologia maçónica, já que, como se deixou registado, se trata de um caso único, por sintetizar na sua composição e, sobretudo, no seu imenso simbolismo aquilo que se poderá designar como o percurso completo do maçom desde que é iniciado no Rito Escocês Antigo e Aceite, passando pelos diferentes graus, a começar pelos simbólicos, passando depois pelos graus inefáveis, capitulares, filosóficos e, por fim, administrativos.

Mas vai muito além disso. Representa uma hierarquia e estabelece uma série de ligações religiosas, nomeadamente a ligação ao Antigo Testamento, e cavaleirescas, a ligação às Cruzadas e às Ordens Religiosas de Cavalaria ligadas à Cidade Santa de Jerusalém que, só em parte, são explanadas no ritual, ficando muito para o iniciado nos mistérios da Maçonaria explorar.

Assim, nunca se pense que este ou qualquer ritual explica tudo, nem que cada grau representa um mero ponto de chegada, mas antes uma etapa atingida e um ponto de reflexão. Neste caso, uma reflexão global sobre um longo percurso iniciático, mas que é, sobretudo, o ponto de partida para uma nova viagem e para novas revelações, no caminho da Sabedoria.

Fontes e Bibliografia

- *A Ritual of the Degrees of Mark Master, Excellent Master, and the Royal Arch*, 2013 (10.ª ed.). Disponível em <https://freemasons.org/wp-content/uploads/sites/8/2018/03/RAC-Ritual2012update2013v11.pdf>
- *Bíblia Online*. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/acf>.
- “História da Ordem” in *Lugar-Tenência de da Portugal Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém*. Disponível em: <https://www.santosepulcro-portugal.org/o.c.s.s.j/historia-1.html>
- “Portaria n.º 213/87 de 1987, Março, 24 – Revisão das Normas de Heráldica do Exército e do Regulamento da Simbologia do Exército” in *Ordem do Exército*, 1987, 1.ª série, n.º 3.
- *Rite de perfection 1760-1770. Réunion de plusieurs cahiers groupant les Grades pratiqués entre 1760 et 1770 à Bordeaux et à Saint-Domingue*, 1768. Paris : Bibliothèque Nationale de France, Département des Manuscrits : FM4 Baylot (15).
- *Ritual do Grau 4: Mestre Secreto*. Lisboa : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2017, novembro.
- *Ritual do Grau 5: Mestre Perfeito*. S.l. [Lisboa] : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2000, abril.
- *Ritual do Grau 7: Preboste ou Juiz*. S.l. [Lisboa] : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2000, abril.
- *Ritual do Grau 11: Sublime Cavaleiro dos Doze*. S.l. [Lisboa] : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2000, abril .
- *Ritual do Grau 13: Cavaleiro do Real Arco*. Lisboa : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2020, abril.
- *Ritual do Grau 15: Cavaleiro do Oriente*. S.l. [Lisboa] : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite. Lisboa : 2018, janeiro.
- *Ritual do Grau 19: Grande Pontífice ou Sublime Escocês*. Lisboa : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite. Lisboa : 2017, novembro.
- *Ritual do Grau 23: Chefe do Tabernáculo*. S.l. [Lisboa] : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2020, abril.
- *Ritual do Grau 27: Grande Comendador do Templo*. S.l. [Lisboa] : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos

- nos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2000, abril.
- *Ritual do Grau 28: Cavaleiro do Sol ou Príncipe Adepto*. Lisboa : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite. Lisboa : 2017, novembro.
 - *Ritual do Grau 32: Sublime Príncipe do Real Segredo*. Lisboa : Supremo Conselho para Portugal dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais do 33.º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite, 2017, novembro.
 - CADENAS Y VICENT, Vicente de - *Manual de Vexilología: Nociones y términos propios de la Ciencia de las Banderas*. Madrid : Hidalguia, 1976.
 - COUTURE, G. Mailhard de la - *Godefroy de Bouillon et la Première Croisade*. Lille : Société de Sain Augustin, Desclée, de Brouwer & Cie, 1888 (2.ª ed.)
 - CRÓ, João do - *Livro do Armeiro-Mor*. f. 5. Lisboa : Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Casa Real, Cartório da Nobreza, liv. 19.
 - FREITAS, Lima de - *515 O Lugar do Espelho: Arte e Numerologia*. Lisboa : Hugin, 2003..
 - GINETTE, Eric - "The Long Journey of the Masonic Camp" in *The Northern Light*. Lexington : 2015, Agosto, vol. 46, n.º 3. Disponível em: <https://assets.scottishritenmj.org/prod/images/legacy/2015AUG.pdf>.
 - JOHNSON, Robert H. - "32nd Degree Camp Plate" in *The Phoenixmasonry: Masonic Museum and Library*, s.d.. Disponível em: http://www.phoenixmasonry.org/masonicmuseum/32nd_degree_camp_plate.htm.
 - MAINGUY, Irène - *Symbolique des Ultimes Grades de Vaillance et de Sagesse*. Paris : Dervy, 2022.
 - MARTINS, Fausto Martins - "A simbologia numérica nos Commentarii exegetici in Apocalypsim do Padre Brás Viegas, S. J." in *Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*. Porto : 1999, n.º 6.
 - MCCLENACHAN, Charles Thompson - *The book of the ancient and accepted Scottish rite of freemasonry : containing instructions in all the degrees from the third to the thirty-third, and last degree of the rite*. New York : Macoy Pub. & Masonic Supply Co., 1914. Disponível em: <https://archive.org/details/bookofancientacc00mclrich/page/470/mode/2up>.
 - MORAIS, Paulo - "Brasão" in *Ad Fratres*, 2023, 2.ª série, ano 3, n.º 6.
 - PASTOUREAU, Michel - *Traité d'Héraldique*. Paris: Picard, 1997 (3.ª ed.)
 - SEBASTIANI, Angelo - *La Luce Massonica: L'Essenza del Rito Scozzese Antico e Accettato*. Roma : Hermes Edizioni, 1993. Vol. 4

Paulo Morais, 33º



UM CAMINHO PARA DESPERTAR

Ao longo do meu percurso pela *Arte Real*, muitas vezes tendi para que as *doutrinas* encontradas confirmassem, de alguma forma, crenças pessoais e algum tipo de fé que eventualmente tinha em *realidades* nunca observadas. No entanto mostraram-me diferentes veredas, pistas para *desvendar*, à medida que vendas iam sendo retiradas e cortinas se abriam. Pelo meio do percurso, quando passei da pedra à madeira, fui mesmo desafiado a esquecer tudo o que tinha aprendido até aí e a *enxergar uma Jerusalém Celeste*, qual cidade gigantesca que parece descer do céu¹ anunciando a alta intelectualidade de que será dotada a 6ª Raça².

Durante esse tempo, em que também completei o ciclo do *Rito de York*, as perguntas foram sempre mais do que as respostas. Ao longo das sessões, durante os últimos nove anos, percebi diferentes perspectivas e ângulos de visão aparentemente imperceptíveis. A busca da sabedoria, a procura do conhecimento é parte intrínseca do *Real Segredo* e a demanda é feita invariavelmente nas profundezas, como bem cedo é revelado no *Real Arco*.

No meu íntimo, onde a luta entre Hiram e assassino acontece, essas *novas doutrinas* foram sendo assimiladas. Percebi que os seus pilares³ são o Amor Fraternal e a Verdade. Servem de prumo e de nível a uma *diferente* hipótese de fé. Véus pareciam cair à medida que percebia serem a chave para um despertar espiritual.

Assim, a fé, “a certeza de que haveremos de receber o que esperamos, e a prova daquilo que não podemos ver”⁴, ganhou um

novo significado. Passou a relacionar-se mais com as minhas escolhas e acções, movidas por sentimentos de justiça e de compaixão em relação ao outro.

Neste despertar espiritual – aparentemente um dos objetivos do *Real Segredo* – essas duas chaves sagradas, o Amor e a Verdade, desempenharam o papel vital. Lembrei-me de um dos postulados básicos da filosofia Hindu: aquilo que conhecemos como mundo material, é uma ilusão dos sentidos. O que percebemos como mundo real, concreto e sólido, resulta de uma percepção da nossa consciência, mediada pelos sentidos físicos, mas essa visão não corresponde à essência da *Realidade* tal como é. Dessa forma, o mundo material é *Maya* – a Grande Ilusão.

*Aquilo que à gente do mundo sensorial parece ser real e verdadeiro, para o sábio é ilusão: e aquilo que a maior parte dos homens julga ser irreal e não existente, o sábio conhece como o único que é Real e existente*⁵. *Aquilo que é irreal, ilusório, não tem em si o Ser Real; não existe na realidade, e sim só na ilusão*⁶. *O mundo dos homens (acha-se) sob o domínio da ilusão [...] Esta ilusão é muito forte, e tão denso é o seu véu que é difícil aos olhos humanos penetrá-lo. Só aqueles que a Mim se dirigem e se deixam iluminar pela chama que está detrás da fumaça, vencem a ilusão e chegam até Mim*⁷.

Nesta antiga filosofia, apenas o absoluto pode ser considerado a *realidade*, sendo todo o restante ilusório. Aí, todas as coisas visíveis são *Maya*.

O pensamento essencial da liturgia do

Grau 32º do Rito Escocês Antigo e Aceite é utilizar todas as *criações* do passado, ou pelo menos, uma parte das suas lendas, dos seus símbolos e das suas cerimónias, para delas tirar os elementos de um sistema destinado a pôr em evidência as qualidades e as virtudes necessárias ao homem: a prática da *Solidariedade* e da *Tolerância*; a apologia do *Dever* e do *Trabalho*; a busca incessante das luzes da *Razão* e da *Consciência*; a *fé* na *Liberdade* e no *Progresso*.

Essas virtudes poderão levar à libertação de *Maya*, rasgando o véu através da sabedoria (gnosis). De acordo com os Vedas⁸, *Maya* lançou um véu sobre o deus *Brahman*, a última *realidade*. Na filosofia budista, o véu de *Maya* está associado ao esquecimento das reencarnações anteriores na vida actual. Segundo Arthur Schopenhauer⁹, é “o mundo enquanto representação submetido ao princípio de razão”, nesse entendimento, mundo é puro fenómeno ou representação.

Maya é o princípio causador da ilusão, mas não é a ilusão em si mesma: o que é ilusório não são as coisas em si mesmas, a ilusão está na nossa incapacidade de perceber as coisas como são no seu próprio nível de realidade. Vemo-las de forma distorcida, de acordo com as nossas limitações sensoriais e os nossos condicionamentos. Isso não significa que as coisas não existam e sim que não podemos percebê-las como são em si mesmas.

No Grau 32º, patamar de recapitulação e de síntese, foi-me dito que cheguei do *Ocidente*, trazendo *Silêncio*, *Tristeza* e *Perseverança*, por *Prudência* e por *Honra*, aflito com a *lembrança do passado*. Incentivaram-me a *perseverar* na *esperança* funda-

da dos meus direitos de *Liberdade* e *Justiça* adquiridos ao *subir e descer a escada misteriosa*. Um dia seguirei para *Oriente*, ao encontro da *herança* dos meus pais, recebida pela autoridade do *Trabalho* e da *Virtude* e reconhecida pelos meus sinais, toques e palavras. Nesse regresso a casa, a *fé*, independentemente da sua definição, será cumprida com a queda do véu final de *Maya*.

Pela minha percepção relativa, vejo o *Real Segredo*, ou Verdadeiro Segredo, como parte de uma arcaica (a que a *Arca* da Aliança não será alheia) herança ancestral que tem como objectivo despertar consciências, remover véus, abrir cortinas dentro de uma complexa *matrix* de ilusões a que alguns chamam *umbral*, local sombrio, facilitando o regresso definitivo a casa, ao encontro da *Luz*, da herança dos nossos pais. Nos sinais, nos toques e nas palavras encontram-se as chaves descodificadoras: Amor e Verdade. A primeira remetendo para a acção e a segunda para a *fé*, para a *realidade* não observada, bem representada pelo adjectivo *Real*, comum à *Arte*, ao *Arco* e ao *Segredo*.

Notas:

- 1- Do ritual do Grau 19º
- 2- Do ritual do Grau 20º
- 3- *Cornerstone*
- 4- *Hebreus* 11:1 Versão Rei Jaime Atualizada
- 5- *Bhagavad Gita* II-69
- 6- *Bhagavad Gita* II-16
- 7- *Bhagavad Gita* VII-13-14
- 8- Denominam-se Vedas as quatro obras, compostas em um idioma chamado Sânscrito védico, de onde se originou posteriormente o sânscrito clássico.
- 9- Filósofo alemão do século XIX.

José Alberto Oliveira, 32º

SPES MEA IN DEO EST

O Grau 32º tem associada uma pequena “marca” que passa muitas vezes despercebida, raramente abordada pelos autores que se debruçam sobre o R.: E.: A.: A.:, mas que é absolutamente fundamental para a compreensão global de todo o Rito: tal como o 33º e último grau, o Consistório dos Príncipes do Real Segredo tem um selo próprio, composto pela mesma águia de duas cabeças (a Águia de Lagash, ainda que não coroada), com o 32º Grau inscrito num triângulo e com uma faixa onde se inscreve o mote “SPES MEA IN DEO EST”.

SPES MEA IN DEO EST... A minha esperança está em Deus...

Peço-vos um pequeno exercício de lembrança de um fundamental marco da Iniciação Maçónica no R.: E.: A.: A.:, para aqueles de vós que a conhecem: vendado há longos minutos, desnudado e descalço, perante uma assembleia que não pode conhecer e perante uma pergunta que um desconhecido lhe faz sobre a sua disponibilidade para se sujeitar a um conjunto de provas, viagens e juramentos, sobre os quais não pode ter qualquer consciência, o Candidato - sendo a cerimónia bem conduzida - não deve ser induzido de qualquer forma a aceitar. Esse SIM deve ser-lhe espontâneo, no meio do silêncio da assembleia. Ainda mais silencioso deve estar o ambiente da Loja na pergunta que consequentemente o Iniciador é ritualmente obrigado a fazer: CANDIDATO, EM QUEM DEPOSITA A SUA CONFIANÇA?

O silêncio da Loja na primeira pergunta ajuda-nos a aferir o grau de vontade, disponibilidade, prontidão e confiança do Candidato, conforme o tom e o som do seu SIM. O silêncio da Loja na segunda

pergunta é a marca da profundidade da questão que, desta feita, é destinada a todos os membros que a compõem, um pouco à semelhança da cerimónia da renovação das crenças e das renúncias do cristão, por alturas da Páscoa. Colocamo-nos todos na resposta do Candidato, como se os nossos destinos estivessem nas suas mãos. Para o Candidato – pelo menos para mim foi – é um silêncio que, pela primeira vez nessa cerimónia, o coloca entre iguais, entre homens que deram a mesma resposta e que, portanto, são seus semelhantes na confiança. Nessa condição, a resposta só pode ser uma: EM DEUS.

A resposta, tal como a pergunta, tem um sentido plebiscitário. Quer isto dizer que, com esta resposta, o Candidato compromete toda a assembleia e, por esse facto e por esse acto, ela torna-se una. A «arma junto ao coração» é retirada, da mesma forma que a corda com o nó de correr é retirada do pescoço do Candidato, que é como quem diz, é retirada do pescoço de cada um dos presentes.

Ainda que a cerimónia prossiga, o trabalho do recrutamento, dos padrinhos e dos in-

quiridores foi já satisfatoriamente sancionado. Assim sendo, não há qualquer razão para que o Candidato continue a ser manietado ou tratado com severidade. Termina a fase “agressiva” da Iniciação. Perante a Loja já não está um profano do qual se tenha que defender. Perante a Loja está um Candidato que se põe, por sua própria iniciativa, sob a confiada protecção de Deus, da mesma maneira que eu hoje me ponho, perante vós, sob a protecção do GADU. A partir desse momento o Iniciador confia o Candidato «à mão amiga» do Irmão Exper-to.

Não é, pois, estranha ao R.:E.:A.:A.: esta permanente referência a DEUS, a quem nos entregamos nas nossas tribulações, que reforça a nossa confiança e, já no Grau 32º, em quem depositamos as nossas esperanças.

Sim, meus Irmãos, este nosso Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.: é, por enquanto e até à data, uma Jurisdição Regular e portanto, tal como as suas congéneres de todo o mundo, está sujeita à defesa permanente dos *landmarks* da regularidade maçónica, que compartilha com as jurisdições da Maçonaria Simbólica: não sendo uma religião nem uma Ordem que advoga qualquer fórmula religiosa ou patrocina qualquer igreja instituída, ela deve ser formada exclusivamente por crentes, nela não devendo ter assento descrentes, ateus, agnósticos, pagãos ou idólatras. A Maçonaria Regular Universal, e muito menos os seus vários sistemas reconhecidos de Altos Graus, não é uma agremiação de gentios.

Em todas as jurisdições regulares do mundo permanece, com toda a sua força e vigor, a mais abrangente (e, na minha opinião, a mais bela) de todas as fórmulas que inspiram o primeiro *landmark* da regularidade maçónica, esta postulada pelo pastor Joseph Fort Newton na obra *The Builders*, de 1914: “*The fatherhood of God, the brotherhood of man, the moral law, the Golden Rule, and the hope of life everlasting*”.

Desta frase belíssima, creio que bastará traduzir que a *Golden Rule* se refere ao mandamento máximo, comum à maior parte das religiões reveladas: «Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo».

Se o amor a Deus remete o Homem para a sua condição mortal e para os limites da compreensão dos mistérios em que está envolta a sua existência, face à superioridade da omnipresença e omnisciência do Ser Supremo (ensinamento maior do Grau de Aprendiz), o amor ao próximo estabelece a primeira regra de uma conduta moral que convoca cada um de nós ao reconhecimento do outro como semelhante, limando também aqui qualquer tendência para a sobrevalorização de uns perante outros. É esse o contexto da nossa Irmandade: sermos todos iguais (a palavra mais correcta, que é também um símbolo, é estar ao mesmo nível, símbolo do 2º Grau e do 1º Vigilante), sermos todos iguais aos olhos do Altíssimo.

É destas máximas de inegável valor moral que a Maçonaria Regular retira o tríplice mote para o código de conduta que exige aos seus membros: Amor fraternal, Alívio e

Verdade, configurado que está com as três virtudes teológicas, ainda que por uma ordem diferente da fórmula tradicional: Esperança (de que o amor reine entre os Homens), Caridade (no alívio dos Irmãos e na caridade ao encontro do Outro) e Fé (como verdade universal, manifestação natural do amor a Deus).

Meus Irmãos, estas afirmações, que vos podem parecer extremistas, conservadoras, dogmáticas ou até desconfortáveis, não são da minha lavra e falam-vos de uma realidade concreta da Grande Loja Regular de Portugal, a que aderi, corria o ano de 1996 e que continua a ser a mesma realidade vigente nas Obediências e associações regulares mundiais de referência, como sejam a UGLE, a generalidade das Lojas Estaduais dos EUA e do mundo anglo-saxónico, a Conferência Maçónica Internacional, a Conferência de Grão-Mestres da América do Norte e as duas grandes jurisdições americanas (Norte e Sul) que sancionam a generalidade dos Supremos Conselhos do R.:E.:A.:A.: de todo o mundo. Elas foram sendo postuladas desde a fundação da Maçonaria em geral e do R.:E.:A.:A.: em particular. Recomendo, portanto, a leitura atenta do «Capítulo I – De Deus e da religião» das “Constituições de Anderson” de 1723, dos textos “Foundations of Masonic Law” ou “Masonic Jurisprudence”, de Albert Mackey, de 1856 e 1858 respectivamente e da célebre resolução que a UGLE, toma a 6 de Março de 1878, que vem estabelecer, até aos nossos dias, a partição filosófica entre a Maçonaria Regular e a Maçonaria

Liberal ou Adogmática.

De facto, a divisa Liberdade, Igualdade, Fraternidade espelha um conjunto de valores de uma determinada concepção sociopolítica, adquirida num determinado momento da história e descentra o carácter introspectivo e de trabalho interior individual proposto pela Maçonaria Regular para um desidério colectivista de intervenção social e política da sua congénere adogmática.

Também no seio do R.:E.:A.:A.: foi necessária uma tomada de posição firme, face aos que pretenderam retirar dele as referências a Deus e ao Livro Sagrado e introduzir um “*princípio criador*” indefinido e indeterminado na figura do Grande Arquitecto do Universo. As conclusões do Congresso de Lausanne de 1875 são claras e vêm reforçar o elo que o une à Maçonaria Simbólica Regular: o R.:E.:A.:A.: regular é um rito teísta, que afirma a existência de Deus, Grande Arquitecto do Universo, criador de todas as coisas, cuja verdade revelada constitui a base referencial de um sistema ético e moral que deve orientar a vida de cada homem, no plano terreno e para além deste.

Tal como na Maçonaria Simbólica, também existem derivações do R.:E.:A.:A.: que aderem ao princípio deísta indeterminado ou até à laicidade declarada, sistemas que não reconhecem limites à racionalidade e ao livre-arbítrio de cada um, que reúne em Lojas e Câmaras sem livro sagrado e sem qualquer referência ao Grande Arquitecto do Universo. Existem, mas não é aqui. Ou, pelo menos, ainda não é aqui.

Sim, temos sido incompetentes nos nossos recrutamentos. Entre nós há cada vez mais obreiros que recusam qualquer abordagem religiosa, qualquer referência às virtudes morais e intelectuais que devem reger as nossas vidas e que se ocupam em trazer, para o mundo virtuoso do homem crente, os vícios mundanos do mundo material, do poder, do dinheiro e dos negócios, da influência ou da querela política.

Temos sido incompetentes de cada vez que, através de expedientes administrativos, admitimos obreiros que não se apresentam com os seus registos criminais limpos. De cada vez que não suspendemos obreiros que se acham envolvidos em processos criminais e, pior, que não os expulsamos após trânsito em julgado que confirme a sua culpa. As nossas luvas não estão imaculadas...

Não é preciso estar “de fora” para, legitimamente, questionar: mas que Maçonaria é esta? Os metais não foram deixados à porta do Templo e entre nós já circulam, incógnitos, os assassinos de Hiram!

A nossa incompetência esconde-se na tibieza com que, crescentemente, subalternizamos a defesa dos nossos valores éticos e das nossas verdades morais e nos deixamos enredar nos paninhos quentes do que, no momento, parece ser o consenso geral popular, no apaziguamento cobarde do confronto sincero das certezas que defendemos, no cultivo desconchavado e exacerbado das semelhanças bacocas e não no confronto salutar e esclarecedor dos princípios invioláveis que nos distinguem. Na espuma dos dias, tudo passa,

mas nada de profundo fica. E sem profundidade, caducam os nossos argumentos.

É por isso, meus Irmãos, que a revisão que o Papa Francisco veio fazer, há poucos dias, relativamente à incompatibilidade entre o catolicismo e a Maçonaria, caiu que nem uma bomba!

Que temos feito, nós, Maçons regulares, para demarcar as diferenças entre as nossas obediências e as obediências irregulares e, até, contra o fenómeno crescente da Maçonaria Selvagem, que nos sugam para um mesmo bolo indistinto? Que sabe hoje a opinião pública sobre o que nos diferencia? Exorto-vos a lerem as notícias sobre este assunto recente. Logo na abertura verificarão que, invariavelmente, a única diferença que o jornalismo tece entre o GOL e a GLLP é a idade: a obediência mais antiga e a “outra obediência de cariz nacional”, como se estivessem a noticiar a mulher e a amante, vítimas de uma mesma circunstância. Mesmo os que sabem apelidar-nos de Obediência Regular não entendem por que razão esta questão nos é mais cara a nós, Maçons Regulares, do que aos membros de uma associação que continua a defender o socialismo, o republicanismo e o laicismo sem qualquer sentido crítico para as sociedades globalizadas e amorfas que têm produzido.

A crítica do Papa revela, no entanto, a mais avançada posição da Igreja Católica em termos puramente filosóficos: Francisco esqueceu a questão do *Segredo* e da impossibilidade de inscrever a Maçonaria na ordem jurídica dos Estados, que animou a primeira grande encíclica contra a Ordem,

In Eminentí Apostulatus Specula que o papa Clemente XII manda publicar, em 28 de Abril de 1738. Também já não é a questão da convivência multiconfessional que se vive nas Lojas que explica essa incompatibilidade, como defendeu Pio VI, em 1775. Pelo contrário, Francisco é o mais evoluído Papa relativamente à questão da participação católica no movimento ecuménico.

Também a tese da contra-sociedade que tem como objectivo a subversão social conducente à subversão política e à destruição do Estado e da Igreja, defendida por Augustin de Barruel nos finais do Séc. XVIII e que foi plasmada nas encíclicas de Leão XII, em 1825 e de Pio VIII, em 1829, já não tem qualquer cabimento na argumentação de Jorge Bergoglio. O Papa Francisco não acusa a Maçonaria de estar à frente de qualquer revolução política e social, nem de atentar contra a ordem jurídica ou constitucional de qualquer Estado, nem de promover o fim dos Estados Pontifícios, hoje circunscritos ao Vaticano.

Francisco evoca e revisita dois argumentos mais substanciais da crítica da Igreja Católica e que foram inaugurados por Gregório XVI, na Encíclica *Mirari Vos*, em 1832: que a Maçonaria mantém o apelo ao *indiferentismo* das teses de Jean-Jaques Rousseau e não tem sido uma força contrária ao *relativismo moral* que decorre do *relativismo tout-court*.

O *indiferentismo* é a tese que defende que nenhuma filosofia ou religião detém primazia relativamente a outra, por via das diferenças nas verdades que advogam. O lado positivo do *indiferentismo* foi o *latitu-*

dinarismo inglês que, ao longo de todo o Séc. XVIII, foi responsável pelo apaziguamento religioso e pelo desenvolvimento de uma salutar tolerância religiosa que caracterizaram o período hanoveriano. Foi também muito positivo no modelo tolerante da construção da sociedade americana independente e da agremiação dos Estados da Commonwealth que, como sabemos, estão bem longe de ter produzido sociedades irreligiosas ou laicas ou guerras religiosas fratricidas, bem antes pelo contrário.

O lado pernicioso do *indiferentismo* foi, no entanto, acolhido e sublimado pelo positivismo primário dos defensores da sociedade laica: se não há filosofia ou religião que detenha uma verdade maior que outra, então, por dedução lógica simples, nenhuma religião detém uma verdade válida, qualquer que ela seja, que não possa e deva ser substituída pela ciência e pela razão. Daqui à constatação de que Deus não existe ou, existindo, não pode ser um determinante da filosofia maçónica, porque não se enquadra no valor supremo da absoluta liberdade de consciência, foi um pequeno passo que abalou toda uma instituição, então com mais de 150 anos!

Mas se é certo que a Maçonaria Regular Universal tem bases fundacionais que a distinguem das demais e tem um legado histórico na defesa do progresso humano e na prática da tolerância (na que se inclui a tolerância religiosa), também é verdade que, nos nossos dias, ela se encontra demasiadamente exposta aos valores de uma sociedade que secundariza os valores mo-

rais, porque se arredou dos valores espirituais e os substituiu pelo materialismo que preside à vida dos simples...

Se, num legado de 300 anos, a Maçonaria soube manter firme a boa bandeira da convivência espiritual, nascida do contacto e da tolerância entre formas distintas de religiosidade entre membros de uma certa elite moral, a verdade é que a sua excessiva abertura à sociedade civil, aliada ao recrutamento pouco criterioso de (muitos) novos membros, instam a corrosão dos seus pilares ético-morais fundamentais.

A discussão entre regularidade ou liberalidade é absolutamente irrelevante, uma vez aberta a porta da miscigenação moral, ética e espiritual. Se somos uma coisa, mas se também podemos ser o seu contrário, então não somos nada.

Apesar de tudo, valeria a pena contrapor à posição do Papa, o facto de que a Maçonaria ainda não constitui uma massa uniforme de irrelevância, onde não pode singrar qualquer forma de vivência superior, livre do materialismo que a rodeia e a sufoca.

Teria sido interessante explicar que, no seu seio, o *Indiferentismo* do Séc.XVIII deu origem a uma reunião ecuménica de crentes, que entendem que o Deus Verdadeiro e Único o é para todos homens, independentemente da forma como lhes é apresentado e que isso é, em si mesmo, um ensinamento de Cristo, de quem a Igreja Católica se afasta de cada vez que pretende o exclusivo da sua acepção filosófica relativamente a todas as outras.

Esquece-se Francisco que a sua Igreja é ho-

je o tal “templo de vendilhões” que se afasta da palavra do Deus Verdadeiro e Único! Esse templo disse-nos o próprio Yeshua, o nazareno, poder destruir e reedificar em 3 dias (Jo, 2, 13-25)!!

Teria sido interessante replicar que o relativismo moral que, segundo Francisco, a Maçonaria continua a propagar, não chega, apesar de tudo, aos calcanhares da degeneração moral com que devemos adjectivar as seitas de padres e bispos homossexuais que dominam importantes sectores do Vaticano e ainda menos os hediondos pedófilos que se escondem atrás dos altares e para quem a fogueira do Inferno e a justiça dos homens, quando chegar, serão, todavia, brandas...

Não é preciso estar “de fora” para, legitimamente, questionar: mas que Maçonaria é esta?

Os metais não foram deixados à porta do Templo e entre nós já circulam, incógnitos, os assassinos de Hiram!

Teria sido extraordinário que, em lugar da perplexidade e do desapontamento anunciado pelos vários Grão-Mestres, a Maçonaria pudesse, do alto da sua irrepreensibilidade moral e ética, afirmar que foi a Igreja Católica quem perdeu qualquer autoridade moral para julgar a vida dos católicos e que essa irrelevância está demonstrada na crescente adesão de católicos à Maçonaria, e a qualquer das formas em que esta se apresenta!

Teria sido interessante, sim... Mas também nós não nos podemos dar a esse luxo. O

nosso trabalho está longe de ser perfeito e sem pedras perfeitas o Templo cresce torto...

Manter a nossa esperança em Deus é, pois, muito mais que uma afirmação tola de religiosidade. Ela fala-nos não apenas da continuidade da nossa reverência à ética e à moral que advêm das doutrinas comuns a todas as religiões, mas de uma prática continuada de tolerância para com todos os homens elevados e crentes, com quem nos encontramos “no nível”, afastados que foram desta união todos os incapazes deste mesmo entendimento. E assim, a Esperança é, ela própria, configurada ou simbolizada pelo nível: no mesmo plano, agregam-se todos os esperançosos, todos os crentes de que o Supremo Bem, o Supremo Bom e o Supremo Belo são uma única e mesma Luz que orienta os passos que damos juntos.

Quoniam ipsius est regnum et potestas et gloria in sæcula sæculorum .



Tiago Sousa e Silva, 32º

A construção do espaço ou... ou um espaço em construção

Reflexões sobre a “construção” medieval

A explosão do monaquismo, um dos últimos legados de Roma, de uma Roma já em decadência, é certo, mas nem por isso menos importante, anda associada à crescente ruralização de um mundo cada vez mais compartimentado e que ia cristalizando em torno do desespero face à destruição da «antiga ordem», sem que outra se desenhasse.

De facto, o mosteiro acabaria por revelar-se inúmeras vezes como a única estrutura religiosa com solidez suficiente para inspirar confiança nas gentes de vastas regiões onde as cidades, no dizer de George Duby, se encontravam mortas ou moribundas¹. É certo que o mundo urbano haveria de recobrar forças, mais cedo numas regiões que noutras, mas com a energia suficiente para que o século XI se caracterizasse como o século das catedrais, pujante da força que brota dos burgos e que, tal como o anterior, necessita de um «cenário» onde ritualize as funções que o imaginário colectivo lhe atribui e, simultaneamente, seja reflexo do modelo social que o originou. Senhores, irmãos de príncipes, duques e condes, os bispos construíam as suas catedrais e organizavam o respectivo espaço em obediência à manifestação da glória de Deus de que eles se consideravam os lídicos representantes. O espaço catedralício tornava-se, desta forma, um hino ao triunfo de um cristianismo tão triunfante, como as linhagens que representavam e que se

revelavam no exemplo do que os reis como Carlos Magno, Luís o Piedoso, ou Carlos o Calvo haviam assumido. Tratava-se, assim, de um espaço de reis e de uma construção de e para reis.

Mas não é deste espaço nem desta construção que nos propomos falar, apesar de com o monástico estabelecer uma articulação em parte associada ao proliferar de novos mosteiros desde o início do século XI.



Estes mosteiros, quase sempre fundados sob a protecção de uma linhagem, funcionavam como o suporte e garante do enraizamento do seu poder. Nele se reflectia a glória da família, aí onde os túmulos dos antepassados estabeleciam a ligação entre o mundo dos vivos e o dos que já haviam partido, mas era necessário manter aplacados, justificando a função litúrgica dos monges e garantindo o elo de pertença relativamente ao espaço onde a linhagem se estabelecera e controlava.

O espaço ocupado por estes mosteiros era ainda concebido em função de uma ideologia perspectivada no passado, no tempo em que as catedrais e o poder episcopal haviam feito retroceder o monaquismo para o interior do silêncio, onde a principal função era chorar os pecados do mundo enquanto se aguardava a vinda do Juízo Final.

Os esplendores do Ano Mil são ainda o reflexo do triunfalismo herdado do período carolíngio e que as turbas populares inflamadas pela palavra herética de um qualquer visionário do messianismo apocalíptico, esperavam reviver na pessoa de cada novo «Carolus» que as conduziria á Jerusalém Celeste.

O espaço monástico mantém a função iniciática de reflectir uma determinada visão do mundo, um sistema de valores que tudo organiza e modela. A imagem projectada pelo cenário implantado no espaço monástico é a réplica do modelo social que o origina.

É certo que a Regra de S. Bento preconiza formalmente a pobreza, a castidade e o trabalho manual como elementos fundamentais para a concretização do ideal monástico. No entanto, a moral de renúncia

definida por Bento de Núrsia e Gregório Magno originou um mosteiro de estruturas solidamente alicerçadas no poder feudal que, em vão, Bento de Aniane tenta alterar no século IX.

Tal como na catedral ou na colegiada, a vida do mosteiro estrutura-se em torno do claustro, essa construção onde assenta o verdadeiro centro de toda a actividade monástica, permitindo ao monge a concretização da dupla identidade que caracteriza o modelo que pretende viver. *Clastrum et heremus*.

Por um lado, o comunitarismo que congrega a força da oração em grupo seguindo o preceito de Jesus; por outro, o isolamento propício ao conhecimento interior e à renúncia das seduções do «século». Neste isolamento se consubstanciava o *contemptus mundi*, o desprezo pelo mundo cada vez mais exigência de um cristianismo purificado, também em resultado dos estímulos provocados pelas seitas heréticas que, por toda a Europa, durante o século XI, preconizavam o regresso à pureza do Cristianismo primordial.

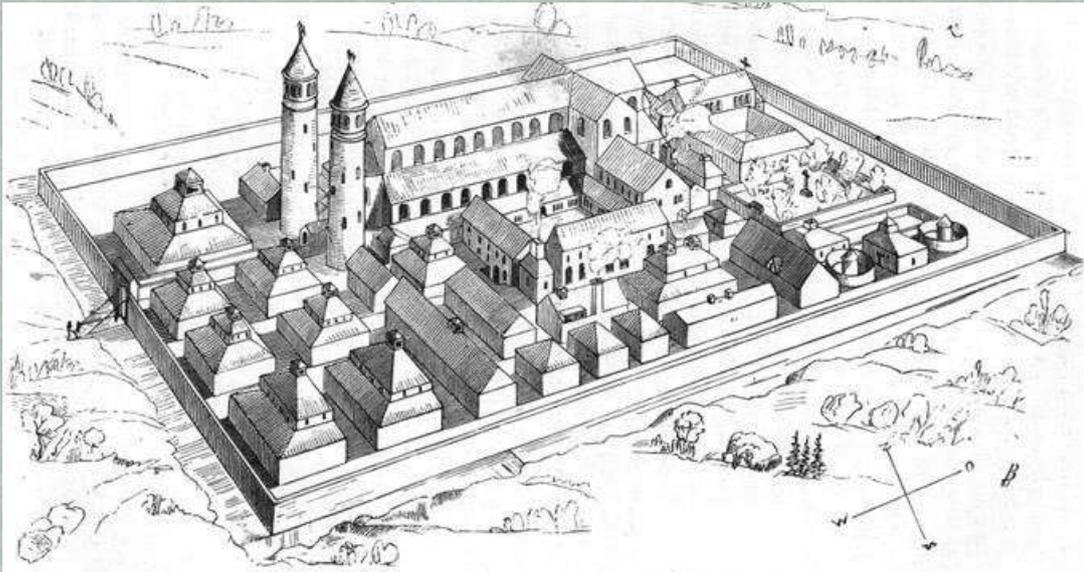
No entanto, reflexo da sociedade que o originava, o mosteiro beneditino tinha uma forma própria de encarnar o ideal cristão.

O conceito de pobreza não corresponde à total ausência de bens. *Pauper* é quem tem pouco, não quem não tem nada; e não é a esse tipo de pobreza que Jesus se refere no sermão dos bem aventurados.

A pobreza ideal é a que se identifica com a humildade, a *Humilitas*, «a pobreza de espírito» que se opõe à *Superbia*, tal como a *Caritas* se opõe à *Avaritia* e a *Largitia* à *Cupiditas*.

A concretização do dever da caridade, traduzida na simples prescrição de *pauperes recreare*, criava à organização do espaço monástico algumas limitações.

Em resultado da aplicação desta virtude, o mosteiro cluniacense deveria incluir uma «hospedaria», geralmente sumptuosa, onde eram acolhidos os senhores que, a cavalo, batiam à portaria do mosteiro.



Aí se partilhavam as virtualhas de que os monges voluntariamente se abstinham nos dias de jejum. Mais modesta era a «esmolaria» onde se acolhiam os *peregrini*, esses caminchantes que permanentemente percorriam os caminhos medievais, a quem se reservava o pão negro que partilhavam com os mendigos que cada mosteiro devia manter, na representação ritual que culminava com o lava pés de Quinta Feira Santa.

Era, na verdade, uma caridade ritual que apenas pretendia dar cumprimento ao preceito regular, sem que através dele se pretendesse qualquer alteração do modelo social. Esse era o objectivo dos *loucos de Deus*, que entendiam o despojamento real como uma «construção» que levaria ao primeiro dos deveres evangélicos.

Se a caridade era, assim, entendida de for-

ma maquinal, também o era a renúncia aos bens materiais.

Numa sociedade hierarquizada em ordens, em que a riqueza e a opulência eram encaradas como o testemunho dos favores divinos, dificilmente se poderia entender a renúncia da riqueza numa perspectiva literal. O monge era pobre enquanto não possuía nada de seu. Mas tal não implicava que

não usufruísse o desafogo correspondente ao estatuto atribuído ao seu estado na ordem social. Todo o poder e riqueza de que se rodeava eram pertença da Ordem, apenas servindo para realçar a dignidade que lhe era devi-

da.

Assim, o espaço onde se desenvolvia a sua actividade devia assemelhar-se ao que rodeava os reis e senhores. Um espaço amplo e ricamente decorado, mas onde pudessem manifestar a *humilitas* que os levava a suportar a opulência como um senhor suportava a adversidade.

Um espaço onde a actividade monástica pudesse manifestar-se na sua plenitude do louvor a Deus, realizando a imaterial ligação entre a terra e o céu, o coro que, em unísono, sete vezes ao dia, ao longo de três horas e meia, entoava os salmos enquadrados na perfeição dos sete tons da música, que os pitagóricos entendiam como uma construção matemática.

Por isso Cluny acabaria por quintuplicar o templo e o tempo destinado ao coro, transformando-no numa actividade peno-

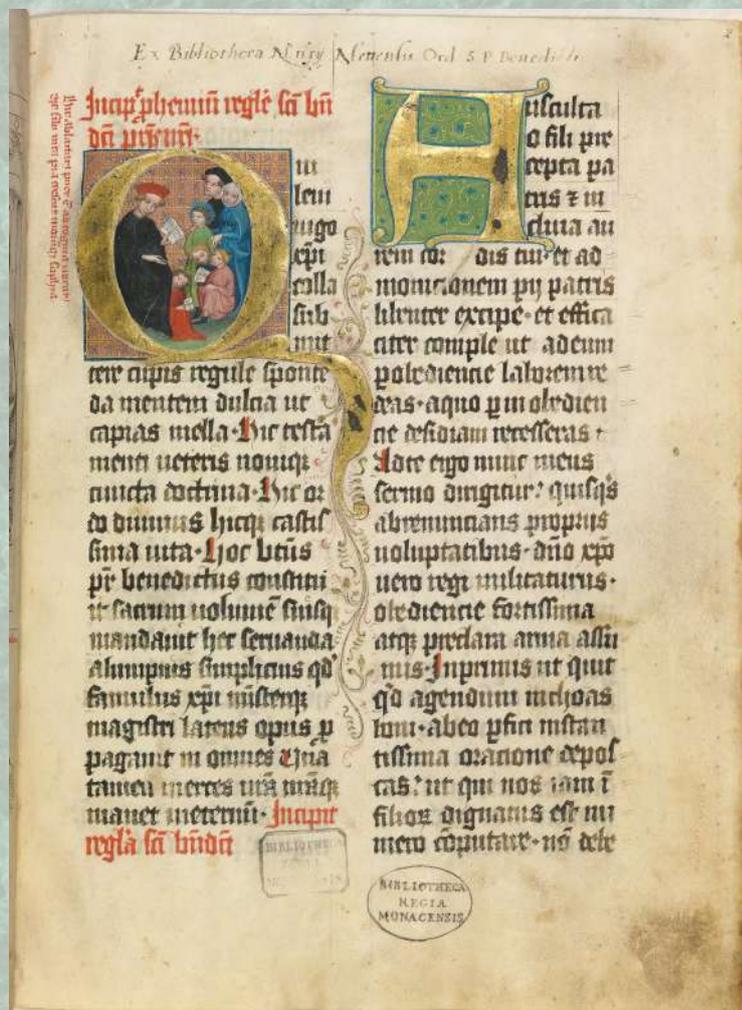
sa e extenuante, justificadora de todos os excessos gastronômicos. Era esta uma alternativa ao cumprimento do preceito da Regra de S. Bento que determinava ser a ociosidade inimiga da alma.

No seu Capítulo XLVIII estipula: «Deverão os irmãos ser ocupados a horas fixas, com trabalho manual e com a leitura das Escrituras... Da Páscoa às *Kalendas* de Outubro, os irmãos sairão do mosteiro pela manhã; trabalharão manualmente em tudo o que for necessário, da primeira hora até perto da quarta. Da quarta à sexta, ocupar-se-ão da leitura. Depois da sexta, após o levantar da mesa, descansarão nas suas camas, no mais completo silêncio. Se alguém quiser ler, que o faça para si, sem incomodar os outros. As *nonas* serão ditas mais cedo, a meio da oitava hora e os irmãos trabalharão em tudo o que for necessário até à hora de vésperas.»

Panaceia para o desgaste das energias físicas em excesso que poderiam conduzir à sedução de Satanás, o trabalho manual vestia-se, contudo, de uma característica que o tornava indigno, segundo o modelo das três ordens, das gentes da oração. Por isso, o espaço e a construção dos domínios monásticos não se distinguiam do que pertencia aos outros senhores. A sua exploração era garantida por um vasto exército de camponeses em condições mais ou menos servis.

A fadiga do corpo, essa bastava procurá-la no *opus Dei*, no ofício litúrgico, retomado oito vezes ao dia, num espaço que devia comportar as procissões solenes, cenário do rito da libertação, da caminhada do povo de Deus em direcção à luz e à libertação do invólucro carnal.

Por isso, a igreja beneditina se foi libertan-



do do peso da cripta, esse espaço ctónico, onde se enraizava a ligação que os monges estabeleciam entre o mundo dos vivos e o dos mortos onde, em torno do sarcófago do santo fundador, se estabelecia a união entre a vida e a morte.

Simbolicamente o mosteiro tinha como principal função servir de elo de ligação entre esses dois mundos, unindo-os à semelhança do Deus único e tríplice, representado no corpo da igreja basilical que pretendia ser a imagem da Jerusalem Celeste, a mansão do Pai. Assim se transformou em autêntica cidadela de aspecto fortificado desafiando todos os inimigos do mal. Símbolo da passagem da morte à luz, o seu espaço organizava-se como se de uma área de circulação se tratasse, num movimento iniciático durante o qual se atingisse o espírito liberto das impurezas da matéria.

Neste contexto, o pórtico e os degraus que lhe davam acesso traduziam a ultrapassagem da etapa da morte terrena, mas também da morte de Cristo e a ressurreição do final dos tempos, que justifica a tão frequente representação do Juízo Final e do Cristo majestático, de acordo com a parúsia descrita por Mateus e João.

da cidade era quadrada. Media tanto de comprimento quanto de largura. Mediu a cidade com a régua e a cidade tinha doze mil estádios de comprimento, e o mesmo de largura e altura...».

Se a forma do mosteiro podia basear-se na que o Apocalipse atribuía à nova Jerusa-



Era, aliás, nas Escrituras que devia buscar-se a forma da cidade santa, da nova Jerusalém que servia de modelo à morada dos que na terra, pelo coro viril, forte e guerreiro, se transformavam nos cavaleiros de uma escatologia que cultivava a memória de um paraíso perdido enquanto aguardava a glória de um outro reencontrado. «E eu, João, vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, a nova Jerusalém. Vinha linda como uma noiva que se prepara para ir ao encontro do noivo... A planta

lém, a decoração do seu espaço traduzia a riqueza que João observara na ostentação dos seus muros: «Tinha o esplendor de Deus e brilhava como uma pedra preciosa, parecida com jaspe e clara como cristal. Os muros eram de jaspe e a cidade estava construída com ouro puro, brilhante como cristal. Os alicerces da muralha estavam decorados com toda a espécie de pedras preciosas...».

O ouro, a prata, as gemas, desempenhavam cada vez mais um papel fundamental

na ornamentação do cenário em que o espaço se transformara.

Juntavam-se às outras jóias, os livros, cuja reserva de sabedoria era garante do prestígio e poder do mosteiro, essa Terra Prometida onde a luz reflectida nos mosaicos da tradição romana ou nos frescos que cobriam as paredes onde se guardavam as jóias mais puras, as relíquias.

Por isso, apenas se tornava acessível através da porta abacial, onde a figura terrífica do Eterno mais agudizava a ideia de selecção. A porta funciona como um crivo que separa o bem do mal, acabando por transformar-se no próprio Cristo que espiritualiza a matéria, pela consubstanciação do divino e do carnal que representa a entrega e o sacrifício dos que, num gesto de humildade e renúncia voluntária, transformam a imagem terrível do portal de S. Pedro de Moissac na cena do retorno do Cristo evangélico com os apóstolos transforma-

dos nos velhos músicos sustentando o matráis alquímico, que se juntam a esse Jesus humanizado, tornado herdeiro dos «reis de Judá» que passam a coroar os portais da nova construção.

Aquela que resulta da emergência de diversos movimentos que tinham no despojamento total o modelo de virtude. Aquela que, pela acção de S. Bernardo, irá resultar na construção de um homem mais lúcido, porque mais consciente da sua capacidade de intervenção num mundo em mudança pelo progresso técnico e pela acumulação de riqueza. A construção que se adivinhava já na basílica de S. Denis, às portas de Paris onde, desde os merovíngios, se enterravam os que usavam a coroa real na terra dos francos, em resultado da geometria e do esquadro, edificada junto de escolas episcopais onde se evocava a razão e a lógica, mas onde, segundo as palavras de DUBY, se meditava sobre a humanidade de



Cristo e sobre o sentido da palavra pobreza.

O século XII amanhece sedento de reformas.

O caminho que se havia iniciado com S. Bento de Aniane e havia prosseguido com a acção do abade Pedro, o Venerável, era agora pontualmente prosseguido por vários monges que o século ia buscar ao mosteiro... para os transformar em bispos, ou mesmo em papas. O desenvolvimento urbano exigia cabidos catedralícios que respondessem às novas necessidades dos príncipes e mercadores, mas simultaneamente satisfizessem as necessidades dos que engrossavam os arrabaldes, os *fau-bourgs*, onde os tradicionais sistemas de solidariedade camponesa não funcionavam para evitar o proliferar da miséria e da indigência, potenciadoras dos movimentos heréticos.

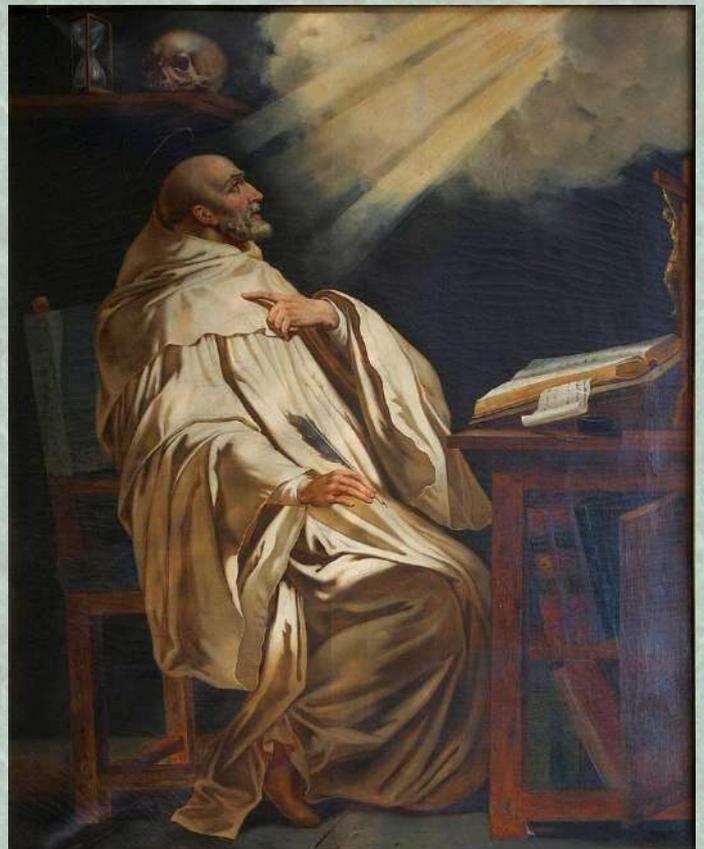
Foi a heresia que acelerou os movimentos que preconizavam um regresso às origens, assente nas, cada vez mais frequentes, viagens de peregrinos aos locais onde Jesus deixara as marcas da sua passagem. O homem vai-se, progressivamente, assumindo como um peregrino na terra em busca da luz, consciente de que o caminho é sempre uma construção individual e pode seguir muitas vias.

Cada vez mais a verdadeira religião se vai interiorizando, renegando o ritualismo da festa litúrgica para se vergar ao ímpeto do amor evangélico, a caridade.

Se, de acordo com as palavras do Evangelho, o reino de Deus não é deste mundo, o desprezo que ele provocava na mente dos mais exigentes origina uma vasto movimento eremítico que conduz ao isolamen-

to do «deserto» inúmeros heresiarcas, esses S. Joãos selvagens que tudo recusam pela eminência do surgimento dos últimos dias, como cavaleiros da Távola Redonda em busca do Graal. O seu prestígio vem-lhes sobretudo das abstinências que praticam e da separação que insistem em manter relativamente à sociedade das Ordens e do movimento secular.

S. Bernardo poderia facilmente ter sido um desses visionários. Escolheu, porém, ingressar num mosteiro beneditino e nesse acto residiu a diferença que fez iluminar as charnecas e os descampados da Europa.



Bernardo de Claraval, *Doctor Mellifluus*

A reforma cisterciense toma da Ordem beneditina tudo o que ela podia oferecer para regressar ao espírito de S. Bento. Aspirando pelo «deserto, introduz-se no emaranhado das brenhas, onde possam cultivar o silêncio, mantendo a oração comunitária com a sua força revigorante. Do monaquismo tradicional, Cister apenas repudia os elementos corruptores que conduzi-

ram ao orgulho, à ostentação, à falta de vivência interior.

Cavaleiros no século, os cistercienses adoptam, quando ingressam na Ordem, os mesmos valores que a cavalaria lhes incutira. Nada renegam do seu passado, embora transformem as vivências anteriores em aprendizagens adaptáveis à sua nova condição. De entre os pecados possíveis, é o orgulho o que mais os penaliza. Por isso devem seguir os passos dos pobres que seguiam Jesus. A Regra de S. Bento permite o consumo do vinho? Então beberão vinho, mas insípido. O pão será negro como as côdeas atiradas aos indigentes; o seu vestuário feito do tecido áspero que os cobria.

A Regra permite a posse da Terra? Então recusarão o senhorio, passando a explorar com as suas mãos o património que iam acumulando.

Como cavaleiros que eram, continuavam a entender o trabalho braçal como uma actividade sórdida e degradante, mas executavam-na como Jesus aceitou a sua cruz, aceitando-o na sua condição de pobres.

Cavaleiros de uma nova távola, era na clareira do deserto que encontravam o caos potenciador da criação de uma nova ordem. *Laboratores* como o Adão primordial, entendiam o trabalho manual como um castigo para remissão dos pecados, mas transformando-o no instrumento com que transformaram a substância amorfa, caótica, a *silva* onde buscavam a perfeição do silêncio, na recusa de um mundo que acabavam por reelaborar.

A construção cisterciense torna-se, desta forma, a vitória da ordem sobre o caos, num retorno ao primórdio anterior à que-

da do homem, através da acção purificadora, organizadora que transforma a *silva* em *natura*, reconduzindo-a à harmonia e à produtividade. Substituir o mato por frutíferas, domar os cursos de água, secar os pântanos onde fervilham os miasmas, caçar os animais ferozes e, em seu lugar, colocar animais domésticos corresponde a um retorno ao paraíso, à inversão da marcha do tempo que sempre corrompera e, agora, servia para retornar lentamente à lendária Idade de Ouro.

Assim, tendo o espaço cisterciense origem no beneditino, não deixa de dele se alongar à medida que uma outra das várias contradições cistercienses se torna mais manifesta.

Referimos que apenas aceitavam o trabalho manual como um acto de humildade. No entanto, acabam por valorizá-lo, aperfeiçoando as técnicas que permitiam multiplicar a eficiência das suas mãos. Com origem no século, dele adoptam todos os recursos que os podem favorecer no sucesso da sua aventura, certamente lembrados da parábola dos talentos.

Nos seus domínios aplicaram todas as inovações que a audácia do século XII apenas imaginava. Novas formas de rotação das terras, revolucionárias técnicas de enriquecimento dos terrenos, melhores formas de atrelagem dos bois puxando arados apetrechados com relhas de ferro para rasgar as terras que até então permaneciam improdutivas. Não surpreende, assim, que o espaço cisterciense seja o reflexo desta febril actividade. Sendo, na óptica de DUBY, a projecção de um sonho de perfeição moral e, simultaneamente, o resultado de um êxito temporal, o mosteiro articulava-se a partir de um centro onde continuava a

destacar-se o claustro, o ponto de equilíbrio entre a necessidade de recolhimento do monge e a sua ânsia na busca da luz. Espaço fechado sobre si mesmo, sobre o jardim secreto que encerra, lembra a velha *domus* clássica, também ela clausura, embora de mulheres.



Em seu torno se distribuem os diversos espaços que permitem a concretização das funções exigidas pela vida comunitária. Quase sempre localizadas ao sul da igreja, o seu espírito racional podia alterar a sua localização em função de especiais características do terreno e da hidrografia do local. No primeiro piso, no lado oposto à igreja, perpendicular à galeria do claustro, contrariando a tendência beneditina que o colocava paralelamente, localiza-se o refeitório dos monges. Aí se reúnem duas vezes ao dia, uma nos períodos de jejum, para apreciar as frugais refeições. Delas não devem retirar prazer, que apenas se destinam a garantir a subsistência do corpo, invólucro da alma. Articulados com o refeitório mantêm-se dois outros espaços.

De um lado a cozinha, do outro o *calefactorium*, único local para além daquele on-

de é presumível encontrar uma lareira acesa que garanta o calor necessário à recuperação dos enfermos e à execução de algumas tarefas nas quais o fogo desempenha um papel fundamental, como a limpeza do calçado e as relacionadas com o *scriptorium*.

Na ala perpendicular à igreja localizava-se um dos espaços mais importantes do mosteiro, a Sala do Capítulo, onde a comunidade se reunia diariamente, depois de *Primas*, em torno do abade. Nesse espaço de conselho e deliberação se ouve a leitura de um capítulo da regra com os respectivos comentários e se

abordam todas as questões práticas relacionadas com a administração do património.

Abre-se para o claustro por uma porta larga ladeada por duas janelas através das quais os conversos assistem ao que se passa no seu interior. Único espaço sempre abobadado, sustenta o dormitório comum onde os monges descansam depois de *Completas*.

Apenas o abade tem direito a um espaço individualizado, privilégio justificado pelas necessidades decorrentes da sua função que, por vezes, lhe impõem algumas alterações ao normal ritmo quotidiano.

É aí, elevados do chão, e protegidos das forças maléficas que a coberto das trevas brotam do nível ctónico ao serviço de Satanás, que a comunidade pode reparar as

energias para, no novo dia, (re) empreender a caminhada que a leva à perfeição na execução das tarefas triviais do quotidiano, mas sem as quais o sucesso comunitário seria inatingível.

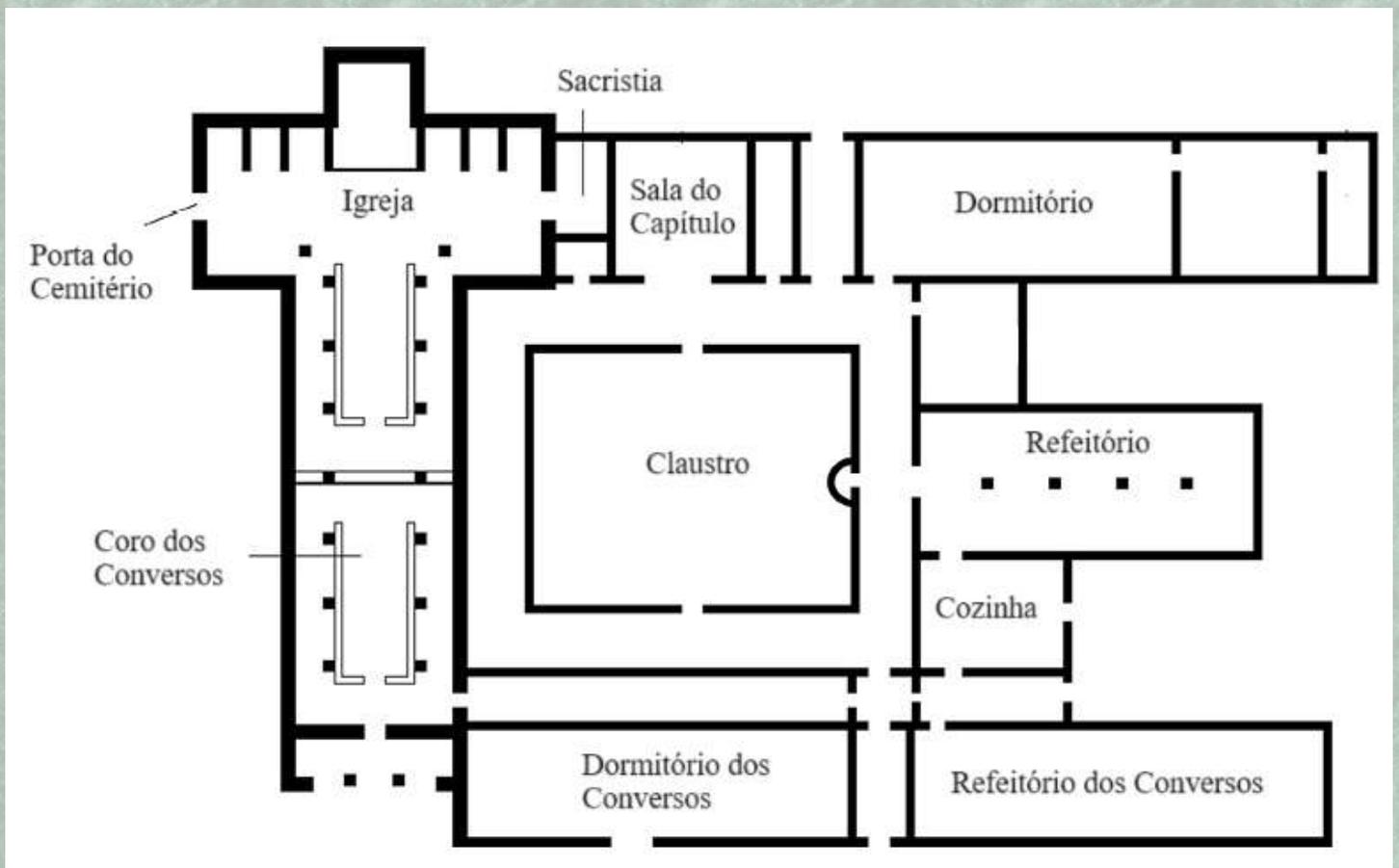
Mas o corpo é vulnerável.

Por isso, quando as trevas se tornam mais espessas, após as *Completas*, os monges erguem-se como espectros que avançam sobre as forças que Satanás dispusera ao nível térreo, quando o corpo e o espírito entregues ao sono se tornavam mais vulneráveis. «Quem quer orar em paz tenha em conta o lugar, mas também o momento. O período de repouso é o mais favorável e, uma vez que o sono nocturno estabelece um silêncio profundo em toda a parte, é então que a oração se torna mais livre e mais pura»².

jardim com destaque para as plantas de cheiro e medicinais tão necessárias à actividade do irmão boticário, localizava-se o *parlatório*.

Aí atendiam as raras visitas e recebiam as instruções diárias correspondentes ao trabalho manual que deviam desempenhar. Ao lado, a «sala dos monges», onde cada membro da comunidade podia gozar uns momentos de recolhimento interior.

Mas, se a comunidade tem capacidade de erguer uma igreja sólida e todos os anexos que descrevemos é porque, junto do estabelecimento monástico, se reguem também as oficinas e todas as estruturas de produção. A forja, o lagar, o celeiro, o moinho, têm a mesma beleza de que se reveste a igreja e o claustro, a beleza que leva Jean-Pierre Raynaud a considerar a arte



No piso térreo, ladeando a Sala do Capítulo e comunicando com a cerca onde os monges cultivavam directamente o seu

cisterciense como a forma de atingir o complexo através da simplicidade, o irracional pela razão, a doçura por meio da força. A simplicidade da técnica alia-se à beleza

za da terra domada, geometricamente arroteada, na perfeição evangélica que justifica a prosperidade cisterciense quando se compara a relação entre a dimensão da alma e a caridade que pratica com a generosidade de Deus em resultado do investimento humano. Tudo o que brota da terra em resultado do trabalho do homem e da sua acção técnica deve resultar no embelezamento da sua obra com a simplicidade de quem recusa o supérfluo.

O mosteiro deve tornar-se, assim, no centro para onde convergem todas as construções. Moinhos e oficinas, serventias e canais de água, tudo se distribui no espaço em função dessa clareira transformada na nova morada.

Mas antes que ela ganhe forma é necessário descobri-la, no âmago da floresta, num vale escondido entre as águas rumorejantes. Por isso, não é possível conceber um mosteiro cisterciense no topo de uma colina, orientando o caminhar dos peregrinos, como a beneditina Vézeley.

A importância da escolha de um novo local era de tal forma relevante que muitas das abadias se iniciaram por uma fundação provisória, enquanto se não descobria o local que correspondesse às exigências hidráulicas onde se construísse a igreja definitiva.

Assim aconteceu com Claraval I (1115-1134) transformada numa simples dependência, vinte anos depois da sua fundação; mas também com o primeiro assentamento de Le Thoronet, na Provença, estabelecido inicialmente em Floriège e só transferido para local definitivo depois de uma visão ter aconselhado o seu abade, tal como sucedeu em Alcobaça. E porque não recordar o exemplo da Abadia Velha, em

Salzedas?



Ruínas da Abadia Velha, Salzedas

Escolhido o local, importava efectuar a simbiose das suas duas existências, a real e a simbólica, através da atribuição de um nome, já que nele se consubstanciava a essência do que se pretendia criar.

Quase sempre nomes associados a beleza, à claridade, à ascensão, à acção purificadora da água: Beaulieu, l'Escale-Dieu, Fontenay, Trois-Fontaines, Fontfroide (*Fons frigida*), Aiguebelle (*Aquabella*), Belaigne (*Bella aqua*), Auberive, Haute-Fontaine, Aubepierre, Bonnefontaine, Bonaigue (*Bona Aqua*) e mesmo Sénanque (*¿Sane aqua o sine aquau?*)... Mas a água fluía essencialmente por vales. Para além de Claraval (*Claravallis*), Vauluisant, Vauclair, Le Val, Bonnecombe, Valsauve, Valsainte, Bellevaux, Bellecombes, Bonneval, Bonnevaux, Valbonne y Valbenoite...

Atribuído o nome, que como na linhagem da família de cavaleiros, identificará a nova família onde se apaga qualquer singularidade individual, a construção inicia-se pela delimitação do espaço. Uma nova delimitação para além daquela que a própria floresta já estabelecia, ao isolá-lo do mundo que rejeitavam para melhor o modelar. Um muro que definia os limites do espaço ordenado, como o sulco do arado que originara a cidade dos adoptados da loba no

topo do Capitólio. No seu interior organiza-se o núcleo sagrado por excelência, onde a comunidade se isola, medita e ora, depois de executadas as tarefas vulgares.

Igual na aparência às construções exteriores, esta morada distingue-se delas pela inclusão de um simples pormenor.

Aqui a matéria é tão importante como o símbolo.

É pelo símbolo que se distinguem os dois grupos que constituem e fazem viver a família cisterciense. Diferentes nas funções apenas partilham dois espaços. No que diz respeito à execução das tarefas materiais, encontram-se nas oficinas e nos campos; para o espiritual partilham a igreja.

Mas, no interior de toda a morada, um muro invisível os separa, semelhante ao que existe na casa senhorial e impede a comunhão dos senhores com os servos.

Assim, quando falávamos de uma morada, devíamos, na realidade, referir duas, completamente distintas, embora comunicando entre si.

De facto, os conversos, esses filhos de camponeses servis, força de trabalho por excelência, mantinham no interior do mosteiro as desigualdades da sociedade senhorial, anulando-se perante o D. Abade e sujeitando-se a outros homens de quem se presumiam irmãos.

Fonte do sucesso da economia cisterciense, o seu declínio, fortemente acentuado pela acção das futuras ordens mendicantes, contribuiria fortemente para a transformação da pureza inicial da ideia cisterciense.

No século XIII, os bandos de camponeses que enxameavam pela Europa, seguindo o rasto de quantos messias anunciavam a

imediate vinda da nova Jerusalém Celeste, não poupavam as granjas nem os celeiros cistercienses.

A fonte de onde brotavam os conversos fora secando à medida que os cistercienses lhes tomavam as terras e os iam expulsando dos casais para os entregarem a outros foreiros menos exigentes.

Se a morada dos monges se abre para o claustro, a dos conversos escancara-se para a clareira, para as oficinas, para os celeiros, para o lagar.

Desses anexos quase se não distingue, de tal forma todos são bem construídos. Estamos no mundo da produção, do material, onde o símbolo está ausente, se esquecermos que a omnipresente sobriedade também fala simbolicamente.

Fala em primeiro lugar pela forma, a mais elementar, a do quadrado em que se desenha o edifício e o claustro, onde desaguam os quatro rios do Éden, fontes comparáveis às nascentes de outros tantos Evangelhos, projectados nas direcções dos quatro pontos cardeais.

Todos se encerram na quaternidade da essência divina: o comprimento, a largura e a altura do espaço sensível, completadas pela imponderável profundidade. No claustro se representam os quatro elementos, a terra e a água, esses princípios telúricos de toda a germinação matricial, materializados no aqueduto que abastece a fonte claustral, a fonte da vida, a mãe, a Virgem Maria, a regeneradora pela acção construtora da mão do homem.

Que outra congregação teria imaginado uma abadia sob a invocação de Nossa Senhora da Paz?

Mas o claustro é também o cruzamento

dos eixos ortogonais que definem o universo. Intersecção dos seus eixos, nele se representa o cruzamento do tempo linear da história da salvação com o tempo circular da passagem das estações, do movimento das esferas celestes, dos ritos litúrgicos e das actividades agrárias. A conjugação da vida operativa com a vida contemplativa.

O seu centro é a imagem do homem, miniatura do mundo visível, um microcosmos que se completa no local sagrado por excelência, o oratório que enforma o alfa e o omega de toda a construção cisterciense, a igreja.

Notas:

- 1- George Duby- *S. Bernardo e a arte cisterciense*, p. 35.
- 2- S. Bernardo, *LXXXVI Sermones super Cantica Cantico- rum*.

A. Vicente, 33º

Bibliografia:

BERNARDO DE CLARAVAL, "Apologia ad Guillelmum Abbatem", in RUDOLPH, Conrad, *The "things of greater importance": Bernard of Clairvaux's Apologia and the Medieval attitude toward art*, Philadelphia : University of Pennsylvania press, 1990;

Sermons sur le Cantique, texte latin de J. Leclercq, H. Rochais et Ch. H. Talbot e trad de : *Sermones super Cantica canticorum*; Paris: les Éd. du Cerf, 1996-2000.

GEORGE Duby- *S. Bernardo e a arte cisterciense*, Lisboa: Edições Asa, abril de 1997.

CONRAD D'EBERBACH, *Exordium magnum cisterciense sive Narratio de initio cisterciensis ordinis*, Turnholti: Typographi Brepols editores pontificii, cop. 1997;

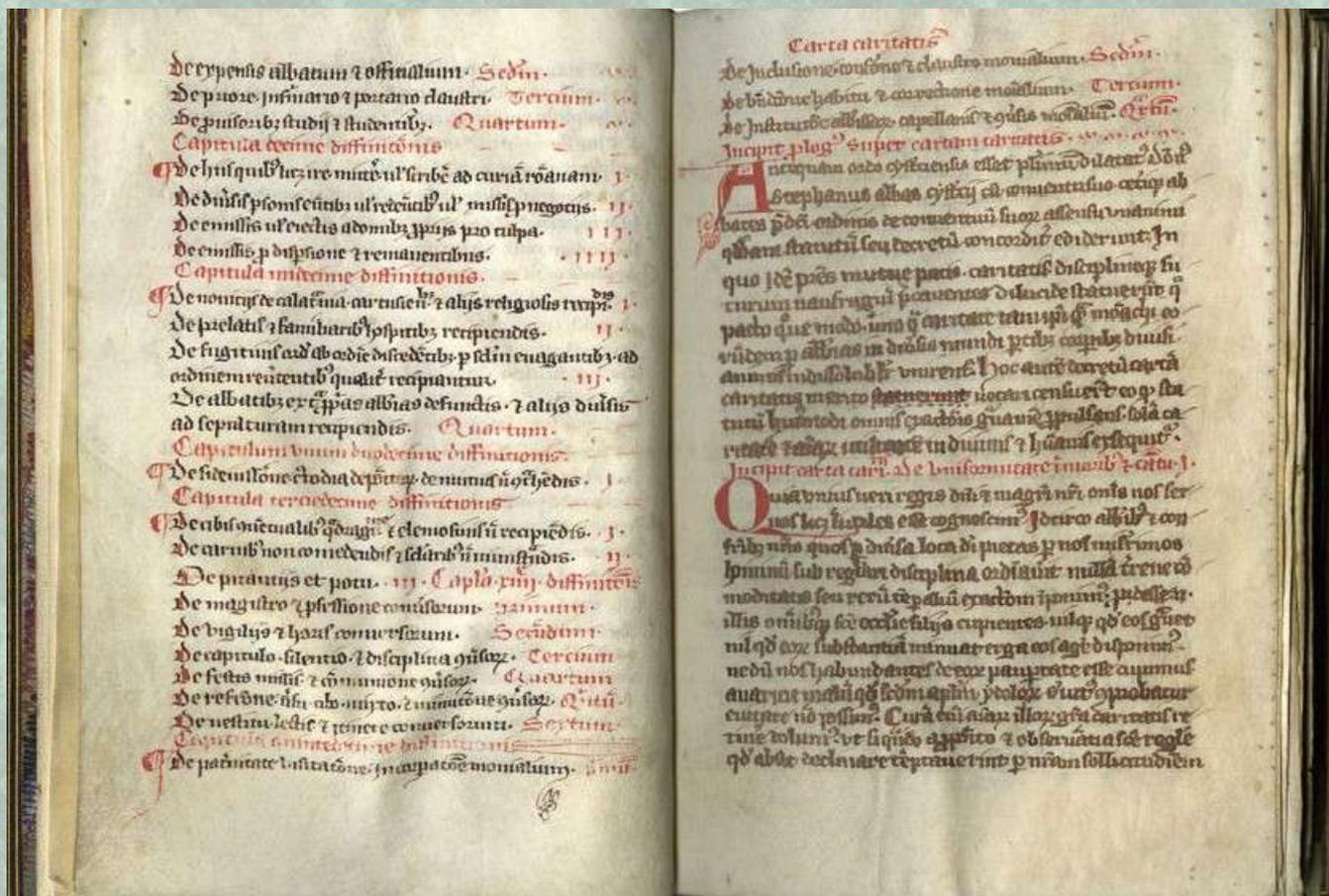
Charta charitatis, Paris : D. Mariette, [s. d.];

DUBY, Georges, *São Bernardo e a arte cisterciense*, Lisboa: ASA, 1997;

HELGAUD DE FLEURY, *Vie du roi Robert*, Clermont-Ferrand : Paleo, 2001;

LECLERCQ, Jean, *St Bernard et l'esprit cistercien*, Paris : Éd. du Seuil, 1998;

SAINT ÉTIENNE HARDING, *Exordium Cistereii cum summa Cartae Caritatis et fundatio primarum quattuor filiarum Cistereii*, Kapisztran Nyomda Vác. : Typ. Catholica, 1932.



As Três Luzes do Estoicismo

I–Memento Mori

II–Premeditatio Malorum

III–Amor Fati

Joseph De Maistre, um dos maçons mais notáveis, que viveu entre o final do séc. XVIII e o início do séc. XIX, afirmava: “Tudo revela que a Maçonaria vulgar seja um desvio, talvez corrompido, de um antigo e respeitável tronco”.

Tronco cujo manto intersticial é a Tradição de que é tributário o Estoicismo, uma escola e doutrina filosófica surgida na Grécia Antiga, que prezava a fidelidade ao conhecimento e o centro em tudo aquilo que pode ser controlado pela própria pessoa, desprezando todos os tipos de sentimentos externos, como a paixão e os desejos extremos.

A escola estóica foi criada por Zenão de Cítio, na cidade de Atenas, cerca de 300 a.C., mas ficou verdadeiramente conhecida ao chegar em Roma. O seu tema central defendia que todo o universo seria governado por uma lei natural divina e racional.

Sendo assim, para o ser humano alcançar a verdadeira felicidade, deveria depender apenas da sua “virtude”, ou seja, os seus conhecimentos e valores, abdicando totalmente do “vício”, considerado pelos estóicos um mal absoluto.

O estoicismo também ensina a manter uma mente calma e racional, independente do que aconteça. Ensina que isso ajuda o ser humano a reconhecer e a concentrar-se naquilo que pode controlar e a não se preocupar e aceitar o que não pode controlar.

Eis os princípios mais importantes da filosofia:

A virtude é o único bem e caminho para a felicidade;

A pessoa deve sempre priorizar o conhecimento e o agir com a razão;

O prazer é um inimigo do sábio;

O universo é governado por uma razão universal natural e divina;

As atitudes têm mais valor que as palavras, ou seja, o que é feito tem mais importância do que é dito;

Os sentimentos externos tornam o ser humano um ser irracional e não imparcial;

Não se deve perguntar porque é que algo aconteceu na nossa vida, e sim aceitar sem reclamar, focando-nos apenas no que pode ser modificado e controlado naquela situação;

Agir prudentemente e assumir a responsabilidade sobre os nossos actos;

Tudo ao nosso redor acontece de acordo com uma lei de causa e efeito;

A vida e as circunstâncias não são idealiza-

das. A pessoa precisa de conviver e aceitar a sua vida da forma que ela é.

A partir desses princípios é possível entender que uma pessoa estóica é aquela que não se deixa levar por crenças, paixões e sentimentos capazes de tirar a racionalidade de uma pessoa na hora de agir, como desejos, dor, medo e prazer. Isso por essas circunstâncias serem infundadas e irracionais.

E as Três Luzes do Estoicismo são:

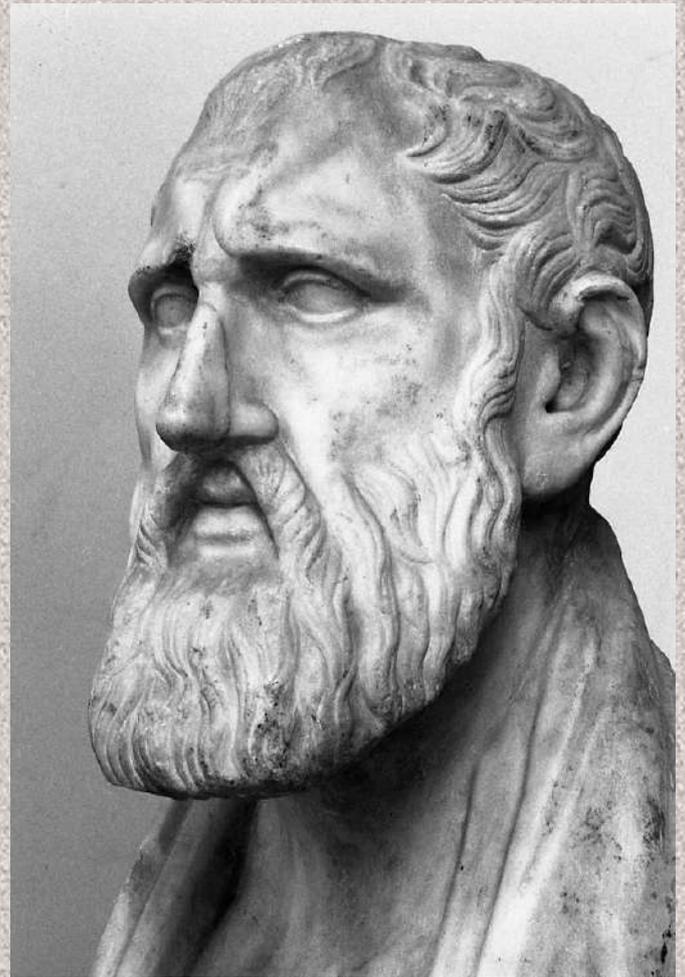
1. Memento Mori: Um convite à reflexão sobre a vida e a morte; Meditação sobre a mortalidade

Memento mori é um brocardo latino que significa *“lembra-te de que irás morrer”*. Apesar de parecer algo doentio, *memento mori* funciona como um convite à reflexão para que nós reflectamos sobre o nosso modo de viver e valorizemos mais a vida, cumprindo os nossos deveres e desejos sem perder tempo e estando prontos para o momento em que a morte chegar.

Acredita-se que a expressão *memento mori* tenha surgido na Roma Antiga, onde os povos tinham a tradição de realizar um desfile de gala em homenagem a um general vitorioso recém-chegado do campo de batalha.

Era uma cerimónia tão surpreendente e admirável que poderia fazer com que o general se sentisse um verdadeiro deus. Por isso, havia sempre um servo que tinha como única função ficar atrás do general dizendo *“Respice post te. Hominem te esse memento. Memento mori!”* que significa

“Olha para trás. Lembra-te de que tu és mortal. Lembra-te de que tu deves morrer!”



Zenão de Cítio

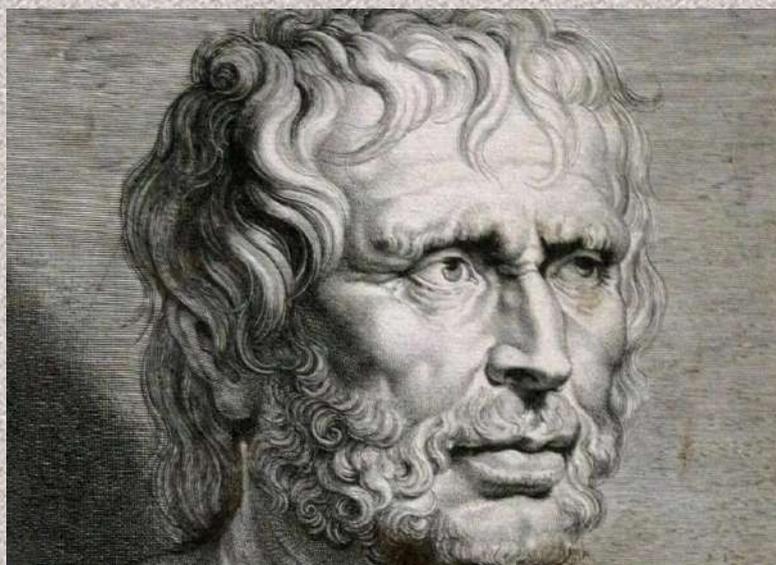
O propósito era que a frase fosse um lembrete ao general quanto à sua natureza mortal, forçando-o a assimilar a cerimónia com sabedoria e razão e fazendo-o lembrar-se de que a fama e glória são efémeras.

Em outras culturas e práticas, *memento mori* permaneceu como sendo um convite à reflexão, inspirando artes e estilos de vida diversos.

“Vamos preparar as nossas mentes como se tivéssemos chegado ao fim da vida. Não adiamos nada. Vamos equilibrar os livros da vida todos os dias... Quem dá os retoques finais em sua vida todos os dias nunca fica com pouco tempo.”

Esta citação de Sêneca faz parte do *Memento Mori* – uma antiga prática de reflexão sobre a mortalidade que remonta a Sócrates, que disse que a prática adequada da filosofia é “*nada mais do que morrer e estar morto*”.

Sêneca, um dos filósofos e escritores estoícos, também reflectia sobre o assunto.



Sêneca

Na sua carta ao amigo Lucílio, intitulada “Da economia do tempo”, Sêneca questionava: “*Podes indicar-me alguém que dê valor ao seu tempo, valorize o seu dia, entenda que se morre diariamente? Nisso, pois, falhamos: pensamos que a morte é coisa do futuro, mas parte dela já é coisa do passado. Qualquer tempo que já passou pertence à morte.*”

Marco Aurélio, antigo imperador romano, frequentemente se lembrava da sua morte. Uma das suas frases demonstra isso: “*Não ajas como se fosses viver dez mil anos. A morte paira sobre ti. Enquanto viveres, enquanto estiveres em teu poder, sê bom.*”

Nas suas Meditações, Marco Aurélio escre-

veu: “*Tu poderias deixar a vida agora. Deixa isso determinar o que tu fazes, dizes e pensas*”. Tal foi um alerta pessoal para continuar a viver uma vida de virtude agora, e não esperar.

Meditar sobre a nossa mortalidade só é deprimente se nós não entendermos. Os estoícos consideravam esse pensamento vitalizador e humilhante. Não é de surpreender que uma das biografias de Sêneca seja intitulada *Morrendo todos os dias*. Afinal, é Sêneca que nos instou a dizer a nós mesmos: “*Tu podes não acordar amanhã*”, quando vais dormir e “*Tu podes não dormir novamente*”, ao acordar como lembretes da nossa mortalidade.

Também Epicteto, outro estoíco, exortou os seus alunos: “*Mantem a morte e o exílio diante dos teus olhos todos os dias, juntamente com tudo o que parece terrível – ao fazer isso, tu nunca terás um pensamento básico nem um desejo excessivo*”.

A ideia do *memento mori* inspirou distintos artistas a criarem esculturas, pinturas e mosaicos que costumavam conter crânios, esqueletos e outros símbolos da morte. Essas artes eram exibidas para fazer com que os espectadores meditassem sobre a morte e reflectissem sobre as suas vidas.

Memento mori também foi um género de música de *réquiem* e funeral comum na Europa antiga. O género denominado dança macabra ou dança da morte foi uma espécie de *memento mori*, que consistia numa peça dramática que destacava a universalidade e inevitabilidade da morte.

Também na literatura, a reflexão sobre a

morte é imensa. Shakespeare, por exemplo, em diversas peças apresentou a temática, sendo a mais expressiva a passagem de *Hamlet*, em que o personagem do mesmo nome ergue o crânio do bobo da corte e lamenta o que acontece com todas as pessoas após a morte, até mesmo com as mais vivas e vibrantes: todas são reduzidas a um crânio oco.

Em todos esses pensamentos, reflexões, contextos e expressões artísticas, o ideal do *memento mori* é o mesmo: fazer-nos lembrar da nossa mortalidade, livrando-nos de vaidades e futilidades terrenas e incentivando-nos a valorizar e viver melhor a vida.

2. *Premeditatio Malorum*

O *premeditatio malorum* (“a pré-meditação dos males”) é uma *praxis* estoica que consistia em imaginar coisas que poderiam dar errado ou ser-nos retiradas.

Esse exercício ajuda-nos a preparar-nos para os inevitáveis contratempos da vida, porquanto nem sempre conseguimos o que é nosso por direito, mesmo que o tenhamos conquistado, nem tudo é tão limpo e directo quanto pensamos que possa ser.

Psicologicamente, devemos preparar-nos para que isso aconteça apresentando-se esse como um dos exercícios mais poderosos do arsenal de ferramentas dos estoicos para criar resiliência e força.

Sêneca, revia ou ensaiava os seus planos, p. ex., de fazer uma viagem e, na sua cabeça (ou no diário), ele examinava as coisas que poderiam dar errado ou impedir que

isso acontecesse – uma tempestade poderia surgir, o capitão poderia adoecer, o navio poderia ser atacado por piratas.

Dizia ele: “*O que é completamente inesperado é mais esmagador nos seus efeitos, e o inesperado aumenta o peso de um desastre. Esta é uma razão para garantir que nada nos apanhe de surpresa. Devemos projectar os nossos pensamentos à nossa frente a todo o momento e ter em mente todas as eventualidades possíveis, em vez de apenas o curso usual dos eventos... Ensaia-os na tua mente: exílio, tortura, guerra, naufrágio. Todos os termos da nossa sorte humana devem estar diante dos nossos olhos.*”

Escrevendo a um amigo, asseverava que “*Nada acontece ao sábio contra a sua expectativa*”, “*... nem todas as coisas acontecem para ele como ele desejava, mas como ele calculava – e, acima de tudo, ele calculava que algo poderia bloquear seus planos*”.

Através desse exercício, Sêneca estava sempre preparado para a interrupção e sempre trabalhando essa interrupção nos seus planos. Ele estava preparado para derrota ou vitória.

3. *Amor Fati*

“*Amar apenas o que acontece, o que estava destinado. Não há maior harmonia.*” – proclamou Marco Aurélio.

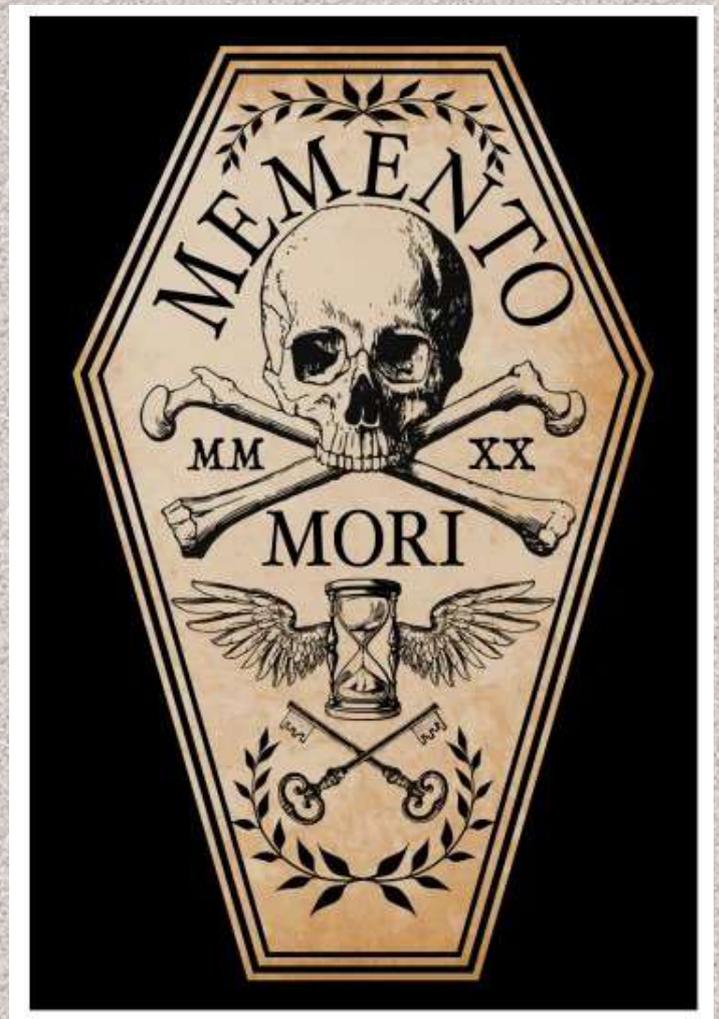
O grande filósofo alemão Friedrich Nietzsche descreveria a sua fórmula para a grandeza humana como *amor fati* – um amor ao destino. “*Aquele não quer que nada seja diferente, nem para a frente, nem*

para trás, nem para toda a eternidade. Não basta suportar o necessário, escondê-lo menos ainda...mas amá-lo.” E isso, vida após vida, num eterno retorno.

Os estóicos não estavam apenas familiarizados com essa atitude, mas abraçaram-na. Há dois mil anos atrás, escrevendo no seu próprio diário pessoal que se tornaria conhecido como “Meditações”, o imperador Marco Aurélio afirmou: *“Um fogo ardente produz chamas e brilho de tudo o que é para ele atirado”.*

O já referido estóico, Epicteto que, como escravo aleijado enfrentou adversidades após adversidades, repetiu o mesmo: *“Não procures que as coisas aconteçam da maneira que tu desejas; antes, deseja que o que acontece aconteça da maneira que acontece: então tu serás feliz.”*

É por isso que *amor fati* é o exercício e a mentalidade estóica que o Maçon poderá abraçar para tirar o melhor proveito de tudo o que acontece: tratar cada momento – não importa o quão desafiador – como algo a ser adoptado, não evitado. Não apenas ficar bem com isso, mas amá-lo e ser melhor por isso. Para que, como o oxigénio no fogo, obstáculos e adversidades se tornem combustível para o teu potencial.



José Correia, 18º

Organizações humanas e as organizações do futuro

Introdução

O papel do comportamento humano na formação das organizações, juntamente com a importância crescente da moralidade na concepção da justiça e da equidade para sociedades mais inclusivas, tornou-se cada vez mais importante. No contexto dos actuais avanços científicos, incluindo a penetração da inteligência artificial, da biologia, da bioética e da colaboração entre pessoas e entidades não humanas, surgem novos desafios de sustentabilidade para o planeta Terra e desafios mais profundos para a própria humanidade.

A que ritmo irão os Estados e as organizações com fins lucrativos introduzir estas preocupações emergentes na estrutura social, com o objectivo de autopreservação?

Quais serão as implicações para a sustentabilidade à medida que mais organizações adoptarem o transumanismo? Como irá a formulação de políticas públicas, enquanto medida governamental, lidar com estas questões recentemente colocadas em domínios científicos como o transumanismo, e como irá impactar o campo da ciência?

Poderemos falar de bioadministração como um novo conceito em organizações com humanos e pós-humanos, pois estamos chegando a um momento em que a nova ideia de administração pública seguindo a ideia de rede é a ideia de bioadministração onde novos conceitos biológicos de vida como a vida pós-humana mu-

darão o desenho das administrações públicas e também das organizações privadas como novas bio organizações.

Análise

Estudar a história das organizações pode fornecer *insights* sobre a sua sobrevivência e resiliência, bem como uma perspectiva temporal. Ortega e Gasset observou que o passado sempre se actualiza e que uma visão actual do passado pode elucidar as razões do sucesso organizacional e orientar o *design* do futuro.

Ao longo dos últimos dois milénios, desde a época de Constantino, a Igreja Católica tem sido a organização de maior sucesso no mundo ocidental. A Bíblia serve de referência para costumes considerados apropriados pela Igreja Católica. A Igreja Católica Romana interpreta-os para os tornar mais adequados. Mas os evangélicos acreditam na leitura integral da Bíblia.

Ler a Bíblia do Antigo ao Novo Testamento fornece uma visão global da evolução do comportamento humano e da moralidade. O texto centra-se nos homens, reflectindo uma sociedade dominada por homens.

O Evangelho Mateus traça a linhagem humana de Jesus através da representação masculina, o que foi significativo para o público-alvo. Maquiavel, o fundador da ciência política, por seu lado, examina o poder e o comportamento humano para criar

uma sociedade mais racional e equitativa, liderada por homens.

O movimento humanista em Florença, particularmente durante a Renascença sob os Médicis, foi uma transformação cultural significativa que colocou o homem no centro das atenções. Promoveu uma abordagem mais centrada na experiência humana, na razão e no estudo das artes e das humanidades. No seu livro “Do Iluminismo ao Iluminismo”, Isabel Fonseca leva-nos do Estado-nação, com o seu significado cultural, ao Iluminismo. Encoraja-nos a encarar a Europa como um protótipo de costumes globais numa ordem recentemente imaginada.

O Iluminismo Escocês foi um movimento intelectual significativo que surgiu na Escócia durante o século XVIII. Vários pensadores escoceses contribuíram para o desenvolvimento das ideias iluministas, enfatizando a razão, o empirismo e a busca do progresso social. Adam Smith, um pensador do Iluminismo escocês e pai da economia moderna, na pegada de John Lock, teve um impacto significativo no pensamento económico e político, levando à ascensão do liberalismo económico e à defesa do capitalismo. As democracias liberais baseiam os seus valores estatais em constituições que se adaptam às exigências morais contemporâneas.

A teoria de John Rawls sobre uma sociedade justa, em que os indivíduos pudessem escolher o seu destino antes do nascimento, é significativa na concepção de políticas públicas equitativas a nível estatal. Os EUA lideram actualmente o mundo ocidental



Frontispício da Enciclopédia

como o maior representante da actual ordem mundial, com o compromisso do governo assumido na Bíblia.

A introdução do *The Federalist*, um livro significativo sobre Constituição Americana, de Adriano Moreira, uma figura proeminente na academia portuguesa do século XX, destaca a importância dos valores ocidentais na cultura contemporânea. Julian Huxley, fundador e primeiro Director-Geral da UNESCO, é central nas discussões actuais sobre o transumanismo, um termo que ele cunhou pela primeira vez na década de 1950.

Analisar a sua visão do transumanismo como ferramenta para melhorar a qualidade de vida e a condição humana leva-nos a

questionar a herança filosófica que influencia as acções da UNESCO. A organização pretende desenvolver uma abordagem abrangente à inteligência artificial, considerando os valores e princípios da ética universal, entre outros elementos, para fazer o melhor uso desta tecnologia.

Na sua obra *O Fim da História*, Fukuyama argumentou que as democracias liberais tinham atingido o auge da cultura organizacional entre os Estados e que esta ordem global provavelmente se tornaria dominante.

No entanto, acabou por reconhecer que as suas conclusões eram prematuras. Ele sugeriu que pesquisas futuras deveriam concentrar-se em novas questões como o transumanismo e a sua influência potencial no design social.

Nick Bostrom apresenta uma nova visão. O progresso científico e tecnológico pode alterar as capacidades ou motivações das pessoas de formas que poderão desestabilizar a civilização. A um nível micro, as organizações precisam de integrar a sustentabilidade no *design* com os mais recentes avanços em inteligência artificial, ao mesmo tempo que consideram os valores do transumanismo.

Esta será a investigação mais significativa para o estudo das organizações a nível micro no futuro próximo. Os Estados foram estruturados de acordo com um modelo divino na Terra. Os códigos de valores da Bíblia abrangem uma proporção significativa desses princípios divinos, que estão presentes em estados mais próximos ou mais

distantes do conhecimento científico. A importância das regulamentações morais no direito é identificada por Kelsen na sua obra *Teoria Pura do Direito*, em que afirma que a teoria jurídica deve ser separada da ética, da política e de outros aspectos não jurídicos, argumentando que o Direito opera puramente por meio de regras formais, sem qualquer conteúdo moral ou avaliativo.

O texto é objectivo e claro, portanto não foram feitas alterações. Mas, as seguintes frases foram reformuladas para maior clareza e precisão.

A expressão 'Quais são as implicações morais para os humanos na era da inteligência artificial?' foi alterada para 'Quais são as implicações éticas da inteligência artificial para os humanos?' enquanto a afirmação 'A intersecção entre política e IA cria um novo domínio de questões bioéticas na sociedade contemporânea' foi substituída pela seguinte: 'A intersecção da política e da IA levanta novas questões bioéticas na sociedade contemporânea.'

As preocupações bioéticas surgirão num mundo pós-humano, suscitando investigações fundamentais sobre temas como a criação e a vida, o papel do homem como criador, a procriação através de relações heterossexuais ou outras formas de meios artificiais, a criação de vida não humana e a reorganização da vida humana e sociedade onde a família não é mais fundamental como tem sido na história da humanidade. A ligação biológica humana natural que existe em toda a criação, destacada na Bí-

bli e baseada em factores biológicos, pode ser substituída por outros princípios biotéticos adaptados ao novo contexto social. A sociedade pode ser construída através da assimilação de princípios morais ou da

necendo conselhos personalizados sobre o comportamento alinhado com os nossos pontos fortes e limitações individuais, intervenções genéticas e a ética do melhoramento dos seres humanos.



Embora a individualidade humana continue a ser uma característica crucial, existe um desejo crescente de optimização. A consciência e a espiritualidade, que parecem omnipresentes nos seres humanos e não podem ser alcançadas pela inteligência artificial através de uma associação

integração da natureza de uma maneira mais adequada. Este cenário levanta questões biológicas a serem consideradas para moldar o *design* da sociedade.

Como exemplo específico, a importância do microambiente tumoral nas células é observada na oncologia. A sobrevivência e a viabilidade das células em humanos dependem das próprias células e do ambiente tumoral circundante. Além disso, existem agora algumas evidências que apoiam a ideia de que a nossa adaptação à sociedade é influenciada pelas nossas relações com os outros, reforçando assim a hipótese biológica/natureza da condição humana. O ditado “conhece-te a ti mesmo” defendido por Sócrates poderia ser eclipsado pela nossa compreensão do genoma, for-

inconsciente com algo maior, podem fornecer um caminho para alcançar a individualidade humana. A ciência artificial, como o nome sugere, pode ser empregue para responder a questões relativas à sociedade humana?

Como é que as organizações podem ser projectadas usando inteligência artificial ou considerando a biologia, a humanidade e a inteligência?

Uma compreensão profunda da biologia, incluindo tendências para doenças físicas ou mentais específicas, pode afectar a selecção de funcionários. A coexistência da humanidade e da inteligência artificial, e a manipulação da biologia humana, resultará na criação de empresas distintas. A sustentabilidade do futuro dependerá da utili-

zação sustentável dos recursos do planeta Terra ou do desenvolvimento sustentável dos seres humanos. A sustentabilidade das organizações deve ser avaliada nesta perspectiva. As políticas públicas, enquanto acções dirigidas pelo governo, têm potencial para incentivar a sustentabilidade diante da ascensão da inteligência artificial. As políticas relativas à inteligência artificial devem dar prioridade à eficiência. A eficiência absoluta pode ser alcançada considerando novos padrões bioéticos, enquanto as organizações privadas podem promover a sustentabilidade adaptando-se às novas tecnologias. Caso contrário, correm o risco de ficar para trás.

Será a responsabilidade ética dos governos semelhante à das organizações privadas?

Quais são os limites da busca humana pela longevidade?

Esta é uma das grandes questões mundiais para governos e empresas privadas. A sustentabilidade das políticas de envelhecimento e o novo óptimo podem ser procurados por todos. Todos os Estados deveriam estar activamente envolvidos nesta política, mas até que ponto a individualidade é respeitada face à optimização humana?

A longevidade com a intervenção de modelos de inteligência artificial moldará o futuro da saúde. Deveria, assim, ser um assunto público ou privado, quando podemos estar alterando seres humanos em prol da optimização?

A liberdade e a justiça têm sido fundamentais para o pensamento social e para a organização da administração pública. O con-

ceito de livre arbítrio foi explorado na Bíblia, no Iluminismo e no encontro do homem com a ciência. A Segunda Guerra Mundial foi uma luta pela liberdade na sociedade e ajudou a moldar o mundo ocidental. O desenvolvimento da inteligência artificial levanta novas questões sobre a liberdade humana e como esta deve ser concebida nas sociedades futuras. Mas também nos coloca sobre o papel que os humanos devem desempenhar em relação à IA.

Conclusão

Em conclusão, este texto oferece uma exploração da interacção entre comportamento humano, moralidade e tecnologias em evolução. Convida os leitores a considerar as implicações da IA para as organizações, a sociedade e o futuro da humanidade.

A nossa hipótese é que a próxima revolução sobre a administração pública e privada no mundo académico ocorrerá no campo da bioadministração.

A integração da inteligência artificial humana e pós-humana e a compreensão da biologia e da sua associação com a inteligência darão início a uma nova era que parece imparável, levando-nos, além disso, a explorar o significado da condição humana de Jesus na Bíblia e as lições que dela podemos aprender no actual cenário ético.

Vasco Fonseca, 32º

Bibliografia

Bostron, Nick, *Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies*, Oxford: Oxford University Press, 2014.

DeVita, Hellman, and Rosenberg's, *Cancer: Principles and Practice of Oncology*, Review, 5th Edition, Wolters Kluwer Health , 2021

Fukuyama, F., *Our posthuman future: consequences of the biotechnology revolution*, New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.

***The end of history and the last man*, London: Penguin Books, 2012.**

Hughes, J., "Transhumanism and Personal Identity." In *The Transhumanist Reader* (pp. 227-234). Oxford: Edit by M. More & N. Vita-More (, 2013

Kelsen, Hans, *Teoria pura do Direito*, Coimbra: Liv. Almedina, 2019.

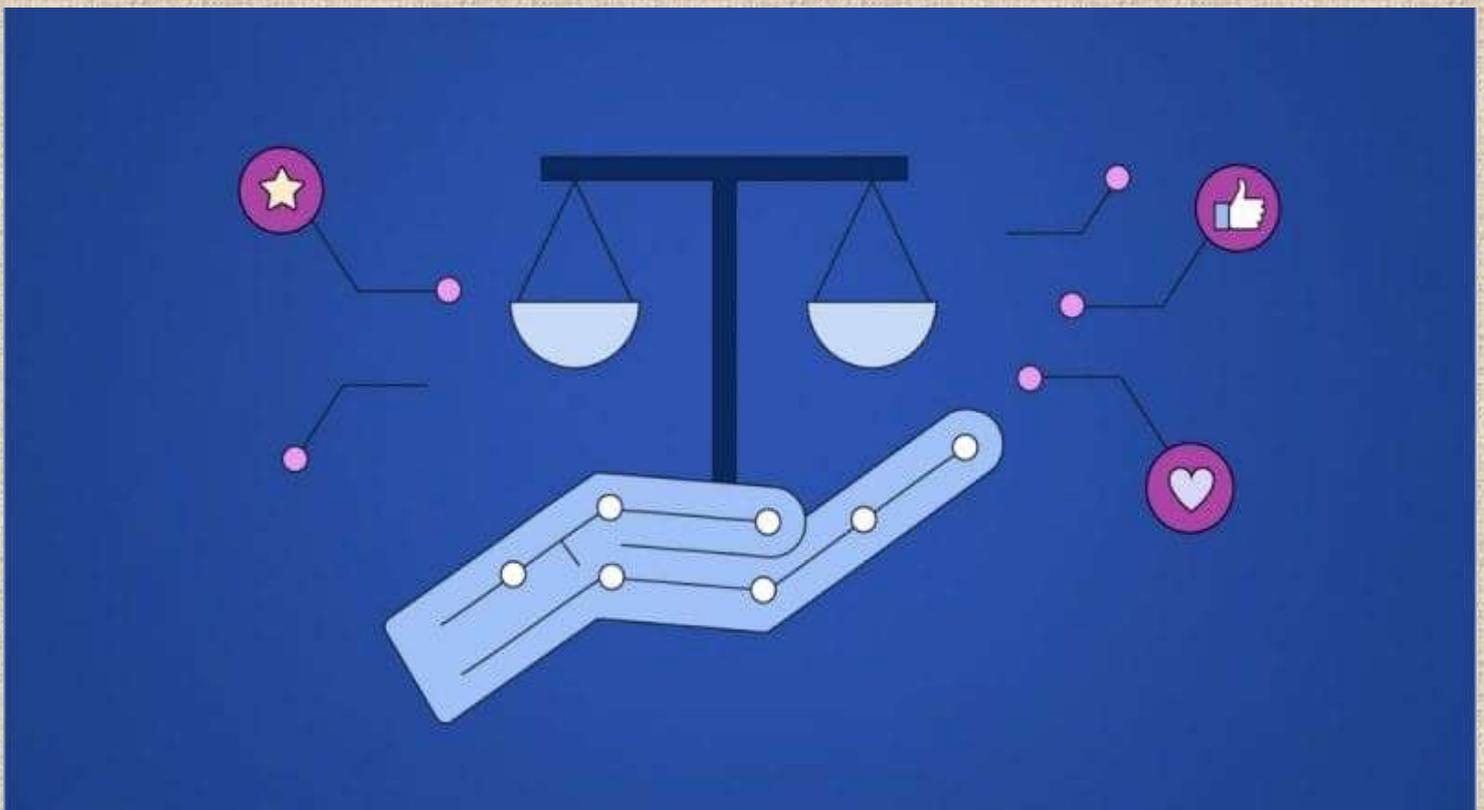
Maltez, José Adelino, *Princípios de ciência política: introdução à teoria política*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1996.

Rawls, J. (1971), *A Theory of Justice*. Cambridge, Massachusetts, USA, The Belknap Press of Harvard University Press, 1971.

Savulescu, J. (2016). "Tecnologias de mejora humana: Debate ético e impacto sociocultural" in *Gazeta de Antropologia*, 32(2) Noviembre 2016

Sen, A. *The Idea of Justice*. Cambridge, Massachusetts, USA, TheBelknap Press, (2011).

Veigunha, Joaquim Jorge, *História Crítica do Pensamento Político: da Sociologia Política ao retorno da Filosofia Política*, Lisboa: Ed. 70, 2022.



Curto Ensaio sobre a Igualdade e a Liberdade

Parte 1 – Contextualização Contemporânea

O Conformismo predominante no pensamento filosófico e sociopolítico da elite intelectual europeia conheceu o início do seu ocaso no período que se seguiu à Revolução Gloriosa inglesa, no final do século XVII.

Com o fim do absolutismo inglês e com o consequente empoderamento do seu Parlamento e da elaboração da Declaração de Direitos de 1689, deu-se início a uma nova corrente de pensamento que viria a dominar a maior parte da Europa durante todo o século subsequente até ao advento da Revolução Francesa... o Iluminismo.

Durante esse período, fértil em ideias livres do agrilhoamento do Conformismo antecedente, surgem as primeiras grandes dissertações sobre Igualdade e Liberdade, nomeadamente pelas publicações de grandes pensadores contemporâneos como Thomas Hobbes, John Locke, Jean-Jacques Rousseau ou Mirabeau, as quais rapidamente se difundem numa Europa ainda fortemente autocrática.

Mais tarde, em 1789, concretamente na França revolucionária, os conceitos de Igualdade e de Liberdade tomam toda uma outra dimensão, passando a ser valores incontornáveis e indissociáveis na rela-

ção do Homem com a sociedade na qual está inserido. No entanto, e pese embora o mote principal derivante da Revolução Francesa afirmasse que todos os Homens nasceriam livres e iguais em direitos, a vernaculidade de ambos os conceitos continua a ser debatida e discutida até aos dias de hoje.

E é precisamente com os olhos de hoje que os iremos de seguida analisar.

Parte 2 – Interligação, Correlação e Derivação

O que é, de facto, a Igualdade? Em que medida está ela, intrinsecamente ou não, correlacionada com a Liberdade? De qual dos princípios é emanado o outro, se é que assim acontece?

Nos antigos regimes autocráticos europeus, o conceito de Igualdade era totalmente inexistente... até entre Nobres e entre membros do Clero este conceito era totalmente abafado por fatores endógenos ao indivíduo, mas exógenos à sua possibilidade de intervenção (e.g. a ancestralidade da sua linhagem ou os históricos contributos da sua ascendência à coroa). De referir que também a própria instituição maçónica especulativa emergente no século XVIII era fortemente condicionada pela noção limitada de Igualdade predominante na

época, pese embora tenha tido uma grande abertura às ideias iluministas e tenha, por isso, sido permeável a algumas reformas principalmente na área da inclusividade.

No entanto, é largamente aceite que a Igualdade se tornou num tema central na reforma social e política das sociedades europeias apenas e após a eclosão da Revolução Francesa e da consequente *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*.

Durante os dois séculos seguintes, o conceito de Igualdade foi conhecendo os seus altos e baixos, num século XIX ainda fortemente dominado por monarquias e impérios e num século XX fértil em ditaduras e em blocos políticos extremados. Não obstante, a Igualdade foi sendo, ao longo dos anos, apurada do ponto de vista sociopolítico, socioeconómico e, também, do ponto de vista puramente sociológico. Foram, assim, sendo lenta mas gradualmente implementadas e legalmente defendidas as ideias de igualdade democrática, de nivelamento económico e de acesso igual e paritário a direitos e oportunidades.

Dissertando agora sobre o conceito de Liberdade, que vem normalmente “colado” ao de Igualdade, há que olhar para o âmbito da sua estrutura.

Muitas vezes falamos de Liberdade como sendo o oposto de “Opressão”. Liberdade é o somatório das várias “liberdades”, direitos e garantias dos quais podemos usufruir dentro daquilo a que comumente chamamos de Estado de Direito. É um con-



ceito muito dinâmico e que vai abrangendo áreas cada vez mais complexas consoante a sociedade global vai criando ela própria um crescendo de teias de interligação, enquanto a tecnologia vai, por seu lado, criando novos mundos com novos desafios. A Liberdade é, também, uma virtude social que necessita de autolimitar-se para evitar que as “liberdades” de uns possam ser fortemente condicionadoras ou mesmo anuladoras das “liberdades” de outros.

Dito isto, em que ponto (ou pontos) de encontro poderemos correlacionar os conceitos de Igualdade e de Liberdade?

É quase imediato pensarmos na Igualdade como um fruto da Liberdade, já que é através dos mecanismos sociopolíticos garantidos por esta última que conseguimos promover a Igualdade numa sociedade. Não obstante, é

também verdade que a Liberdade só poderá encontrar solo fértil para o seu florescimento sempre que existir uma sociedade tendencialmente igualitária que a possa promover, pois a Liberdade nunca é conseguida quando sofre as incontornáveis transfigurações que lhe são impostas sempre que idealizada a partir do interesse de um único grupo social.

Um exemplo bastante inteligível é o da Igualdade que abrange todos os indivíduos que compõem uma sociedade e que permite que estes escolham os líderes que melhor defendem os interesses gerais e as liberdades de todos os grupos sociais participantes, mas onde apenas a pré-existência da Liberdade garante que todos eles possam participar nesse acto de forma equitativa e válida. O mesmo será dizer que a Liberdade é simultaneamente garante e fruto da Igualdade.

Pelo acima explanado, começa a surgir a ideia de que ambos os conceitos estão interligados numa corrente de interdependência e de inter-relação ao invés de um ser uma derivação automática do outro.

Talvez por isso os revolucionários franceses os colocaram em simultâneo na sua divisa, a par da Fraternidade. Essa indissociabilidade não permite a construção de um sem que o outro seja simultaneamente erigido.

Parte 3 – É a Igualdade a Base de Toda a Liberdade?

Por conclusão, e remetendo à questão que nos é colocada para reflexão, poderemos afirmar que a Igualdade é, efectivamente, a base da Liberdade, sem nunca esquecer que, concomitantemente, a Liberdade for-

nece as fundações sobre as quais a Igualdade se poderá manifestar e consolidar.

No espectro puramente maçónico, a Liberdade e a Igualdade são conceitos que foram, também na instituição maçónica, sendo melhorados e modernizados. Ambos os valores vistos à distância da Maçonaria do século XVIII parecem-nos claramente diluídos e mesmo imperfeitos, mas, mesmo assim, a Maçonaria conseguiu sempre estar na vanguarda das grandes mudanças de pensamento, incorporando nas suas Lojas sempre algo mais do que a sociedade estava disposta a oferecer ou a praticar num dado momento da História.

Mesmo em Ritos de cariz particularmente nobiliárquico, a Igualdade entre Irmãos encontrou sempre um caminho para os textos constantes dos compêndios de ensinamentos e para o espírito da egrégora. Da mesma forma, a Liberdade também cedo se solidificou, traduzida nomeadamente na liberdade intelectual e na liberdade de pensamento dos Irmãos.

Igualdade e Liberdade são duas frágeis árvores que crescem lado a lado, alimentadas pelas mesmas águas, e que constituem aspirações dinâmicas que deveremos prosseguir na nossa constante busca por uma sociedade cada vez mais justa e harmoniosa.

Bruno Ferreira da Silva, 15º

A LENDA DO GRAU 15

O Grau 15, chamado de Cavaleiro do Oriente ou da Espada, convoca-nos para a alegoria simbólica que assenta sobre a crónica bíblica da reconstrução do Templo de Jerusalém, ou melhor dizendo, na construção do Segundo Templo no início do século IV a.c., sob a direcção de Zorobabel, um Príncipe de Israel. Este personagem foi rabino e líder dos judeus, o qual com a permissão do rei de Ciro, da Pérsia, Zorobabel liderou o regresso dos judeus exilados na Babilónia.

De acordo com o cronista bíblico Esdras, tendo em conta que a Palestina era habitada por povos com múltiplas origens e etnias, este novo êxodo de judeus para a região da Palestina motivou novas preocupações relativas aos poucos recursos existentes, nomeadamente, no que respeita ao abastecimento de água potável. Conforme ainda refere Esdras, em consequência, o regresso de uma vasta quantidade de judeus para a região, originou novos conflitos, sobretudo uma forte oposição dos samaritanos, habitantes da região de Samaria. O conflito entre judeus e samaritanos remonta a séculos antes do tempo de Esdras, mas durante o período pós-exílio, esse conflito foi particularmente intenso devido às diferenças religiosas e culturais entre os dois grupos. Enquanto os judeus estavam focados na reconstrução do Templo de Salomão e na restauração das suas práticas religiosas tradicionais, os samaritanos procuravam, igualmente, participar no pro-

cesso de reconstrução. No entanto, os judeus consideravam os samaritanos como impuros e não desejavam a sua participação na reconstrução do Templo. Por esse motivo, Esdras e outros líderes judeus enfrentaram uma forte resistência dos samaritanos, que tentaram interromper a reconstrução do Templo bem como prejudicar os esforços da comunidade judaica em estabelecer novamente, a sua presença religiosa e cultural em Jerusalém.

Esses conflitos estão mencionados em vários textos bíblicos, nomeadamente no livro de Esdras e no livro de Neemias, onde são descritas as tentativas dos samaritanos de impedir a reconstrução das muralhas de Jerusalém e a oposição que os judeus enfrentaram enquanto tentavam reconstruir o Templo e fortificar a cidade. Por este motivo, Zorobabel criou uma espécie de milícia para proteger o estaleiro e todos os pedreiros afectos às obras de reconstrução do Templo. No entanto, atendendo, à referência existente no Livro de Neemias, capítulo 4, versículo 17, os pedreiros da reconstrução das muralhas do Templo, tinham necessidade de estar preparados para se defenderem enquanto continuavam os trabalhos da reconstrução das muralhas do Templo já que "aqueles que reconstruíam o muro e os que carregavam material trabalhavam com uma mão e com a outra seguravam uma arma. Cada um dos construtores usava a sua espada presa à cintura enquanto trabalhava. Mas o homem que tocava a trombeta ficava ao meu lado." Com esta referência podemos clara-

Com esta referência podemos claramente, entender o simbolismo da necessidade de vigilância constante e forte perseverança, bem como uma prontidão permanente para enfrentar todas as adversidades e obstáculos.

Uma milícia que pode ter sido a origem dos denominados 'Cavaleiros do Oriente'. Cavaleiros Templários ou Hospitalários com origem na Europa e que no período das Cruzadas, na Idade Média, também tinham presença em terras do Médio Oriente, com o objectivo de defesa e administração de territórios na região, desta vez referente à comunidade cristã.

A lenda do Grau 15, denominada de Cavaleiro do Oriente ou da Espada, recorda-nos a existência de um grupo ou milícia, organizada na clandestinidade, tendo como objectivo promover a reconstrução do Templo de Salomão, protegendo os seus pedreiros da hostilidade de todos os seus inimigos. Segundo a lenda, os seus membros identificavam-se através de palavras-passe e sinais secretos, recordando-nos a renarescência dos Perfeitos e Sublimes Maçons do Grau 14, conhecedores da Palavra Sagrada e organizados numa espécie de Loja Maçónica Operativa.

Zorobabel, um Príncipe de Israel, regressou a Jerusalém. Fez contacto com este grupo na clandestinidade, fazendo-se reconhecer pela Palavra Sagrada como um Perfeito e Sublime Maçon. Reconhecendo a firme vontade e determinação daquele grupo de Irmãos, em iniciar os trabalhos de reconstrução do Templo, Zorobabel en-cetou todas as acções junto do rei Ciro pa-

ra que este desse a respectiva autorização e contribuísse financeiramente para este importante empreendimento. Este concordou com os pedidos de Zorobabel, tendo insistido para que lhe fossem desvelados os segredos e planos do grupo face à reconstrução. Com uma valente resistência por parte de Zorobabel em manter os segredos, nada lhe foi transmitido. Perante este comportamento, o rei Ciro teve uma forte admiração, relativamente à firme disposição e fidelidade do grupo de judeus liderado por Zorobabel pelo que se disponibilizou a ajudá-los em tão forte ventura: permitiu a libertação de todos os judeus exilados para trabalhar na obra, forneceu os recursos financeiros necessários e devolveu os utensílios pilhados, 40 anos antes, por Nabucodonosor, rei dos caldeus, aquando da conquista de Jerusalém. Zorobabel retornou a Jerusalém e junto com outro rabino, de nome Neemias, liderou e coordenou a reconstrução do Templo de Salomão.



OS ENSINAMENTOS DO GRAU 15

Na simbologia do grau 15 podemos sublinhar o ensinamento das virtudes da Fidelidade, da Constância e da Perseverança, enquanto podemos reflectir sobre a importância da Coragem, da Honra e do Dever. Um conjunto de virtudes indispensável no aperfeiçoamento e construção de um Maçon.

Assim, na Fidelidade ao Dever podemos entender o compromisso inabalável que um Maçon deve ter no cumprimento das suas obrigações e responsabilidades, quaisquer que sejam as suas tarefas, posições ou funções (profanas ou sagradas). Essa Fidelidade implica agir sempre, com base em princípios éticos, normas e expectativas associadas ao cumprimento do Dever assumido perante si mesmo e perante os outros. A Fidelidade ao Dever deve ainda envolver, uma dedicação permanente em honrar os compromissos assumidos, sem desvio face aos objectivos definidos, sobretudo perante a existência de obstáculos, desafios e tentações exteriores. A Fidelidade ao Dever deve ser sempre robustecida pela Força e Fortaleza da Vontade interior.

A acção firme da Vontade interior será bem-sucedida, caso o Maçon aperfeiçoe o seu estado emocional para que seja constante face a quaisquer circunstâncias externas. Permanecer constante, firme e inalterado perante as mudanças e desafios é uma virtude que permite criar condições para perseverar em difíceis empreendimentos. O Maçon quando estabelece um

objectivo a cumprir e um caminho a percorrer, deve demonstrar uma determinação contínua, combinando ainda, permanentemente, qualidades como a capacidade de resiliência, de manter a paciência e de nunca perder o foco. Atingir os objectivos definidos apesar de todas as dificuldades, permite criar a base para construir empreendimentos cada vez mais altos e ambiciosos. No entanto, tudo isto deve ser sempre consistente e congruente na fidelidade e cumprimento com princípios éticos e morais que permitam fortalecer a qualidade do Maçon em ser íntegro consigo mesmo e com todos os outros. Uma consistência permanente e inabalável, entre os princípios professados e a acção para transformar a realidade.

Neste sentido, um Maçon deve aperfeiçoar-se constantemente para que o seu nível de Integridade permita cumprir diariamente a Lealdade à Convicção, a Fidelidade ao Dever e a Devoção à Verdade.

No que respeita à Lealdade e à Convicção, um Maçon deve ter sempre um compromisso firme e consistente com as suas crenças, valores e princípios. Esse compromisso deve ser forte mesmo diante de circunstâncias externas adversas, dificuldades e obstáculos. Esta forma de Lealdade implica que não nos devemos desviar dos princípios fundamentais e éticos que guiam as nossas acções e decisões mesmo que isso implique sacrifícios pessoais. A Lealdade à convicção envolve uma integridade profunda, na qual o Maçon deve recusar-se a comprometer os seus valores em troca de benefícios efémeros ou glórias vãs. Um Maçon deve comprometer-se sempre em fazer aquilo no qual acre-

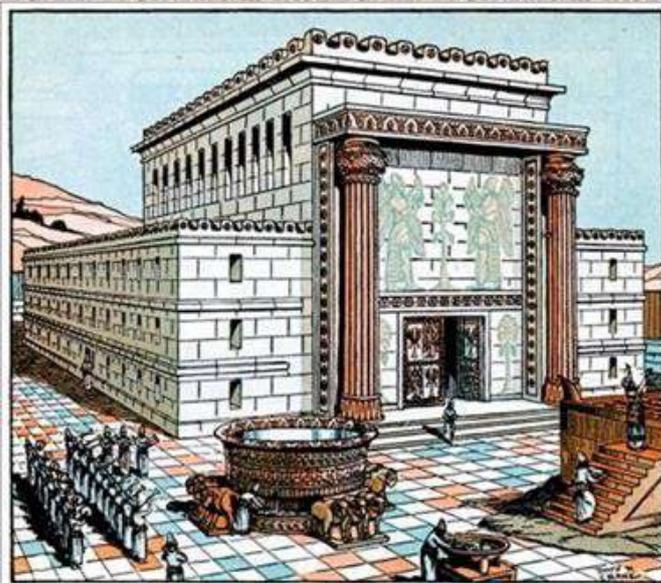
vãs. Um Maçon deve comprometer-se sempre em fazer aquilo no qual acredita que é certo e justo. Isso implica, uma forte Devoção à Verdade que deve resultar num compromisso sincero e contínuo na sua busca e na sua defesa. Na procura e defesa da sua Verdade, da Verdade a que cada um tem direito, em todas as formas.

Este caminho implica uma busca incessante pela precisão, transparência e honestidade em todas as interações. A Verdade de um pode ser a não Verdade do outro; a Verdade hoje pode ser a não Verdade amanhã; a Verdade deve ser sempre relativa a um quadro de valores e princípios que pertencem a cada um, a cada grupo, a cada sociedade. A Devoção à Verdade implica sempre um compromisso moral e intelectual do Maçon com a busca da Verdade objetiva, ou seja, daquilo que melhor se pode aproximar da Verdade, desde que essa busca seja feita com Integridade.

Em suma: um Cavaleiro do Oriente ou da Espada deve seguir, sempre, o exemplo de Zorobabel. Empreender o seu aperfeiçoamento e construção do seu Templo interior e de todos os outros templos, utilizando as argamassas necessárias para que o edifício tenha uma base larga, seja firme e perene: com Fidelidade aos seus princípios, com Constância e Perseverança. Um caminho que deve permitir constantemente o aperfeiçoamento de diversas virtudes, perseguidas com Fé, com Zelo e com Coragem. Com isso, um Maçon terá a capacidade de enfrentar todas e quaisquer adversidades, com bravura, resolução e determinação. Um caminho de construção e reconstrução

do nosso Templo interior, no qual teremos sempre de estar munidos de dois instrumentos fundamentais: numa mão, o instrumento necessário de trabalho constante, enquanto na outra, a arma da Vigilância permanente.

João Ferreira Gomes, 15º





Leituras

Rex R. Hutchens

A Bridge to Light



A Study in Masonic
Ritual & Philosophy

Já disponível no "site" interno do Supremo Conselho, em tradução portuguesa, realizada pelo Grande Inspector Geral, III.º: Ir.º: João Alfredo de Oliveira e Silva, 33º, a quem agradecemos o excelente trabalho.



“A paz é muito mais do que a ausência de guerra. A palavra bíblica *Shalom* indica uma condição de plenitude de vida que a violência destrói e aniquila pela raiz. Igualmente radical é a reflexão que o Papa Francisco nos oferece nestas páginas, nas quais defende a necessidade da fraternidade e denuncia o absurdo da guerra. Páginas imbuídas da dor das vítimas na Ucrânia, daqueles que sofreram no conflito no Iraque, dos eventos históricos de Hiroxima, e até da herança, inédita, dos dois conflitos mundiais do século XX.

Francisco não poupa ninguém e menciona a ganância dos poderes nas relações internacionais baseadas na força militar, a ostentação dos arsenais bélicos, e as motivações profundas daqueles que estão por trás dos conflitos que tingem o planeta de sangue. Confrontos que semeiam a morte, a destruição e o rancor, que por sua vez provocam mais morte e mais destruição, numa espiral a que apenas a conversão dos corações pode pôr fim.

A guerra é um fracasso da política e da humanidade.

Uma derrota perante as forças do mal.

O diálogo como arte da política, a construção prudente da paz, que parte do próprio coração e se estende pelo mundo inteiro, a

PAPA FRANCISCO



CONTRA A GUERRA

A CORAGEM DE CONSTRUIR A PAZ



proibição das armas atômicas, e o desarmamento como escolha estratégica são indicações concretas e operacionais que Francisco confia para que a paz se possa realmente tornar o horizonte partilhado, sobre o qual construir o mundo de amanhã.

Papa Francisco, Contra a Guerra: a coragem de construir a paz

Publicações D. Quixote, 2022

183 páginas

ISBN: 978-972-20-7522-0

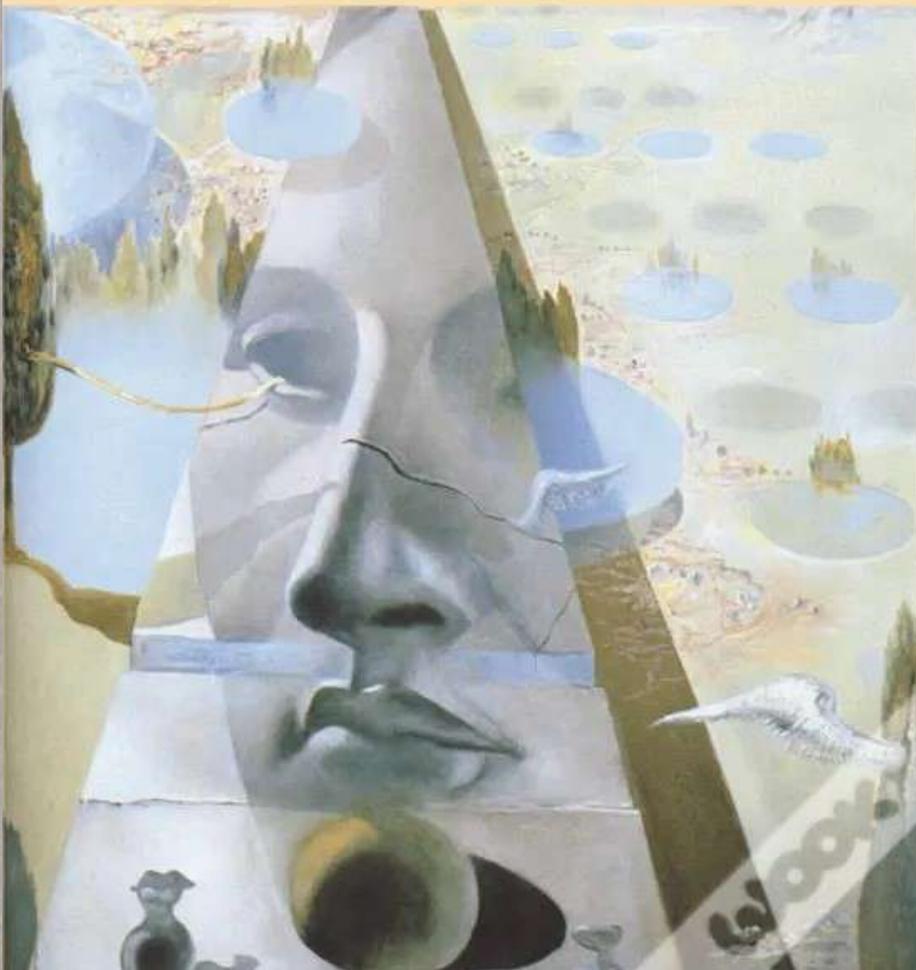
O entretenimento, a distração e a intranscendência afirmam-se nos mais diversos âmbitos da sociedade ocidental, alterando a compreensão do mundo. "A totalização do entretenimento tem como consequên-

tegra o sofrimento e o combate entre o bem e o mal. Perante esta oposição, parece impossível qualquer reconciliação. Mas, como mostra Byung-Chul Han, o jogo e a paixão talvez não sejam tão antagônicos como poderiam parecer. Para o provar, o filósofo germano-coreano toma como referência Kant, Hegel, Nietzsche, Heidegger, Luhmann e Rauschenberg, e analisa as formas de entretenimento surgidas ao longo da história, evidenciando a importância do ócio nos nossos sistemas sociais.

Entretenimento e Paixão na História do Ocidente

Byung-Chul Han

Relógio D'Água



Byung-Chul Han

Byung-Chul Han, nasceu na Coreia, estudou filosofia na Universidade de Freiburg e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique. Em 1994, fez o doutoramento na primeira destas universidades com uma tese sobre Martin Heidegger. Atualmente é Professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim.

cia um mundo hedonista."

Os valores que se lhe opõem são os da paixão, próprios das culturas cristãs, em que tradicionalmente se enaltece o trabalho, o esforço, o sofrimento e a seriedade. A arte relacionada com esses valores é a que in-

Byung-Chul Han, *Entretenimento e paixão na História do Ocidente*

Relógio de Água Editores, 2019

144 páginas

ISBN: 978-989-641-915-8

Metamorfoses

Ovídio



Boiso Cotovia Clássicos

Poucos textos da Antiguidade Clássica exerceram influência tão profícua na história da cultura ocidental, em particular nas artes plásticas, música e literatura.

Ovídio conta histórias de transfiguração, de 'metamorfose' de deuses e de homens, em fontes, árvores, rios, pedras, animais... num universo abertamente ficcional. Confundindo deliberadamente ficção e realidade, Ovídio leva o leitor a perder-se neste mundo imaginário, e mascara de verosimilhança as suas histórias, que se vão sucedendo de forma contínua, sem quaisquer comentários moralistas ou reflexões teóricas sobre o sentido das 'metamorfoses' Narciso, Eco, Aracne, Midas, Ariadne, Or-

feu e Eurídice, Pígalhão, Píramo e Tisbe, Dédalo e Ícaro,... nos versos de *Metamorfoses* construiu-se um dos mais deslumbrantes universos ficcionais da cultura ocidental.

Pela primeira vez, em versão integral em português, *Metamorfoses* foram traduzidas por Paulo Farmhouse Alberto, respeitando fielmente o fluir natural do texto original, e incluem notas, glossário e mapas, para que o leitor desfrute ao máximo da obra de Ovídio.

Públio Ovídio Naso (43 a.C.—18 d.C.)
Ovídio



Ovídio, *Metamorfoses*

Cotovia Editores, 2007

144 páginas

ISBN: 9789727952069

Como foi possível o universo ter criado condições perfeitas para o aparecimento da vida?

Stephen Hawking e Thomas Hertog trabalharam juntos durante vinte anos, desenvolvendo uma nova teoria do cosmos para o explicar.

Hawking estudou a origem do big-bang que criou o universo, mas o seu trabalho inicial foi posto em causa quando um modelo matemático previu vários big-bangs dando origem a um multiverso - incontáveis universos diferentes, a maioria dos quais demasiado bizarros para serem compatíveis com a vida. Recolhidos no Departamento de Matemática Aplicada e Física Teórica de Cambridge, Stephen Hawking e o seu amigo e colaborador Thomas Hertog trabalharam neste problema durante vinte anos, desenvolvendo uma nova teoria do cosmos com o objetivo de explicar o aparecimento da vida. Juntos, encontraram um nível mais profundo de evolução, no qual as próprias leis físicas se transformam e simplificam até as partículas, as forças e o próprio tempo. Esta descoberta levou-os a uma ideia revolucionária: as leis da física não são imutáveis; nascem e coevoluem à medida que o universo que elas governam toma forma.

A Origem do Tempo é a última teoria de Stephen Hawking, uma nova e impressionante visão do nascimento do universo que transformará profundamente a maneira como pensamos sobre o nosso lugar na ordem do cosmos

A teoria final de
STEPHEN HAWKING

Bestseller do New York Times



THOMAS HERTOOG

PRESENÇA

Thomas Hertog

Cosmólogo de renome internacional, Thomas Hertog foi, durante muitos anos, um dos colaboradores mais próximos de Stephen Hawking. Fez o seu doutoramento na Universidade de Cambridge e é atualmente professor de Física Teórica na Universidade de Lovaina, onde o big-bang foi recriado pela primeira vez.

Thomas Hertog, *Metamorfoses*

Ed. Presença, 2024

392 páginas

ISBN: 9789722372275

Uma história nova e essencial da Europa Central, os territórios dos Reinos do Meio cujas desavenças tantas vezes estiveram no centro da história mundial, cujo conhecimento é fundamental para compreender a conjuntura actual.

Martyn Rady escreveu a história definitiva da Europa Central, mostrando que esta região foi sempre mais do que a zona divisória entre o Ocidente e o Oriente.

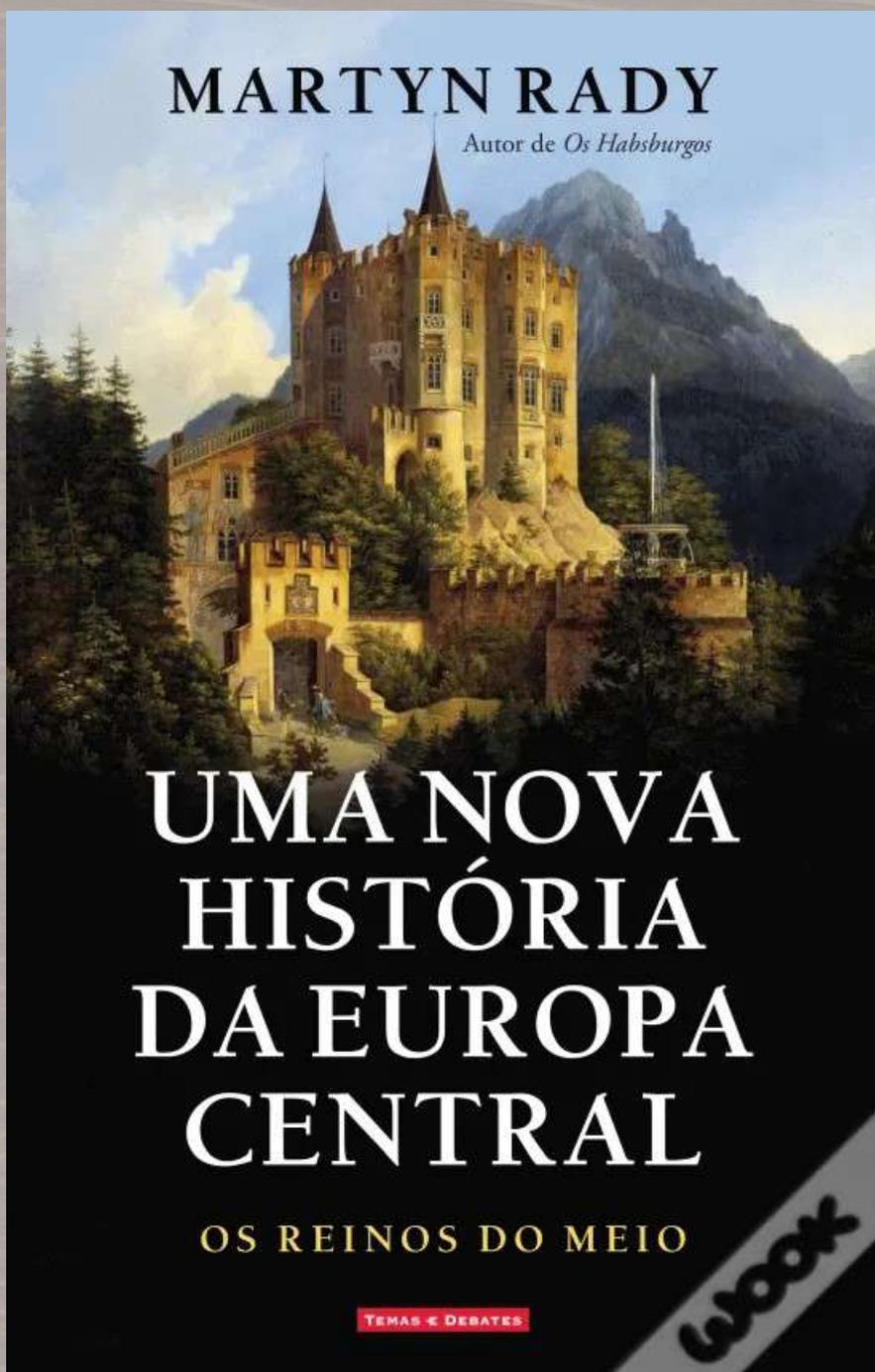
Aos centro-europeus devemos a Reforma e o Romantismo, o desenvolvimento da filosofia do Renascimento e do Iluminismo e a criação de alguns dos movimentos artísticos mais importantes do século XX.

Baseada em toda uma vida de investigação e estudo, esta obra narra como nenhuma outra a história impressionante da Europa Central ao longo de dois mil anos e explica-nos o porquê da sua importância extraordinária para os assuntos globais.

Martyn Rady, *Uma História da Europa Central: os reinos do meio*

Ed. Temas e Debates, 2023

728 páginas



«A história de Rady faz-se mais com personalidades e ideias do que com teses grandiosas. O resultado, decorrente de uma vida de estudo e de leituras vastas em diversos idiomas, transmite de forma viva a complexidade e a natureza multifacetada da Europa Central.»

Eventos



Capela de Santo André, Beja

Numa manifestação do crescimento sustentado do Supremo Conselho, realizou-se, no dia 11 de Maio, a primeira sessão da Excelsa Loja de Perfeição António Inverno, nº 60, ao Vale de Beja, primeiro corpo subordinado a funcionar na Grande Inspectoria do Alentejo, à Glória do G.: A.:D.: U.: Tratou-se de uma sessão intimista, durante a qual se procedeu à entrega ritual da respectiva Carta Patente e se procedeu à iniciação de oito Mestres Secretos, constituindo o embrião do que esperamos venha a ser o motor do crescimento do escocismo no Alentejo.

A sessão, presidida pelo T.:V.:P.:M.:, Il.: Ir.: Alexandre Cebrian Valente, 19º, teve a presença do M.: P.: Soberano Grande Comendador, Ill.: Ir.: Manuel Alves de Almeida, 33º, dos Soberanos Grandes Inspectores Gerais Ill.: e P.: Ir.: Carlos Alberto Nunes Inácio, 33º, Grande Ministro

de Ill.: e P.: Ir.: António Balcão Vicente, 33º, Grande Secretário Geral do Sacro Império, Ill.: e P.: Ir.: Manuel Martins da Costa, 33º, Grande Tesoureiro, Ill.: e P.: Ir.: Félix Lopes, 33º, Ill.: e P.:

Ir.: Luís Gomes Centeno, 33º, Ill.: e P.: Ir.: Manuel Beatriz Afonso, 33º e do Grande Inspector Geral, Ill.: Ir.: Luís Manuel e Sá Esteves, 33º, Grande Inspector Adjunto das Regiões Litúrgicas do Algarve e Alentejo.

Para a riqueza litúrgica da sessão muito contribuiu a grande beleza do templo sob a invocação de Santo André e o empenho dos Ilr.: da Grande Inspectoria do Algarve, cujo trabalho se impõe ressaltar.



FESTA DA ORDEM

Sublime Capítulo Ibéria, nº 11

Castro Marim, 03 e 04 de Maio 2024



Castelo de Castro Marim

No cumprimento do que é já uma tradição, teve lugar nos dias 3 e 4 de Maio, a realização da Festa da Ordem do Supremo Conselho que contou com um elevado número de Irmãos e na qual se fizeram representar os seguintes Supremos Conselhos com os quais mantemos relações de fraterna amizade através das delegações presididas pelos Irmãos:

- Supremo Conselho para Espanha com o Soberano Grande Comendador, Ill.º e P.º. Ir.º. Jesús Soriano Carrillo, 33º;
- Supremo Conselho para a República Federativa do Brasil com o Soberano Grande Comendador, Ill.º e P.º. Ir.º. Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º;
- Supremo Conselho para a República Argentina com o Soberano Grande Comen-



Ill.: e P.: Ir.: Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º

Comendador, Ill.: e P.: Ir.: Norberto Rossini, 33º;



Ill.: e P.: Ir.: Norberto Rossini, 33º

- Supremo Conselho dos Estados Unidos Mexicanos com o Soberano Grande Comendador, Ill.: e P.: Ir.: Juan Martín Valtierra Nájera, 33º;

- Supremo Conselho para a Turquia com o Soberano Grande Comendador, Ill.: e P.: Ir.: Harun Kuzgun, 33º;

- Supremo Conselho da Suíça com o Lugar-Tenente Grande Comendador, Ill.: e P.: Ir.: Rocco Olgiati, 33º;

- Supremo Conselho para a Polónia, com o Soberano Grande Comendador, Ill.: e P.: Ir.: Sergiusz Chądzyński, 33º;

- Supremo Conselho para a República Checa com o M.: P.: Past Soberano Grande Comendador, Ill.: Ir.: Jiří Matouš, 33º;

- Supremo Conselho Colombiano com o Soberano Grande Comendador Ill.: e P.: Ir.: Jose Guillermo Orozco Alvarez, 33º;

- Supremo Conselho para a Rússia com o Grande Hospitaleiro, Ill.: Ir.: Alexander Khodos, 33º;

- Supremo Conselho para a Letónia com o

Grande Secretário, Ill.º e P.º Ir.º Mihails Danilevics, 33º;

- Supremo Conselho para a Estónia com o Grande Secretário, Ill.º e P.º Ir.º Alar Maarend, 33º;
- Supremo Conselho da Eslováquia com o Soberano Grande Comendador, Ill.º e P.º Ir.º Branislav Opaterny, 33º;
- Supremo Conselho Nacional de França com o Soberano Grande Comendador, Ill.º e P.º Ir.º Christian

Em simultâneo teve lugar a sessão do Soberano Capítulo Rosa Cruz Ibéria, ao Oriente da Península Ibérica que reúne anual e alternadamente em Portugal e em Espanha, numa cerimónia que evidencia e re-

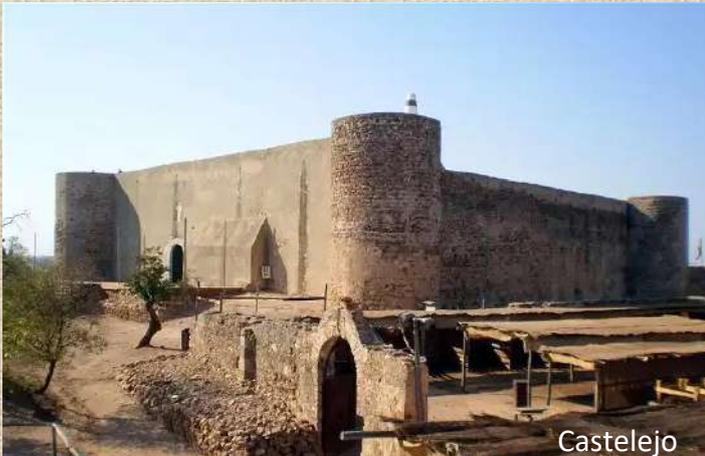


força as profundas e fraternas relações de amizade existentes entre os Irmãos dos dois Supremos Conselhos.



As sessões decorreram no Castelejo, espaço mais íntimo do Castelo de Castro Marim, primeira sede da Ordem Militar de Cristo, após a extinção da Ordem do Templo, local simbólico por excelência que muito contribuiu para a extraordinária beleza dos trabalhos.

Tratou-se de uma oportunidade ímpar de convívio entre os Irmãos e as suas famílias que muito reforçou os laços de amizade que entre nós é marca distintiva. Convívio que se aprofundou nas visitas guiadas ao



Castelejo

ao casco histórico de Vila Marim e de Vila Real de Santo António, proporcionadas pelas autarquias das duas cidades, onde se evidenciou o espírito das Luzes que tanto influenciou a sua estrutura urbana.

Mas oportunidade, também, para uma serena reflexão sobre os temas que mais caros são ao escocismo, entre os quais a Paz merece um lugar de destaque, como muito bem salientou o M.: P.: Soberano Grande Comendador na sua intervenção, ao recordar que “não há um caminho para a Paz. A Paz é o caminho”.



III.: e P.: Ir.: Jesús Soriano Carrillo, 33º

Palestra do Soberano Grande Comendador

Encontramo-nos, hoje, reunidos num cenário pouco habitual para as nossas cerimónias. Houve mesmo, entre os Irmãos, quem estranhasse o local escolhido para a Festa da Ordem de uma instituição que prima por valores defensores da Paz, da Concórdia e da fraternidade universal.

Aberto ao céu azul que hoje nos contempla, o nosso Templo corporiza a união entre os três níveis do universo, o ctónico, o terreno e o olímpico ou celestial, numa clara demonstração de que o que está em cima é como o que está em baixo, convidando-nos a mergulhar no mais profundo e nós próprios, cumprindo o princípio do VITRIOL.

Mas representa, também, uma aparente contradição. Defensores da Paz, a paz que todos almejamos, o supremo bem que acreditávamos ter definitivamente conseguido e que cada vez se afasta mais do nosso horizonte, empurrada pelo som dos tambores da guerra, reunimo-nos num terreno, num edifício erguido com objectivos primordialmente guerreiros.

De facto, o castelo onde decorrem os nossos trabalhos ergue-se sobre um castro neolítico, sucessivamente ocupado por fenícios, gregos, cartagineses e romanos. E todas as alterações de poder e de domínio deste espaço se caracterizaram por lutas guerreiras.

Com a integração no universo romano, iniciava-se um longo período de paz e de prosperidade, apenas perturbado pela breve ainda que trágica passagem de algu-

mas incursões bárbaras quando o império se desmoronava.

Os estandartes que se ergueram sobre os torreões deste castelo mudariam de cor quando o poder do Islão se instalou... quase sempre pacificamente.

É certo que, também sob o Islão, se verificaram períodos de forte confrontação guerreira em resultado da ânsia de poder que sempre caracterizou o homem, causa suprema da tragédia da guerra.

Dela, afirmava o jesuíta português António Vieira, em 1668: “É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e, quanto mais come e consome, tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, os castelos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades em que não há mal nenhum que ou se não padeça, ou se não tema, nem bem que seja próprio e seguro. O pai não tem seguro o filho; o rico não tem segura a fazenda; o pobre não tem seguro o seu suor; o nobre não tem segura a honra; o eclesiástico não tem segura a imunidade; o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus, nos templos e nos sacrários, não está seguro.”

Mas foi sobretudo de paz e de florescimento do saber o tempo do Al Andaluz. Destas terras do sul do *Gharb Al-Andalus* saíram alguns poetas sublimes como Ibn ‘Amar, Al-Mu’tamid, o rei poeta de Beja e

Ibn Darrāj al-Qastallī, nascido aqui próximo na vizinha Cacela.

Tempos de sã convivência entre as gentes das Religiões do Livro, como o Islão designava os judeus, cristãos e muçulmanos. Até que, ventos do Norte sopraram mensagens de ódio e a noção de “Reconquista” se sobrepôs à mansa convivência das gentes do Sul.

O ódio ao infiel era proclamado de todos os púlpitos da cristandade europeia. E a velha Ibéria, à semelhança do espaço sagrado da Terra Santa, transformava-se no centro de uma guerra sagrada.

O *Gharb Al-Andalus* assistiria à expulsão do poder do Islão em 1249 por acção da Ordem Militar de Santiago e o Guadiana que sempre representara um elemento de união entre os povos das suas margens, passou a constituir uma fronteira a dificultar o convívio secular.

Os seus muros, estes muros que hoje nos acolhem, foram reforçados em oposição à sua vizinha Ayamonte. Castro Marim parecia ficar definitivamente destinada à arte da guerra, agora contra os seus vizinhos cristãos, súbditos de um outro rei, do outro lado do rio, com os quais nunca deixariam de manter relações de fraterna amizade.

Entretanto, novos e distintos ventos de ódio sopravam da Europa, pretendendo varrer da face da terra o eco de um dos movimentos que mais havia influenciado a cavalaria medieval.

A Ordem do Templo, que constituía a mais importante organização na protecção dos peregrinos na Terra Santa e que, nesta Ibéria contribuiria decisivamente para o recuo da fronteira do Islão, via-se agora cercada de perigos que ameaçavam a sua extinção.

Mas todos os monarcas peninsulares tinham consciência da importância da Ordem e tudo fizeram para que nos seus territórios ela se mantivesse, ainda que sob nome distinto.

Assim, ocorreu em Portugal. E os cavaleiros do Templo, que segundo a tradição, afirmavam no seu juramento nunca considerar como inimigo nenhum cavaleiro, ainda que fosse seu adversário, por acção de D. Dinis, foram integrados na nova Ordem dos Cavaleiros de Cristo.

Foi neste castelo que constituíram a nova sede da Ordem recém-criada, ainda que mantendo a ligação umbilical com Tomar, onde se mantinha o espaço onde repousavam os seus Mestres e se erguia a Charola que lhes lembrava o templo de Jerusalém.

Sempre evocando que a guerra é o último passo a dar entre cavaleiros, numa luta leal, recordando os princípios que haviam aprendido e partilhado com os seus adversários *murabits sufis*.

O respeito pela diferença, a fraternidade entre os homens, o desejo profundo da Paz construída sobre os alicerces da Justiça e da Equidade.

Porque não há um caminho para a Paz. A Paz é o caminho.

Castro Marim, 4 de Maio de 2024

*Manuel Alves de Almeida, 33º
Soberano Grande Comendador*



**Momentos de partilha e re-
forço da amizade fraterna**



Sagrado e profano na partilha da amizade

